JESSICA TAKANO

O CAPITAL SOCIAL NA PERSPECTIVA DE REDES SOCIAIS NO CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA DE PAZ EM LONDRINA-PR

Londrina
2017

JESSICA TAKANO

O CAPITAL SOCIAL NA PERSPECTIVA DE REDES SOCIAIS NO CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA DE PAZ EM LONDRINA-PR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Ivan de Souza Dutra.

Londrina
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Takano, Jessica.
O Capital Social na Perspectiva de Redes Sociais no Conselho Municipal de Cultura de Paz em Londrina-PR / Jessica Takano. - Londrina, 2017.
113 f.

Orientador: Ivan de Souza Dutra.
Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2017.
Inclui bibliografia.

1. Capital Social - . 2. Redes e Relações Sociais - . 3. COMPAZ-LD - . I. de Souza Dutra, Ivan . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Estudos Sociais Aplicados. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

JESSICA TAKANO

O CAPITAL SOCIAL NA PERSPECTIVA DE REDES SOCIAIS NO CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA DE PAZ EM LONDRINA-PR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Administração.

BANCA EXAMINADORA

_____
Orientador Prof. Dr. Ivan de Souza Dutra
Universidade Estadual de Londrina - UEL

_____
Prof. Dr. Luís Miguel Luzio dos Santos
Universidade Estadual de Londrina - UEL

_____
Prof. Dr. Jandir Pauli
Faculdade Meridional - IMED

Londrina, 25 de abril de 2017

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Ivan de Souza Dutra, por estar ao meu lado em fases críticas e me ensinar tantas coisas.

Ao professor Dr. Luís Miguel Luzio dos Santos, que nunca deixou de me apoiar.

Ao professor Dr. Jandir Pauli, pelas inúmeras contribuições e por sua disponibilidade e atenção sempre gentis.

Aos membros do Conselho Municipal de Cultura de Paz de Londrina, que me receberam com muito carinho e possibilitaram a minha pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por possibilitar que eu me dedicasse integralmente aos estudos, com o suporte financeiro.

Aos meus pais, que sempre me incentivam a ser melhor, a estudar e a fazer tudo com dedicação, sendo o meu maior suporte.

Aos meus irmãos, Cesar, que da sua maneira, sempre acredita em mim e demonstra apoio e alegria nas minhas conquistas, e Rafael, meu irmãozinho que, mesmo de longe, está sempre presente.

Ao meu amor Raul, com quem compartilhei todas as emoções vividas neste longo caminho e que está comigo a cada dia.

Aos verdadeiros amigos que conheci no Mestrado e que vou levar para sempre.

A Deus, o criador de tudo isso.

TAKANO, Jessica. **O Capital Social na Perspectiva de Redes Sociais no Conselho Municipal de Cultura de Paz em Londrina-PR.** 2017. 113 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

RESUMO

Ao considerar o Capital Social e as Redes Sociais como perspectivas para explicarem comportamentos nas organizações a partir de processos sociais, viabiliza-se um caminho para a compreensão de fenômenos de sustentabilidade no campo da Administração. Com isto, objetivou-se compreender as manifestações de Capital Social (CS) em trocas de recursos a partir de relações sociais em eventos do Conselho Municipal de Cultura de Paz de Londrina no Paraná (COMPAZ-LD). No intuito de responder ao problema de partida, três objetivos específicos foram apresentados: a) constatar eventos do COMPAZ-LD durante o segundo semestre de 2016, b) demonstrar relações sociais formadas para a realização dos eventos selecionados e c) analisar a manifestação do CS em trocas de recursos dos eventos selecionados a partir das relações sociais demonstradas. Dessa forma, o referencial teórico foi composto pelos temas: Nova Sociologia Econômica, contribuições para a teoria de Redes Sociais e CS, princípios de Redes e Relações Sociais, assim como a formação de Redes Sociais em contexto de Sustentabilidade e referências de Capital Social para Redes Sociais. A pesquisa, de abordagem qualitativa, teve caráter descritivo e exploratório, utilizou a estratégia de estudo de caso único e contemplou a unidade de análise permeada pela Rede de Relações Sociais a partir do núcleo COMPAZ-LD. Foram utilizados observação participante, entrevistas e dados secundários, com a análise dos dados a partir da análise de conteúdo, especificamente com o critério semântico de categorias temáticas. A partir do marco teórico de Capital Social em Redes Sociais de Nan Lin, constatou-se durante 10 reuniões do COMPAZ-LD e oito eventos realizados por ele, que o CS, de fato, se manifestou por meio de uma Rede de Relações Sociais, o que foi possível observar em 11 categorias de CS advindas da teoria - 1) regras de reciprocidade, 2) capacidade associativa, 3) cooperação, 4) obrigação, 5) mecanismo eficiente, 6) interesses de grupos sociais, 7) redes e relações sociais, 8) investimento em relações sociais por retornos esperados, 9) obtenção de recursos imersos por ações instrumentais, 10) capacidade potencial (de acesso) e 11) utilização efetiva (mobilização). Observou-se também que o CS é um fomentador para o COMPAZ-LD, que a Rede de Relações Sociais do COMPAZ-LD poderia ser maior, conforme o número de seus membros formais, entretanto, as frequências nas reuniões são bastante inferiores à capacidade, que a tecnologia é uma ferramenta importante para a realização das atividades do COMPAZ-LD e que a sustentabilidade está presente nas ações do COMPAZ-LD, diante de sua proposta em si, do caráter dos eventos realizados e das falas dos conselheiros. Esta pesquisa é relevante para a Administração e para os Estudos Organizacionais porque trouxe a ligação entre a teoria de Redes e Relações Sociais e de CS, com a análise de um caso alternativo ao modelos utilitaristas de mercado, em que se observou propostas de mudanças em prol da sustentabilidade.

Palavras-chave: Capital Social. Redes e Relações Sociais. COMPAZ-LD.

TAKANO, Jessica. **The Social Capital in the Perspective of Social Networks in the Conselho Municipal de Cultura de Paz in Londrina-PR.** 2017. 113 p. Dissertation (Master in Administration) - Londrina State University, Londrina, 2017.

ABSTRACT

By considering Social Capital and Social Networks as perspectives that help explain behaviors in organizations based on social processes, a path is conceived for understanding sustainability phenomena in the field of Administration. With this, we aimed to understand the manifestations of Social Capital (CS) in exchanges of resources from social relations in events of the Municipal Council of Peace Culture of Londrina in Paraná (COMPAZ-LD). Three specific objectives were designed: a) verify some events of the COMPAZ-LD during the second half of 2016, b) demonstrate social relations formed for the accomplishment of the selected events, and c) analyze the manifestation of CS in the exchange of resources of the selected events from the demonstrated social relations. The theoretical framework comprises the New Economic Sociology, contributions to the theory of Social Networks and CS, principles of Networks and Social Relations, as well as the formation of Social Networks in a context of sustainability and Social Capital references for Social Networks. This qualitative descriptive and exploratory research used the strategy of a single case study and contemplated the unit of analysis permeated by the Network of Social Relations of COMPAZ-LD. Participant observation, interviews, and secondary data were used, with data analysis accomplished, specifically with the semantic criterion of thematic categories. From Nan Lin's theoretical framework, we found in 10 meetings and eight event of COMPAZ-LD that the CS, in fact, manifested itself through a Network of Social Relationships, in te form of 11 CS categories: 1) reciprocity rules, 2) associative capacity, 3) cooperation, 4) obligation, 5) efficient mechanism, 6) interests of social groups, 7) networks and social relations, 8) investment in social relations for expected returns, 9) obtaining immersed resources by instrumental actions, 10) potential capacity (access), and 11) effective use (mobilization). We also observed that CS is a promoter for COMPAZ-LD, that COMPAZ-LD's Social Relations Network could be wider according to the number of its formal members, although the frequencies in the meetings are well below the capacity, that technology is an important tool for the realization of COMPAZ-LD's activities and that sustainability is present in the actions of COMPAZ-LD, in view of its proposal itself, the character of the events carried out and the statements of the directors. This research is relevant to the Administration and Organizational Studies because it brought the connection between the theory of Networks and Social and CS Relations, with the analysis of an alternative case to the utilitarian market models, in which we observed proposals for changes in favor of sustainability.

Keywords: Social Capital. Social Networks and Relations. COMPAZ-LD.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACAMPAZ	Acampamento pela Paz
ACEL	Associação Cultural e Esportiva de Londrina
BSGI	Brasil Soka Gakkai Internacional
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CMDCA	Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente
CMDI	Conselho Municipal dos Direitos do Idoso
COMPAZ-LD	Conselho Municipal de Cultura de Paz
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
CS	Capital Social
Econorte	Empresa Concessionária de Rodovias do Norte
EUA	Estados Unidos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Denvolvimento Humano Municipal
MS	Movimentos Sociais
MSPL	Movimento Social pela Paz em Londrina
NEAB	Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros
NSE	Nova Sociologia Econômica
ONG	Organização Não Governamental
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PIB	Produto Interno Bruto
PPGA	Programa de Pós Graduação em Administração
RAE	Revista de Administração de Empresas
REOS	Grupo de Estudos em Redes Organizacionais, Sociais e Sustentabilidade
RPC	Rede Paranaense de Comunicação
SE	Sociologia Econômica
SINCOVAL	Sindicato do Comércio Varejista de Londrina e Região
SPELL	Scientific Periodicals Electronic Library
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UniFil	Centro Universitário Filadélfia
UNOPAR	Universidade Norte do Paraná

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - NSE dos EUA e NSE da Europa.....20
Quadro 2 - Eixos de Atuação da Rede Nossa São Paulo.....33
Quadro 3 - Categorias relacionadas ao Capital Social de Lin (1999a, 2005) 50
Quadro 4 - Definição das Categorias e Subcategorias de Análise 57
Quadro 5 - Cronograma Executivo: 2015-2016 58
Quadro 6 - Cronograma Executivo: 2016-2017 59
Quadro 7 - Recursos para a Pesquisa.....59
Quadro 8 - Síntese da Estratégia Metodológica 59
Quadro 9 - Instituições do COMPAZ-LD 2016-2018.....68
Quadro 10 - Agenda de Atividades COMPAZ-LD 2016 78
Quadro 11 - Eventos COMPAZ-LD acompanhados pela pesquisadora 80
Quadro 12 - Instituições na Primeira Reunião 82
Quadro 13 - Média de Pessoas Presentes nas Reuniões 84
Quadro 14 - Categorias relacionadas ao Capital Social 110

LISTA DE GRAFOS

Grafo 1 - Rede de Pessoas que Participaram de Reuniões 69
Grafo 2 - Rede de Instituições que Participaram de Reuniões 70
Grafo 3 - 1ª Reunião - 06/07/16.....71
Grafo 4 - 2ª Reunião - 20/07/16.....72
Grafo 5 - 3ª Reunião - 03/08/16.....72
Grafo 6 - 4ª Reunião - 17/08/16.....73
Grafo 7 - 5ª Reunião - 31/08/16.....73
Grafo 8 - 6ª Reunião - 05/10/16.....74
Grafo 9 - 7ª Reunião - 26/10/16.....74
Grafo 10 - 8ª Reunião - 09/11/16.....75
Grafo 11 - 9ª Reunião - 23/11/16.....75
Grafo 12 - 10ª Reunião - 07/12/16.....76
Grafo 13 - Conselheiros que mais Participaram das Reuniões 77

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Regras para o Grupo do aplicativo WhatsApp® 86
Figura 2 - Convite da Festa das Nações Lusófonas 88
Figura 3 - Convite Tarde ComPaz 93

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1 - Caminho Teórico para a Análise de Redes Sociais 30
Diagrama 2 - Apresentação da Unidade de Análise 51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12
1.1 Objetivo Geral 15
1.1.1 Objetivos específicos 15
1.2 Justificativa 15

2 NOVA SOCIOLOGIA ECONÔMICA: CONTRIBUIÇÕES PARA A TEORIA DE REDES SOCIAIS E CAPITAL SOCIAL 18

3 PRINCÍPIOS DE REDES E RELAÇÕES SOCIAIS 25
3.1 Formação de Redes Sociais em Contexto de Sustentabilidade 31

4 REFERÊNCIAS DE CAPITAL SOCIAL PARA REDES SOCIAIS 37
4.1 Capital Social no Entendimento de Tocqueville (2010) 37
4.2 Capital Social no Entendimento de Fukuyama (2001) 39
4.3 Capital Social no Entendimento de Putnam (2007) 39
4.4 Capital no Entendimento de D'Araújo (2003) 42
4.5 Capital Social no Entendimento de Coleman (1990) 43
4.6 Capital Social no Entendimento de Franco (2001) 44
4.7 Capital Social no Entendimento de Lin (1999a, 2005) 45
4.8 Categorias de Capital Social com o Marco Teórico em Lin (1999a, 2005) 49

5 PERCURSO METODOLÓGICO 52
5.1 Classificação Geral da Pesquisa 52
5.2 Coleta de Dados 53
5.3 Unidade de Análise 55
5.4 Instrumento de Coleta de Dados 55
5.5 Definição Operacional das Categorias 56
5.6 Análise dos Dados 57
5.7 Limitações 58
5.8 Cronograma e Recursos 58
5.9 Síntese da Estratégia Metodológica 59

5.10 Sondagem 60
5.10.1 Primeiro contato com um membro do COMPAZ-LD 60
5.10.2 A visão de um ator proeminente de Londrina 61

6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 65
6.1 CONTEXTO ORGANIZACIONAL DO COMPAZ-LD 65
6.2 Reuniões do COMPAZ-LD 71
6.3 Eventos do COMPAZ-LD 77
6.3.1 Segundo Ato pela Paz Mundial 80
6.3.2 Formação de uma Rede de Instituições em Prol da Cultura de Paz de Londrina 81
6.3.3 Plataforma Retornar 84
6.3.4 Grupos no WhatsApp®: Rede de Paz de Londrina e Ação COMPAZ 85
6.3.5 Primeira Festa das Nações Lusófonas 87
6.3.6 Oitavo Abraço no Lago 89
6.3.7 Terceiro Manifesto pela Paz e pelo Desarmamento Infantil 91
6.3.8 Tarde ComPaz 92
6.4 Concepção de Redes Junto aos Membros do COMPAZ-LD 94
6.5 Concepção de Capital Social para os Membros do COMPAZ-LD 96
6.6 Indícios de Possíveis Manifestações de Capital Social nas Relações Sociais do COMPAZ-LD 97

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 101

REFERÊNCIAS 105

APÊNDICES 110

APÊNDICE A - CATEGORIAS DE CAPITAL SOCIAL 110
APÊNDICE B - FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO DA PESQUISA 111
APÊNDICE C - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE 113

1 INTRODUÇÃO

A temática deste estudo aborda como as Relações Sociais podem ou não configurar o Capital Social (CS) na atuação para a sustentabilidade, especificamente em ações pela paz de uma localidade. Nesse contexto destaca-se o sistema capitalista, que, apesar de trazer inúmeros progressos econômicos e tecnológicos, especialmente a partir da Revolução Industrial, também se mostrou bastante prejudicial a outras dimensões da sociedade, a exemplo da ambiental, cultural, política, geográfica e social. Principalmente nos países capitalistas, as relações humanas com a natureza e com as coisas materiais obedecem uma lógica de racionalidade instrumental e econômica, em que os interesses particulares são preponderantes sobre os interesses públicos, o que estimula as relações sociais cada vez mais individualistas.

Ainda que pouco representativo, o conceito de sustentabilidade aparece, inicialmente, em resposta aos problemas ambientais de ordem mundial. O Relatório de Brundtland, elaborado em 1987, oficializou o termo “desenvolvimento sustentável”, afirmando que deve haver preocupações tanto com as gerações presentes quanto as futuras de forma a satisfazer as necessidades de ambas (WCED, 1987).

Todavia, essa definição não tem sido suficiente para o alcance da sustentabilidade, conceito não unificado e que apresenta diversas faces (HOPWOOD *et al*., 2005; LEFF, 2010). A pobreza, a violência, a poluição, a depredação ambiental, o esgotamento de recursos, os riscos e as ameaças à vida (FOLADORI, 2001; BECK, 2010) são alguns dos problemas que estão além do desenvolvimento sustentável de Brundtland. Segundo Foladori (2001), os conflitos sociais que influenciam na relação do homem com a natureza, advindos da lógica capitalista, são o problema central da sustentabilidade, representada pelo repensar do processo econômico e da produção.

Nesse contexto, modelos alternativos de organizações surgiram na tentativa de trazer novas propostas e mudanças para ou a partir da sociedade, tanto de forma radical como incremental. Várias são suas motivações: questões sociopolíticas, causa animal, necessidade financeira, ideologias, violência, meio ambiente, entre outras. Entre os modelos alternativas estão as cooperativas, os negócios sociais, os

movimentos sociais, as organizações de economia solidária e os relacionamentos sociais que podem formar redes de relações, o tipo de configuração organizacional que será estudado.

De acordo com Dobbin (2005), no cerne dos processos sociais estão as teorias do poder, as instituições, e as redes sociais. Assim, a Sociologia Econômica (SE) e a Teoria de Redes e Relações Sociais são referências para a fundamentação e análise do trabalho. Essa relação se dá porque a Nova Sociologia Econômica (NSE) procura discutir as teorias neoclássicas da economia com uma perspectiva sociológica, na convicção de que os fenômenos econômicos estão imersos em fenômenos sociais (SWEDBERG, 2004) e a Teoria de Redes Sociais entende que as organizações estão imersas em uma rede de relações sociais (GRANOVETTER, 2007) e são consideradas um sistema de objetos (pessoas, grupos e as próprias organizações) unidos por diversos tipos de relacionamentos (TICHY; TUSHMAN; FOMBRUN, 1979).

No contexto de Rede Social como organização alternativa, Romagnolo (2016) estudou o Movimento Social pela Paz em Londrina (MSPL), que, entre diversas ações, foi fundamental para a criação do Conselho Municipal de Cultura de Paz de Londrina (COMPAZ-LD), e apresentou indícios de CS.

Compreender o COMPAZ-LD em uma perspectiva que extrapole as delimitações de organização formal, isto é, a de Rede Social, envolve compreender como seus atores se estruturam, como são as suas relações, o que surge delas e, principalmente, compreender a esfera social no mesmo patamar ou até acima da esfera econômica. Dessa forma, a Teoria de Redes Sociais é considerada neste trabalho como uma ferramenta metodológica que procura a manifestação do CS e também como uma estratégia de atores na busca da realização de interesses compartilhados.

Segundo Lin (2005), o CS é definido como recursos incorporados em Redes Sociais, acessados ou mobilizados por meio de laços das relações sociais, formadas por diferentes níveis de interações. Para Putnam (2007), clássico da área, é uma relação de troca de favores em que há uma reciprocidade dos envolvidos.

Entender manifestações do CS a partir de modelos organizacionais alternativos, como em Rede, pode trazer contribuições empíricas e teóricas tanto para a área de CS quanto para a área de Redes Sociais, cuja relevância é ainda maior ao considerar a atuação do COMPAZ-LD em prol da sustentabilidade por meio

de ações pela paz, que tem característica transformacionista em suas propostas idealistas e reformista na forma de alcançar seus resultados (HOPWOOD *et al*., 2005).

O COMPAZ-LD atua desde 2008 em Londrina, cidade no interior do Paraná, composta por cerca de 548.249 habitantes (IBGE, 2015) e 4º maior município do sul do Brasil. Apesar de possuir o 3º maior PIB (Produto Interno Bruto) do estado (IPARDES, 2013), a cidade apresenta diversos problemas sociais que, considerados em conjunto, influenciam diretamente na questão da violência.

Entre os dados sociais, destacam-se mais de 9 mil famílias dependentes do Programa Bolsa Família, por volta de 50 mil pessoas (cerca de 6% da população) (DATASUS, 2016) e o Índice de Gini, que mede o grau de concentração da distribuição de renda domiciliar, de 0,5226 (IPARDES, 2016), próximo à média do Brasil de 0,519 (IBGE, 2015), que se encontra entre os 10 países mais desiguais do mundo. Segundo o IBGE (2015), o número de indivíduos que residem em favelas, consideradas regiões “subnormais”, é de 7.992 pessoas.

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), que calcula indicadores de expectativa de vida, renda e educação, apresenta uma expressiva melhora de 0,588 em 1991, 0,716 em 2000 e 0,778 em 2010 (os índices de 0,700 a 0,799 são considerados altos pelo IBGE). Todavia, o índice de 0,778 de 2010 é composto por 0,837 de expectativa de vida (75,19 anos), 0,712 de educação (0,64 de escolaridade da população adulta e 0,74 de frequência escolar da população jovem) e de 0,789 de renda (renda per capita de R$ 1.083,35), ou seja, ainda que o IDHM tenha melhorado nos últimos anos, a educação representa uma condição crítica na cidade, índice que pode gerar mais violência. Há em Londrina cerca de 98.684 pessoas analfabetas (acima de 15 anos que não sabem ler, nem escrever um bilhete simples, e que assinam apenas o seu próprio nome) (IBGE, 2010).

Isso posto, a questão emergente neste trabalho é: como se manifesta o Capital Social em trocas de recursos a partir de relações sociais em eventos do Conselho Municipal de Cultura de Paz de Londrina no Paraná (COMPAZ-LD)?

1.1 Objetivo Geral

Compreender as manifestações de Capital Social em trocas de recursos a partir de relações sociais em eventos do Conselho Municipal de Cultura de Paz de Londrina no Paraná (COMPAZ-LD) durante o segundo semestre de 2016.

1.1.1 Objetivos específicos

a) Constatar eventos do COMPAZ-LD durante o segundo semestre de 2016;
b) Demonstrar relações sociais formadas para a realização dos eventos selecionados;
c) Analisar a manifestação do Capital Social em trocas de recursos dos eventos selecionados, a partir das relações sociais demonstradas.

1.2 Justificativa

Diante de problemas insustentáveis (violência, desemprego, má qualidade de educação, saúde precária etc.), cresce a importância da compreensão do CS e da busca de outro tratamento para as relações sociais. Diferente da racionalidade fundada na economia, tal perspectiva leva a dilemas que precisam ser problematizadas e confrontados. A atuação do COMPAZ-LD é de nível local, mas tem amplitude global ao considerar a ocorrência desses problemas no Brasil e em muitos países.

Como afirma D'Araújo (2003), o CS refere-se à capacidade de organização de uma sociedade, com o estabelecimento de laços de confiança entre as pessoas, com redes de cooperação e com o objetivo de produzir bens coletivos. Alguns elementos básicos do Capital Social para a autora são a confiança, reciprocidade e participação cívica. Dessa forma, o CS, por meio de relações sociais, pode contribuir para fins sustentáveis, na medida em que relacionamentos entre pessoas com objetivos comuns apontem para resultados benéficos conjuntos.

Em relação às contribuições teóricas, algumas questões são levantadas com o intuito de que sejam refletidas ao final do trabalho: se, da análise feita, podem surgir novas categorias de CS, se todas as categorias propostas se aplicaram, se

existe diferença no que consta na teoria e no que foi percebido na unidade de análise e qual foi a relação encontrada entre Redes Sociais e CS.

Com as reflexões referentes a essas questões, a pesquisa avança no sentido de trazer novas relações entre CS e Redes Sociais, temas importantes na área da Administração, ciência social aplicada que ensaia mudanças no predomínio do paradigma funcionalista, que tanto vigorou até então. A partir da busca feita por trabalhos científicos nas bases de dados *Spell* (*Scientific Periodicals Electronic Library*) e *Science Direct*, há poucos estudos recentes (últimos cinco anos) na área da Administração sobre CS e Redes Sociais, conjuntamente.

Ducci e Teixera (2011) trazem contribuições brasileiras sobre CS e Redes Sociais, e Granovetter (1985), Burt (1992; 1997; 1998; 2000; 2001) e Lin (1999a, 2001, 2005), internacionais. Ainda que esses estudos não apresentem o mesmo objeto de análise, procuram em comum aprofundamentos e compreensões da construção do CS, níveis de análise, tipos de CS e suas dimensões.

Em termos práticos, o estudo, que visa compreender o CS do Conselho analisado, contribui para o desenvolvimento deste em relação aos pontos estudados (categorias de CS). Com os resultados da pesquisa, conclusões que talvez não seriam constatadas de forma particular por membros do Conselho, poderiam ser enfatizadas, trazendo benefícios organizacionais e relacionais. Com a possibilidade de sugestões de modificações da realidade, ao término do trabalho, por meio de uma reunião com os conselheiros, pode-se expor os principais resultados empíricos alcançados. Esses resultados publicados também contribuirão com outras organizações que não fizeram parte do trabalho mas que se assemelham quanto à estrututra e aos objetivos, por exemplo.

Esta dissertação é um dos frutos do Grupo de Estudo em Redes Organizacionais, Sociais e Sustentabilidade (REOS) da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Além desta dissertação, desde o surgimento do grupo, outras três foram publicadas: 1) “As relações sociais pela gênese de uma cooperativa de catadores de resíduos sólidos urbano no norte paranaense sob a perspectiva da Imersão Social de Granovetter (2007, 1992, 1973)” (GONÇALVES, 2012), 2) “A inserção socioeconômica de catadores de recicláveis em Londrina, Paraná: a influência de ações econômicas em Imersão Social de Redes Sociais” (MASSARO, 2014) e 3) “A imersão de Redes Sociais em ações de participação cidadã no

Movimento Social pela Paz em Londrina - Paraná” (ROMAGNOLO, 2016), trabalho que serviu de base para a elaboração deste.

A ligação entre o trabalho de Romagnolo (2016) e este é que o primeiro tratou do MSPL, mais especificamente, e o segundo trata do COMPAZ-LD, Movimento e Conselho que trabalham conjuntamente. A escolha do COMPAZ-LD se deu porque nesse Conselho são desenvolvidas e operacionalizadas as ações pela paz, consideradas nesse estudo como ações em prol da sustentabilidade no convívio humano, que impacta a cidade de Londrina e região. Além disso, o COMPAZ-LD se relaciona com os três setores da sociedade, o Estado, o Mercado e a Sociedade Civil Organizada.

Observa-se que os trabalhos concluídos, assim como este, seguem uma linha de pesquisa que envolve as relações sociais. Isso se dá porque se busca um aprofundamento do tema de forma longitudinal, com o envolvimento de várias pessoas por vários anos. Como os outros três trabalhos estudaram a Imersão Social em si, este tem a proposta de introduzir o tema Capital Social, avançando e abrindo novos horizontes no campo das Redes Sociais.

2 NOVA SOCIOLOGIA ECONÔMICA: CONTRIBUIÇÕES PARA A TEORIA DE REDES SOCIAIS E CAPITAL SOCIAL

Neste capítulo serão abordados alguns conteúdos importantes da Nova Sociologia Econômica (NSE) no que se referem a suas origens, definições, importância no contexto organizacional, exemplos de estudos empíricos, perspectivas futuras e desafios, para se poder estabelecer sua relação com as teorias de Redes Sociais e Capital Social.

A NSE é uma das correntes da Sociologia Econômica (SE) que advém de trabalhos da sociologia clássica de Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim. A SE pode ser entendida como o estudo dos fenômenos econômicos embasado em uma abordagem sociológica, com contrapontos aos fundamentos da ciência econômica neoclássica, buscando uma demonstração de que o mercado e os fenômenos econômicos são construções sociais (SERVA; ANDION, 2006).

Polanyi (1944/2000), a partir do termo “embeddness”, traz as primeiras críticas ao isolamento econômico ao afirmar que relações econômicas estão “enraizadas” em relações sociais. O termo foi retomado por Granovetter (1985), ao tratar da “imersão social”, considerada ações econômicas imersas em relações sociais, embasado na Nova Sociologia Econômica.

“O liberalismo econômico interpretou mal a história da Revolução Industrial porque insistiu em julgar os acontecimentos sociais a partir de um ponto de vista econômico” (POLANYI, 2000, p. 52). Diante da institucionalização da economia de mercado com a Revolução Industrial inglesa, a economia ganhou autonomia e afastou-se das questões sociais, trazendo graves desarticulações nesta área. Dessa forma, o autor apresenta a ideia de “embeddedness” a partir da sua contestação do contrário, o “disembeddedness”.

Smelser e Swedberg (2005) expõem que o entendimento da economia, o qual se encaminhava para modelos de atores altamente racionalistas que mantinham distância dos estudos comparativos e históricos, foi questionado por Marx e Weber, a partir do papel das instituições sociais na formação do comportamento econômico. Porém, suas ideias foram rejeitadas pelos próprios economistas e acolhidos por sociólogos.

Marx, Weber e Durkheim buscaram compreender o surgimento do comportamento econômico moderno por meio da comparação das sociedades pré-capitalistas até as capitalistas. Cada um deles discutiu pontos distintos em seus estudos: Marx explorou a transição do feudalismo para o capitalismo, Weber procurou compreender os avanços capitalistas com o surgimento do protestantismo, e Durkheim estudou o aumento da divisão capitalista do trabalho. Ou seja, os três, com métodos comparativos e históricos, desenvolveram concepções para explicar as variações do comportamento humano ao longo do tempo em diferentes contextos. Analistas comparativos históricos buscam entender como as forças sociais influenciam as mudanças nos sistemas econômicos (DOBBIN, 2005).

De acordo com a afirmação de Swedberg (2004), a economia pode influenciar a arte e a religião, por exemplo, da mesma forma que a arte e a religião podem influenciar a economia:

> Todos os fenômenos econômicos são sociais por sua natureza; estão enraizados no conjunto ou em parte da estrutura social. [...] o *homo economicus* não existe – existem apenas atores econômicos concretos que possuem uma determinada idade, uma determinada inserção, pertencem a um gênero, e assim por diante (SWEDBERG, 2004, p. 7-8).

A SE apresenta várias correntes que possuem conceitos centrais distintos, opções de pesquisas, autores e obras-chave particulares. Em um trabalho francês desenvolvido por Lévesque, Bourque e Forgues (2001), foram identificadas nove correntes internas, mas todas com a crítica aos fundamentos da economia neoclássica, defendendo a construção social da economia (SERVA; ANDION, 2006).

Granovetter, considerado o fundador da NSE, afirma que sua "[...] ambição é mostrar que as teses neoclássicas seriam reforçadas, mesmo em seu domínio mais central, se lhes fosse acrescentada uma perspectiva sociológica" (GRANOVETTER, 2001, p. 207). O primeiro uso do termo NSE foi em uma conferência na Associação Norte-Americana de Sociologia, em Washington, no ano de 1985. O objetivo do conceito era que "[…] a moderna sociologia econômica, contrastada com a 'velha sociologia econômica' dos anos de 1960 (Parsons, Moore etc.), deveria focalizar as instituições econômicas chaves" (SWEDBERG, 2004, p 10).

Swedberg (2004) apresenta dois quadros com as principais características da NSE, um com a NSE dos Estados Unidos (EUA) (p. 9-10) e outro com a NSE da Europa (p. 15). Segue uma adaptação desses dois quadros, com o intuito de

contextualizar a NSE e demonstrar a importância do tema em âmbito internacional. Enfatiza-se que o quadro não é comparativo, mas apresenta informações diferentes de cada lugar.

Quadro 1 - NSE dos EUA e NSE da Europa

NSE - EUA	
Enfoque	Teoria de Redes, Teoria das Organizações e Sociologia Cultural.
Conceitos	Enraizamento e construção social da economia.
Alicerces acadêmicos	Universidade Estadual de NY (1980); Universidades de Stanford, Cornell, Berkeley, Princeton e Northwestern; Harvard Business School e Sloan School of Management.
NSE - Europa	
Fontes de inspiração	NSE norte-americana; Bordieu, Boltanski, Luhman, Giddens, Latour, Callon, Teoria do ator em Redes.
Importantes áreas de pesquisa	Sociologia Econômica Geral, Sociologia das Finanças, Sociologia da Economia, Sociologia dos Mercados de Arte, Sociologia da Herança e Sociologia Econômica Fenomenológica.
Países com principais especialistas	Inglaterra, França, Alemanha, Hungria, Itália, Holanda, Portugal, Escócia e Suécia.

Fonte: Adaptado de Swedberg (2004, p 9-10 e 15).

Aqui, abordam-se mais as características do contexto americano, por conta da escolha dos autores de base Swedberg e Granovetter, por sua relação com o Capital Social, que traz a perspectiva de laços e relações sociais incorporados em Redes Sociais (LIN, 2005). Ao longo do texto, no entanto, também se mencionam influências europeias.

De acordo com Serva e Andion (2006), a relevância que a NSE apresenta no contexto dos estudos organizacionais ocorre a partir do final da década de 1960, quando começam os questionamentos ao paradigma funcionalista dominante e aumenta a influência dos estudos críticos no campo.

É válido tratar rapidamente os dois temas, funcionalismo e estudos críticos, para que se entenda melhor o contexto da NSE. O funcionalismo, segundo os estudos de Burrel e Morgan (1979), deve muito aos fundamentos teóricos da sociologia de Comte, que, por meio do modelo “positivo” das ciências naturais, fez uso de analogias mecânicas e orgânicas e diferenciou o estático (estrutura) e o dinâmico (processo). Para Hebert Spencer, o estudo da sociologia era visto como um estudo da evolução de uma forma mais complexa, em que o fenômeno social era considerado em termos de “estrutura” e “função”, complementando a teoria de Comte com o entendimento das partes no todo. O funcionalismo estrutural entende a

sociedade a partir de um sistema autorregulado, com a evolução da sociedade marcada por mudanças na estrutura e processos de diferenciação e integração. Uma visão de realidade social que reforça o *status quo*, e que se baseia em um predomínio ideológico, presente na sociedade ocidental contemporânea (BURREL; MORGAN, 1979).

Para a NSE, as organizações são consideradas sistemas complexos, com diversas dimensões, tais como econômica, social, humana, psíquica, cognitiva, técnica, política e cultural, o que contesta a formação tecnicista de administradores por possuir visões limitadas dos indivíduos e das organizações (GUERREIRO RAMOS, 1989; SERVA; ANDION, 2006).

Já os estudos críticos são classificados, segundo Burrel e Morgan (1979), dentro do paradigma humanista radical. Esse paradigma acredita em uma sociologia da mudança radical, de maneira subjetivista, com ênfase na destruição e transcendência das limitações dos arranjos sociais. Afirma que a mudança deve ocorrer contra os modos de dominação, com a emancipação e com a consciência humana (BURREL; MORGAN, 1979). Todavia, além dos autores mencionados, os estudos críticos possuem diversos olhares e definições (FARIA, 2009; PAES DE PAULA, 2008; ADLER, 2007).

Assim, defende-se que os estudos da NSE possibilitam caminhos para o entendimento de variadas esferas das organizações e suas interações, com melhores compreensões das dimensões sociológicas do universo organizacional. O diálogo da NSE com os estudos organizacionais representa possibilidades de se entenderem os atores econômicos, centrais na lógica dos mercados, afirmando que seu funcionamento não é definido simplesmente pelo “tipo ideal” da burocracia, do modo tratado por Weber (SERVA; ANDION, 2006).

Portanto, dentro de uma visão predominantemente economicista do ambiente, acredita-se na importância da incorporação dos estudos da NSE para uma maior compreensão do ambiente político-econômico, que vai ao encontro da ideia de relações sociais presente no conceito de Capital Social (LIN, 1999a, 2005). Dessa forma, “[...] um diálogo maior com os autores no campo da teoria das organizações e, em particular, da estratégia na visão sociopolítica poderia ser enriquecedor, permitindo caracterizar de forma mais abrangente os atores do campo econômico e suas formas de influência” (SERVA; ANDION, 2006, p. 15).

Nos últimos anos surgiram importantes estudos empíricos na área da NSE, que representam exemplos da teoria aplicada na prática. A revista *Tempo Social*, da Universidade de São Paulo, elaborou um número especial para a SE (v. 16, n. 2, São Paulo, 2004), com sociólogos brasileiros e artigos com temas como o mercado como construção social, padrões de qualidade, modernização, desemprego, cultura e finanças (MARTES *et al*., 2007). Após esta publicação, foi organizado um fórum na Revista de Administração de Empresas (RAE) em 2007 com o intuito de divulgar trabalhos realizados na área.

Três trabalhos foram expostos na RAE: 1) “Habilidades sociais no mercado de leite” de Reginaldo Sales Magalhães, 2) “Dinâmica de mercado e trajetória de produtores em face do sistema de classificação de vinhos” de Marie France Garcia-Parpet e 3) “Economia e empreendedorismo étnico: balanço histórico da experiência paulista” de Oswaldo Mário Serra Truzzi e Mário Sacomano Neto.

O primeiro questiona as leis de mercado, afirmando que fatores econômicos não são determinantes nas relações de concorrência e que os fatores habilidades sociais, identidade social, cooperação e território também influenciam nas escolhas dos consumidores. O segundo trata da dinâmica de mercado conforme um fenômeno social, evidenciando a importância de instituições na construção social dos mercados. E o terceiro e último considera relações entre atividade empresarial e etnicidade, analisando possibilidades de emprego de imigrantes com a dinâmica de suas comunidades, “[…] imersas em Redes de relacionamento e geradoras de Capital Social” (MARTES *et al*., 2007, p. 13).

Apesar deste trabalho considerar as ideias apresentadas sobre a NSE nesse tópico, Beckert (2007) a critica, reconhecento que existem influências das relações sociais em decisões individuais, mas afirmando que o foco em excesso nas relações sociais pode comprometer a visão sistêmica, que, a seu ver, é a mais correta. Ele também defende que a imersão social não se conecta com problemas de agentes do mercado, desconsiderando contextos políticos, cognitivos e culturais presentes na economia.

Relacionado a isso, sobre perspectivas futuras da área, Serva e Andion (2006) apontam questões em que a NSE poderia se aprofundar porque ainda se encontram em aberto:

> Quais são as características dos atores sociais que agem no campo econômico? De que modo podem-se descrever os campos socioeconômicos, nos quais as organizações são os principais atores? Quais os tipos de racionalidade que movem a ação desses atores e os fazem atuar no mercado? De que modo e por meio de quais instrumentos as relações de poder influenciam as organizações e os mercados? Até que ponto a inserção social dos mercados se contrapõe à "mercantilização" dos espaços da vida? (SERVA; ANDION, 2006, p. 11).

Serva e Andion (2006) sugerem um diálogo entre a NSE e teorias que trabalhem a questão do poder nas organizações, buscando maior clareza sobre atores, fontes e configurações de poder no contexto das organizações e do mercado, dado que o ser humano depende das organizações para satisfazer a maioria de suas necessidades.

Swedberg (2004) acredita que a NSE apresenta muitos horizontes porque sociólogos renomados são atuantes no campo e porque a quantidade de discentes de pós-graduação com interesse no tema tem aumentado. O autor aponta que muitos aspectos ainda são negligenciados, a exemplo da tecnologia, economia, gênero e outros. Uma questão preocupante é a de que o campo apresenta uma incipiente fundamentação teórica, com "[…] uma linha divisória muito abrupta entre o que é "econômico" e o que é "social"" (SWEDBERG, 2004, p. 25). Há certa dificuldade de lidar com a cultura, instituições, macrofenômenos e política, elementos que, somados, instituem grande parte da economia: "Essas ideias carecem de solidez; e a posição central delas na atual sociologia econômica pode ser atribuída muito mais ao acaso e a uma certa dependência intelectual do que a um trabalho teórico de fôlego, do tipo desenvolvido, por exemplo, por Max Weber em *Economia e sociedade"* (SWEDBERG, 2004, p. 25).

O texto agora segue com a fundamentação teórica de Redes Sociais, teoria embasada pela NSE. Martes *et al*. (2006, p. 11) afirma que "[…] a perspectiva analítica do estudo de Redes reforçou e expandiu a sociologia econômica e, ao mesmo tempo, renovou um conjunto de questionamentos sobre importantes pressupostos da teoria econômica ortodoxa".

Smelser e Swedberg (2005) defendem que, diferentemente da maioria dos economistas neoclássicos, que consideram o interesse próprio uma premissa do comportamento econômico, os sociológicos econômicos olham o comportamento econômico na variação do tempo, da localização e do contexto social. E ainda, afirmam (Smelser e Swedberg) que o cerne da questão está baseado em três

processos: o Poder, as Instituições e as Redes Sociais. As Redes Sociais, na medida em que apresentam a ação social de uma maneira dinâmica em relação aos modelos normativos ou estruturas tradicionais, possibilitam mais versatilidade para a compreensão do Capital Social.

3 PRINCÍPIOS DE REDES E RELAÇÕES SOCIAIS

A Teoria de Redes e Relações Sociais, se vista em Durkheim, considera o comportamento e a identidade do indivíduo moldado a partir da posição em um meio social em que está inserido. “Para Durkheim, Redes Sociais moldam as ações dos indivíduos, não apenas em um sentido negativo [...], mas em um sentido positivo, de estabelecer padrões de comportamento aceitos” (SMELSER; SWEDBERG, 2005, p. 28, tradução nossa).

Granovetter (1973) aponta que a análise de Redes Sociais é considerada uma ferramenta de ligação entre os níveis micro e macro da teoria sociológica. Por meio das Redes de interação em pequena escala, padrões de grande escala são produzidos, e estes, por sua vez, realimentam pequenos grupos. Com um aspecto de pequena escala de interação da força de laços interpessoais, o uso da análise de Redes pode se relacionar com fenômenos macro variados, como difusão, mobilidade social, política, organização e coesão social.

Tichy, Tushman e Fombrun (1979) apresentam uma introdução à abordagem de Redes Sociais, suas origens, principais conceitos e métodos, com o enfoque de uso da teoria em ambientes organizacionais. Inicialmente, afirmam que, com métodos de análise de Redes, os dados podem ser trabalhados e examinados para capturar processos organizacionais significativos em diferentes níveis de análise (individual, grupal, organizacional), em que a perspectiva de Rede Social é capaz de ligar abordagens micro e macro, como afirma Granovetter (1973).

No início, Redes eram estudadas especialmente por sociólogos. Granovetter (1973) definiu Redes Sociais como um “[…] conjunto de dois ou mais atores ligados por relações sociais ou laços com tipos específicos” e desenvolveu trabalhos que discutem a importância e o papel das Redes no mercado de trabalho. Com o decorrer do tempo, esse tema passou a ser de interesse de economistas também.

Para Mitchell (1969), Redes Sociais são “[...] um conjunto específico de ligações entre um conjunto definido de pessoas, com a propriedade adicional de que as características destas ligações como um todo podem ser usadas para interpretar o comportamento social das pessoas envolvidas” (MITCHELL, 1969, p. 2).

A análise de Redes preocupa-se com a estrutura e a padronização de relações e procura identificar suas causas e consequências. A aplicabilidade de

vários níveis da perspectiva de Rede sugere que ela pode adicionar visão para várias áreas de conteúdo. Por exemplo, no nível organizacional, estudos de comunicação e trabalho em processos políticos e de poder podem se beneficiar de uma formulação de Rede (TICHY; TUSHMAN; FOMBRUN, 1979) que se associa com a noção de CS, ao se considerar o investimento em relações sociais por retornos esperados, ou seja, na medida que há um investimento em uma relação social, a chance de um benefício aumenta (LIN, 1999a).

Tichy, Tushman e Fombrun (1979) expõem que, desde o desenvolvimento da ideia de sistemas, teóricos centraram-se na interação da organização e processos organizacionais em produção de comportamento. A perspectiva de Rede Social vê organizações como unidades sociais com padrões relativamente estáveis de relacionamento ao longo do tempo. Organizações podem ser consideradas como agrupamentos prescritos e emergentes, cada uma com suas próprias características estruturais.

Alguns temas da área, como a estabilidade e instabilidade de Redes, precisam ser entendidos, com questões como: por que elas mudam? O quanto e com que frequência elas mudam? Sob que condições? Pode-se contar com dados coletados em um período curto de tempo, ou isso é problemático devido à instabilidade das Redes ao longo do tempo? A análise de Redes representa uma subutilizada estrutura para analisar e conceitualizar organizações (TICHY; TUSHMAN; FOMBRUN, 1979).

Segundo Granovetter (1973), as relações sociais são formadas por laços que representam uma ligação entre atores e que possuem força e conteúdo. Classifica os laços em dois tipos: os “laços fortes”, formados por vínculos entre família e amigos íntimos, e os “laços fracos”, formados por pessoas conhecidas que circulam em diferentes meios de relacionamento.

A força de um laço é uma combinação da quantidade de tempo, da intensidade emocional, da intimidade (confidência mútua) e dos serviços recíprocos que caracterizam o laço (GRANOVETTER, 1973). Sobre a relação entre os laços, o autor declara diversas constatações. Apresentam-se algumas delas, importantes para as análises deste trabalho:

a) Uma ponte de uma Rede Social é muito significativa na ligação entre dois setores, na medida em que ela é, muitas vezes, a única alternativa de comunicação entre eles;

b) A difusão de informações por laços fracos (maioria dos laços existentes) permite um maior alcance de pessoas e uma maior distância social;
c) Quanto menos contatos indiretos um indivíduo tiver (além do seu círculo de amizade), mais encapsulado ele vai ser;
d) Laços fracos são mais propensos em associar membros de diferentes grupos;
e) Uma variável crucial nas Redes é saber se os atores tendem a conhecer um ao outro (“rede unida”) ou não (“rede de malha frouxa”);
f) Aqueles que possuem maior interação, intensidade e regularidade, têm condições de se conhecer melhor, formando consequentemente uma “rede eficaz” (GRANOVETTER, 1973).

Os laços fracos são indispensáveis para oportunidades dos indivíduos e para a sua integração nas comunidades. “A experiência pessoal dos indivíduos está intimamente ligada com os aspectos de maior escala da estrutura social, bem além do alcance ou o controle de indivíduos particulares” (GRANOVETTER, 1973, p. 1376).

Ainda que as conclusões de Granovetter (1973) sejam embasadas em seus estudos empíricos, o próprio autor reconhece que o modelo apenas trata de um nível, sendo um fragmento de uma teoria.

> Tratar somente a força dos laços ignora, por exemplo, questões importantes envolvendo o seu conteúdo. Qual é a relação entre força e grau de especialização de laços, ou entre resistência e estrutura hierárquica? Como laços "negativos" podem ser tratados? [...] Qual é a sequência de desenvolvimento da estrutura de Rede ao longo do tempo? [...] Demografia, estrutura, mobilidade e coalizão são algumas das variáveis que seriam de especial importância no desenvolvimento de micro e macro ligação com a ajuda de análise de Rede (GRANOVETTER, 1973, p. 1378, tradução nossa).

A questão primordial da teoria social é como comportamentos e instituições são afetados pelas relações sociais. Granovetter (1985) trata da economia clássica e neoclássica como o oposto da imersão do comportamento econômico. A primeira é marcada por cálculos racionais e ganho individual. A segunda, influenciada pela escola subjetivista de Karl Polanyi, “economia moral” e pelo pensamento marxista.

O autor divide as relações sociais em dois extremos: subsocioalizadas e supersocializadas. A primeira rejeita todo impacto da estrutura social e das relações

sociais sobre a produção, a distribuição e o consumo, com uma visão utilitarista dos interesses próprios. As explicações sobre as instituições são funcionalistas e neoclássicas, com a visão idealista dos mercados, que, por meio da concorrência perfeita, politicamente atraente para muitos, determinam os meios de troca a partir da competição.

A segunda afirma que as escolhas são feitas pelas influências sociais, como costumes, hábitos ou normas seguidos mecânica e automaticamente, independente da escolha racional. As pessoas são decisivamente sensíveis às opiniões dos outros, obedientes às normas e valores da socialização naturalmente, com comportamentos interiorizados (GRANOVETTER, 1985).

Para Granovetter, ambas as concepções, super e subsocializadas expõem que as ações e as decisões são conduzidas por atores atomizados, que se isolam do contexto social. Critica-se o mecanicismo da abordagem super nas afirmações de que a classe social ou segmento de trabalho automatiza o comportamento, por exemplo. Segundo Lin (1999a), a condição para que o CS se manifeste vem das interações entre indivíduos em Redes, que são formadas por ações resultantes de investimentos e não por isolamentos ou automatizações.

A Imersão Social, formada pelos elementos confiança (sentimento de segurança recíproca advinda da aproximação social entre atores que possuem relação há um certo tempo), oportunismo (chance de um indivíduo, em relação social com outros, agir em interesses próprios sobre o interesse coletivo) e ordem (resultado legítimo da ação econômica) que explicam os comportamentos em relações sociais, segundo Granovetter (2007), é trabalhada com a questão da má-fé. Na visão subsocializada, a má-fé seria evitada por arranjos institucionais inteligentes, com a elaboração de contratos e resolução autoritária. Todavia, além disso, seria necessário também um certo grau de confiança, por conta da incapacidade dos dispositivos institucionais de evitar totalmente a força e a fraude. Sugere-se que a fonte dessa confiança vem de acordos implícitos de respeito ao próximo, essenciais para a sobrevivência ao longo da história.

A compreensão do que é Imersão Social nas Redes se deve a quatro motivos: 1) maior facilidade no fluxo de informações (melhores disposições de contatos pessoais, maior acesso a oportunidades com menores custos); 2) posições privilegiadas advindas dos laços sociais (influências); 3) maior acesso a recursos de terceiros; 4) aumento de identidade e reconhecimento (méritos e direitos de uso de

recursos exclusivos) (LIN, 2001). A ocorrência desses motivo levam à manifestação do Capital Social.

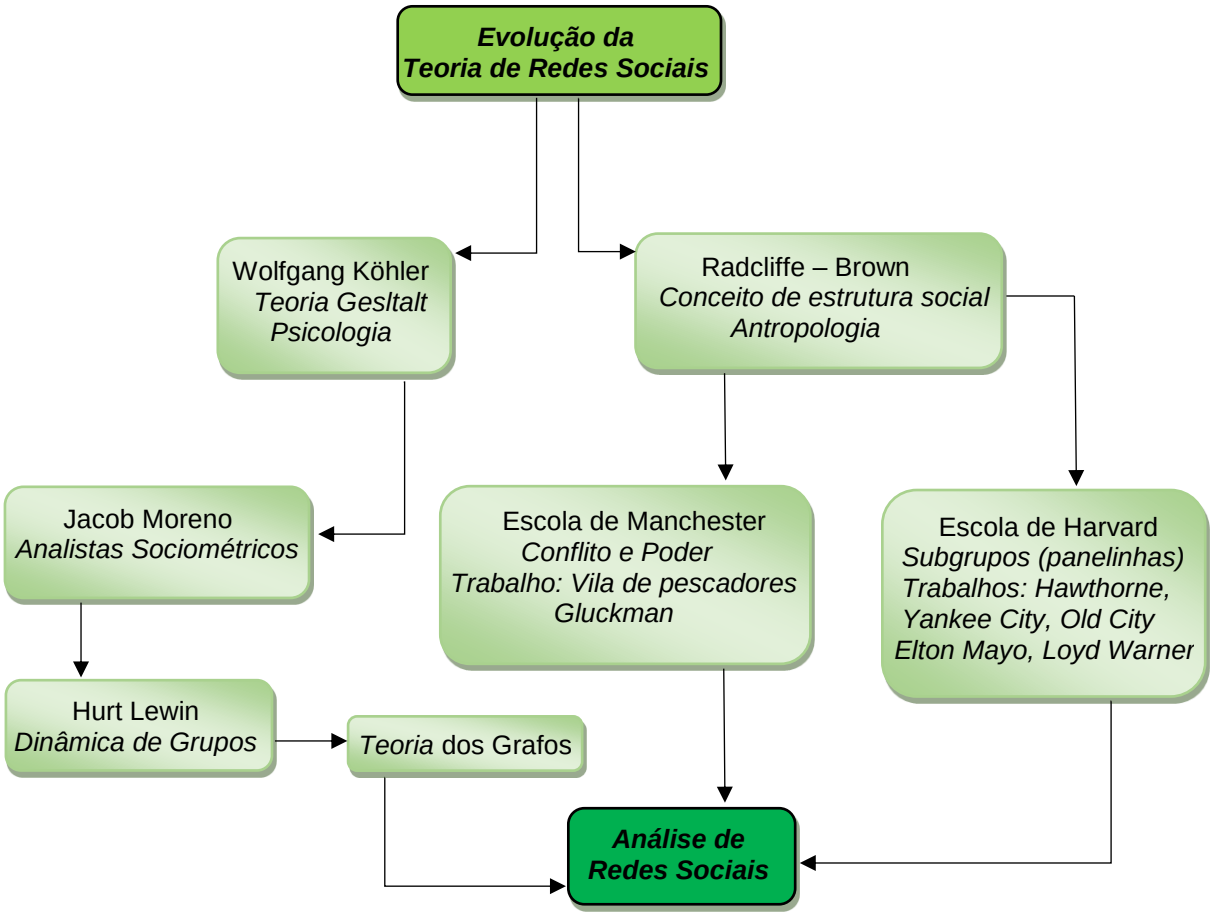
> Os diferentes tipos de imersão, ou envolvimento com demais Redes [...] orientam a formação de interesses e a tomada de decisões [...] a abordagem de Redes representa uma alternativa tanto ao determinismo cultural, na medida em que as relações entre indivíduos e não indivíduos isolados é que são tomadas como unidade de análise (Powell e Smith-Doerr, 1994), como ao individualismo atomizado da abordagem econômica neoclássica, porque as Redes são entendidas como produto da *human agency* (MARTES *et al*., 2006, p. 11-12).

Kilduff e Tsai (2003) afirmam que, dentro do contexto de Redes, quatro pontos são considerados importantes na literatura internacional, especialmente na anglo-saxã, na formulação de teorias e hipóteses na pesquisa, a saber: 1) a importância das relações entre atores, 2) a Imersão Social dos atores (*embeddness*) em campos sociais, 3) a utilidade das conexões da Rede (Capital Social) e 4) a padronização estrutural da vida social.

Diferentemente da vasta produção anglo-saxônica, a área de Administração nacional apresenta poucos trabalhos de metodologia específica de Rede na análise das estruturas das relações. O crescimento de pesquisas com a análise de Redes se deve a sua capacidade de trabalhar com uma concepção dinâmica das ações sociais e à possibilidade de relação com outras teorias (MARTES *et al*., 2006).

A seguir, um diagrama que representa a evolução da Teoria de Redes Sociais até a análise de Redes Sociais.

Diagrama 1 - Caminho Teórico para a Análise de Redes Sociais



Fonte: Adaptado de Scott (2001).

Podem-se considerar, na evolução histórica da análise de Redes no que diz respeito à tradição sociológica, três bases na sua formação: os estudos sociométricos (fundamentados na psicologia gestáltica), estudos de antropólogos da Universidade de Manchester e estudos estruturalistas da Universidade Harvard (MARTES *et al*., 2006).

Beckert (2007) critica a análise de Redes, ao escrever que ela não possibilita explicar como se estruturam os mercados e que ainda, de certa maneira, prioriza as questões de mercado diante das questões sociais. Contudo, ainda que críticas tais quais a de Beckert sejam importantes para a reflexão do tema, este trabalho faz uso de Redes Sociais para compreender o fenômeno estudado, especialmente por não estudar diretamente o mercado.

Dessa forma, compreender alguns dos princípios de Redes e Relações Sociais é essencial para a perspectiva de Capital Social, visto que para Lin (2005), originalmente, o conceito de Capital Social é baseado na teoria de Rede, em que se

faz presente quando há relações sociais, com interação entre indivíduos por interesse de ambas as partes, isto é, a existência de uma relação social possibilita a manifestação do Capital Social.

3.1 Formação de Redes Sociais em Contexto de Sustentabilidade

A formação de Redes Sociais pode acontecer por diversos motivos, como interesse pessoal, interesse econômico, ganho de tempo, ganho de recurso, fins profissionais, entre outros. Entre eles está a sustentabilidade, ainda que algumas Redes se formem sem a consciência de que estão gerando consequentemente resultados sustentáveis (GONÇALVES, 2014; MASSARO, 2015; BROIETTI, 2015; ROMAGNOLO, 2016; FERNANDES, 2016).

Diante de tantos conceitos de sustentabilidade, Hopwood *et al*. (2005) a dividem entre fraca e forte. Na primeira defende-se que a tecnologia pode preencher lacunas humanas produzidas no mundo natural, com ajustes mas sem drásticas mudanças na sociedade, nas decisões e nas relações de poder (*status quo*). Na segunda afirma-se que o homem e o seu capital não podem substituir processos naturais essenciais, que os problemas de insustentabilidade estão na forma com que os seres humanos se relacionam entre si e com o meio ambiente, por isso, seria preciso uma mudança radical nas relações (*transformação*).

Entre o *status quo* e a *transformação*, está a *reforma*, em que se aceita que há problemas críticos com as políticas, mas não se considera um colapso ecológico ou social. Segundo Hopwood *et al*. (2005), a *reforma* é insuficiente porque muitos problemas estão enraizados nas estruturas econômicas e de poder e o *status quo* não pode ser considerado uma opção viável para a sociedade, diante de uma vida sustentável para todos.

Dessa forma, Hopwood *et al.* (2005) defende a necessidade de uma mudança fundamental, tanto na conexão entre a vida humana e o meio ambiente quanto na ligação entre as estruturas de poder. Afirma-se que a *transformação* é essencial, mas que a *reforma* também é importante porque é viável atualmente. Aliado à *reforma*, deve haver levantamento de questões, mobilização nos meios de comunicação, coalizões entre pesquisadores, protesto popular e ação direta na busca por melhorias sustentáveis (HOPWOOD *et al*., 2005).

Foladori (2001) afirma que a sustentabilidade é considerada cara às pessoas, porque são consumidoras e pagam seus custos, a exemplo dos custos de processo e de tempo. Assim, os critérios ambientais ficam submetidos à lógica de mercado, em que os limites físicos não são o problema central, mas sim conflitos sociais, que direcionam a relação homem e natureza.

As soluções para as questões ambientais não são técnicas, são primeiramente sociais. A crise contemporânea deve estimular o repensar da relação entre o ser humano e a natureza, com a consciência dos desenvolvimentos históricos, geográficos e políticos. A sociedade é determinada por regras de comportamento impostas entre classes e grupos sociais, logo, não é possível resolver a crise ambiental sem antes entender as contradições das relações sociais, verdadeira crise que desequilibra a ligação entre o homem e a natureza (FOLADORI, 2001).

Leff (2010) defende que seria um caminho para a sustentabilidade, a partir de uma visão crítica da racionalidade econômica dominante, a proposta da construção de uma outra economia baseada em uma racionalidade ambiental.

> A construção de uma nova economia envolve a reconstrução do objeto de conhecimento pela conjugação de diferentes disciplinas, a incorporação dos saberes desconhecidos e subjugados, dos processos ignorados das externalidades econômicas, que se converteram nas condições de sustentabilidade do processo econômico e que constituem o campo da complexidade ambiental. [...] mais que procurar flexibilizar, limitar, regulamentar e controlar os excessos da racionalidade econômica, é preciso refundar a economia sobre suas bases ecológicas e culturais (LEFF, 2010, p. 29).

Leff (2010, p. 31) afirma que a economia clássica deve passar por um descentramento, uma ruptura e uma refundamentação, desconstruindo a "[…] supereconomicização do mundo [...], a centralidade e o domínio da razão econômica sobre outras formas de racionalidade e formas de ser no mundo". O autor reconhece que esse não é um processo fácil, porém acredita que é a única maneira de se chegar à sustentabilidade. "A sustentabilidade aponta para o futuro. [...] A sustentabilidade é uma maneira de repensar a produção e o processo econômico" (LEFF, 2010, p. 31).

Dessa forma, após algumas ideias em relação à sustentabilidade a partir da visão societária, apresentam-se três exemplos de Redes formadas em contexto de sustentabilidade: A Rede Nossa São Paulo, o Fórum Desenvolve Londrina e o

Movimento Pela Paz e Não Violência, com o intuito de ilustrar como essas Redes funcionam na prática. Não há uma classificação definida para essas experiências, mas é válida uma reflexão quanto aos seus propósitos, práticas e conceitos em relação aos paradigmas de *status quo*, *reforma* e *transformação* da sustentabilidade (HOPWOOD *et al.,* 2005).

A Rede Nossa São Paulo começou com o Movimento Nossa São Paulo lançado em maio de 2007, criado pela preocupação com os problemas enfrentados pela atividade política no Brasil, pelas instituições públicas e pela democracia. Surge então a iniciativa de buscar valores para um desenvolvimento sustentável, uma ética e uma democracia participativa. Em 2010, passa a se chamar Rede Nossa São Paulo com o intuito de "[…] construir uma força política, social e econômica capaz de comprometer a sociedade e sucessivos governos com uma agenda e um conjunto de metas a fim de oferecer melhor qualidade de vida para todos os habitantes da cidade". Assim, o propósito da Rede é melhorar São Paulo, deixando-a segura, saudável, solidária, bonita e democrática (REDE NOSSA SÃO PAULO, 2016).

O *site* da Rede Nossa São Paulo (2016) expõe que mais de 700 organizações da sociedade civil a compõem de forma apartidária e inter-religiosa e que não há presidente nem diretoria pois se estrutura de forma horizontal. Além do apoio de lideranças comunitárias, entidades da sociedade civil, empresas e cidadãos, a Rede busca contar com a sociedade toda, com ideias e ações para a contribuição do desenvolvimento sustentável e justo da cidade, nas áreas de Educação, Meio Ambiente, Segurança, Lazer e Cultura, Trabalho, Transporte, Moradia, Saúde e Serviços. A Rede se espelha em experiências exitosas, a exemplo de Bogotá e Barcelona. Atua em quatro grandes eixos apresentados no quadro a seguir:

Quadro 2 - Eixos de Atuação da Rede Nossa São Paulo

1) Programa de indicadores e metas	**2) Acompanhamento cidadão**	**3) Educação cidadã**	**4) Mobilização cidadã**
Seleciona e organiza indicadores de qualidade de vida de cada região, com exemplos de iniciativas sustentáveis urbanas.	Comunica e disponibiliza o desenvolvimento dos indicadores de qualidade de vida em cada região, faz o monitoramento dos trabalhos da Câmara Municipal, acompanha o Orçamento Municipal, realiza pesquisas de percepção da população sobre ações municipais.	Promove ações e campanhas buscando a revalorização do espaço público, a melhoria da autoestima e o sentimento de pertencimento à São Paulo.	Incentiva a participação de novas lideranças, empresas e organizações, cria fóruns e mantém portais de canais de comunicação.

Fonte: Adaptado do *site* da Rede Nossa São Paulo (2016)

A Rede é organizada por treze grupos de trabalho temáticos e interdisciplinares, a saber: Meio Ambiente, Orçamento, Trabalho e Renda, Mobilidade Urbana, Criança e Adolescente, Democracia Participativa, Acompanhamento da Câmara, Indicadores, Saúde, Segurança, Assistência Social, Cultura e Educação (REDE NOSSA SÃO PAULO, 2016). Diante da preocupação com as questões políticas e o comprometimento com práticas relacionadas ao desenvolvimento sustentável, a Rede Nossa São Paulo é aqui compreendida sob o olhar do paradigma *reformista*.

O Fórum Desenvolve Londrina é um movimento apartidário criado por decreto-lei, que surgiu do Fórum Permanente de Planejamento Estratégico para o Desenvolvimento Sustentável de Londrina (2005), com o objetivo de reunir a sociedade organizada na busca do desenvolvimento sustentável da cidade e região, com prospecção de futuro e planejamento estratégico. A visão do Fórum é “Londrina 2034: uma comunidade ativa e articulada, [...] humana, segura e saudável, tecnologicamente avançada, integrada com a região Norte do Paraná e globalmente conectada, com uma economia diversificada e dinâmica promovendo o equilíbrio social, cultural e ambiental” (FÓRUM DESENVOLVE LONDRINA, 2016).

O *site* do Fórum Desenvolve Londrina apresenta oito papéis que devem ser realizados por ele: 1) prospectar o futuro, 2) promover o processo permanente de planejamento estratégico integrado e participativo, 3) criar e manter um ambiente favorável para o desenvolvimento, 4) identificar e integrar os projetos estratégicos existentes na comunidade, 5) aglutinar e articular as entidades promovendo ações para o desenvolvimento de Londrina e região, 6) propor, influenciar, promover e apoiar políticas e iniciativas públicas e privadas de desenvolvimento sustentável, 7) realizar acompanhamento e avaliação permanente de projetos e ações e 8) ser o guardião da visão de futuro de Londrina. Com o caráter de projetos de desenvolvimento e trabalho com questões críticas da sociedade, o Fórum Desenvolve Londrina também é considerado aqui representante do paradigma *reformista*.

O Movimento Pela Paz a Não Violência, mais conhecido com o nome Londrina Pazeando, nasceu de um ativismo dos cidadãos de Londrina-Paraná na busca de desenvolver uma cultura na cidade de paz e não violência (JORNAL DA TAROBÁ, 2002; TV COROADOS, 2002). Regido por um estatuto referente à lei federal nº 9.790/99 e decreto federal nº 3.100/99 - OSCIP (Organização da

Sociedade Civil de Interesse Público), o movimento representa uma instituição sem fins lucrativos, com independência administrativa e financeira (LONDRINA PAZEANDO, 2016).

Diante da cultura de violência de Londrina, com contrastes sociais alarmantes e problemas ambientais, fortificou-se a necessidade de um desenvolvimento sustentável. Desenvolvimento esse que, apoiado por ideais de solidariedade, de paz e não violência, com o exemplo do pacifista mundial Gandhi, ganhou relevância no contexto local.

A partir de 2001, com a Lei nº 8.437, que criou a Semana da Paz, realizaram-se em todos os anos seguintes acontecimentos referentes à paz. Em 2002 foi constituída uma comissão organizadora, incluídas atividades escolares para a conscientização infantil e adicionada à Lei a criação do Dia Municipal da Paz em Londrina. Em 2003, criou-se formalmente a organização Movimento Pela Paz e Não Violência, com qualificação de OSCIP. Nesse mesmo ano, realizou várias atividades, entre elas, coletâneas de textos para a elaboração de um livro com o tema: “Ideias dos estudantes de Londrina para Construção de uma Cultura de Paz”, com o apoio institucional da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura).

Com o passar de tempo, algumas das atividades importantes realizadas pelo movimento foram: caminhadas pela paz, palestras e manifestações populares, campanha "Paz no Trânsito", blitz educativas, Ato de Desarmamento Infantil, curso de educação para paz, proposta de trinta e nove pontos a serem trabalhados no município de Londrina, visando à construção da Cultura de Paz, oficinas sobre a não violência, convênio de cooperação entre o movimento e algumas empresas, criação do *site* Mídia de Paz Paraná e criação do COMPAZ-LD.

Atualmente, na gestão 2016 - 2018, seu funcionamento é administrado por vários setores da sociedade civil, compondo o COMPAZ-LD. Realizam-se reuniões, campanhas, conferências e articulações em assuntos relacionados a melhorias cidadãs em Londrina, com forte trabalho nas questões da educação. Ao se considerarem as propostas de mudança de uma cultura voltada à paz, o Movimento Pela Paz e Não Violência apresenta um ideal *transformacionista*, mas um caráter *reformista* em suas ações práticas.

Exposto os três exemplos, é possível perceber que as Redes formadas em contexto de sustentabilidade se viabilizaram e estão em curso devido ao vasto

número de organizações, pessoas e grupos envolvidos, ou seja, atores, de forma que o trabalho conjunto e cooperativo é mais forte e mais eficiente. Foram apresentados esses exemplos de iniciativas em Redes para que se ilustrasse esse tipo de formação e para que dessem base empírica para o entendimento da Rede do COMPAZ-LD, principalmente com o exemplo do Movimento Pela Paz e Não Violência.

4 REFERÊNCIAS DE CAPITAL SOCIAL PARA REDES SOCIAIS

Após discutidas a NSE, as Redes Sociais e a Formação de Redes em contexto de sustentabilidade, importa escrever sobre o Capital Social (CS), cerne deste estudo. Seguem algumas perguntas importantes: 1) quais são os principais autores teóricos? 2) Quais são os principais fundamentos, princípios e conceitos? 3) Quais categorias podem surgir da teoria? 3) Como está o campo teórico? 4) Como os estudos têm relacionado CS com Rede Social?

Dessa forma, para a fundamentação teórica, foram selecionados os autores Tocqueville (2010), Coleman (1990), Putnam (2007), D'Araújo (2003), Fukuyama (2001), Franco (2001) e Lin (1999a, 2005), com o intuito de trazer diferentes perspectivas e possibilidades no momento das análises dos dados e também buscar responder as questões: há mesclas entre as teorias? Há pontos convergentes e divergentes entre os autores? Assim, pretende-se uma discussão mais ampla em relação ao tema CS, com o marco teórico em Lin (1999a, 2005).

4.1 Capital Social no Entendimento de Tocqueville (2010)

Ainda que Tocqueville (2010) não tenha trabalho especificamente o conceito de CS, seus estudos foram essenciais para a sua construção, que mais tarde seria desenvolvida por James Coleman, em *Social capital in the creation of Human Capital* (1988). Tocqueville, aos 25 anos, recebeu uma bolsa de estudos francesa para pesquisar sobre o sistema penitenciário dos EUA, mas transformou a pesquisa em algo muito maior: a investigação da sociedade americana em relação à democracia. Após o período da viagem entre 1831 e 1832, Tocqueville escreveu A democracia na América, clássico das Ciências Sociais (STORINO DOS SANTOS, 2003).

Considera-se nesse trabalho o associativismo estudado por Tocqueville, o principal ponto que se relaciona com o conceito de CS. O autor percebe que, nos EUA, os cidadãos se associam em tudo e identifica a importância das relações construídas pelos próprios indivíduos, de forma particular. Dessa forma, a percepção de CS nesse contexto está ligada a fatores de arranjo social, em que as pessoas se associam para atingir seus objetivos.

> Desde o seu nascimento, aprende o habitante dos Estados Unidos que precisa apoiar-se sobre si mesmo para lutar contra os males e os embaraços da vida. Para a autoridade social, ele só lança um olhar desafiador e inquieto, e só apela para o seu poder quando não pode passar sem ele (TOCQUEVILLE, 2010, p. 149).

Ou seja, os indivíduos, por si só, buscam resolver seus problemas, recorrendo ao Estado apenas em último caso; por isso a importância das associações. Nos EUA "[…] há associação com finalidade de segurança pública, de comércio e indústria, de moral e religião. Nada há que a vontade humana se desespere de atingir pela ação simples do poder coletivo dos indivíduos" (TOCQUEVILLE, 2010, p. 149). Assim, o autor trata do conceito de comunidade cívica, definido por estado de cooperação com altruísmo em curto prazo e interesse próprio em longo, também trabalhado mais adiante por Coleman (1990) e Putnam (2007).

Tocqueville (2010) define associação com a adesão pública, a qual um número de pessoas que, com ideias e objetivos comuns, comprometem-se a realizá-los. Quando se representa uma opinião por uma associação, ela se torna mais nítida e precisa. As associações dão vozes às minorias, como um artifício de defesa, na medida que limitam os excessos e domínio da maioria. Associar-se não deve banir a liberdade individual, deve haver democracia nas intra-associações. Outro objetivo dos associados é reunir maneiras de impressionar a maioria com argumentos que convençam e consigam dispor do poder. É necessário que os indivíduos percebam que viver em comunidade beneficia seus interesses (TOCQUEVILLE, 2010).

> As ligações comunitárias e a participação do povo em associações [...], a livre circulação de idéias e opiniões, e a tomada de decisões pautadas por princípios que vão além do mero interesse individual, significam para Tocqueville, um mecanismo que ajuda a consolidar a democracia e, mais do que isso, preservar a liberdade frente à tirania da maioria. Neste sentido, é o "capital social" que cria as condições para que a vida em sociedade seja possível nas sociedades modernas (AMÂNCIO, 2007, p. 19).

Ao analisar o trabalho de Tocqueville em A democracia na América,, Amâncio (2007) destaca a ideia de que "[…] quando a ação das forças individuais se junta à ação das forças sociais, chega-se muitas vezes a fazer com isso o que a administração mais concentrada e mais enérgica não teria condições de executar" (TOCQUEVILLE, 1987, p. 80). Assim, ao refletir sobre a perspectiva de Tocqueville,

é possível considerar que a troca de recursos advinda do CS ocorre a partir de associações presentes em um determinado arranjo social.

4.2 Capital Social no Entendimento de Fukuyama (2001)

Fukuyama (2001) associa CS à noção de cultura e define-o por valores ou normas informais compartilhados por pessoas pertencentes a um grupo que propicia a cooperação mútua, com comportamentos esperados confiáveis e honestos, que geram confiança recíproca e possibilitam maior eficiência a qualquer grupo ou organização. Para que se produza CS são necessárias virtudes relacionadas à obrigação, honestidade e reciprocidade (FUKUYAMA, 2001).

Fukuyama (2001) enfatiza a relevância da confiança interpessoal para a formação de associações com autonomia da sociedade civil, ao defender que ela compensaria a redução do governo na necessidade de intervir em questões voltadas aos interesses dos indivíduos; dessa forma, o CS forte poderia substituir o Estado.

O autor afirma que o CS pode produzir riquezas para o benefício das pessoas, da mesma forma que é um elemento imprescindível de recurso dos sistemas sociais na produção dessas riquezas. Reflete sobre contradições do CS ao considerar que sua manifestação é positiva na sociedade em diversas ocasiões, mas que também pode prejudicá-la ao contribuir com organizações criminosas ou de discriminação, por exemplo.

Quando não há CS, faz-se necessária a existência de burocracias, contratos, leis e hierarquias, assim, de maneira oposta, sua presença permite facilidades aos grupos sociais, que se beneficiam na busca dos seus interesses. Utilitarista, Fukuyama (2001) afirma que o CS é um mecanismo eficiente para o alcance de interesses de grupos sociais. Isso posto, entende-se que o CS para Fukuyama, de maneira aproximada a Tocqueville, tem a sua manifestação sob um arranjo social.

4.3 Capital Social no Entendimento de Putnam (2007)

Putnam é conhecido na área pelo seu estudo de desempenho institucional na Itália, fundamentado na motivação em investigar categorias sociológicas que explicassem a estabilidade de comportamentos coletivos. Neste estudo, constatou

que alguns lugares da Itália com padrões e sistemas de engajamento cívico mais desenvolvido são favorecidos, enquanto outros são desfavorecidos pela política vertical, vida social fragmentada e isolamento (PUTNAM, 2007).

A influência do CS no desenvolvimento desigual de distintas províncias italianas mostra que regiões que possuem melhores indicadores de civismo, participação social e capacidade associativa revelam maior desenvolvimento, além de dois fatores atípicos: o contexto sócio-histórico, com o registro de fortes manifestações de vocação em ações coletivas e laços de confiança, e o expressivo associativismo horizontal, com sinergia entre o público e o privado e com potencializadores de bem-estar social (SANTOS, 2014).

Para Putnam (2007, p. 173), o ponto-chave do CS está na parábola de David Hume, na qual escreve:

> Teu milho está maduro hoje; o meu estará amanhã. É vantajoso para nós dois que eu te ajude a colhê-lo hoje e que tu me ajudes amanhã. Não tenho amizade por ti e sei que também não tens por mim. Portanto não farei nenhum esforço em teu favor; e sei que se eu te ajudar, esperando alguma retribuição, certamente me decepcionarei, pois não poderei contar com tua gratidão. Então, deixo de ajudar-te; e tu me pagas na mesma moeda. As estações mudam; e nós dois perdemos nossas colheitas por falta de confiança mútua.

Nessa perspectiva, o CS é visto por uma troca de ajuda mútua a partir da confiança em que, mesmo numa relação sem amizade, a troca seria favorável e interessante a ambos os lados. Essa questão é incerta, dado que não há garantia de que todos cumpram o combinado, porque não há um compromisso formal, não há possibilidade de cobrança legal. Dessa forma, a cooperação depende de confiar e ser confiável. Quando não há acordos entre si, perde-se muitas oportunidades de benefícios mútuos (PUTNAM, 2007).

Putnam (2007) traz a solução de Hobbes para o problema da confiança à vida civil, a coerção de uma terceira pessoa, com a ideia do Leviatã. Assim, o Estado seria responsável por possibilitar trocas entre cidadãos que não confiassem por conta própria. Porém, esse tipo de sociedade seria menos eficiente e satisfatória e mais pesarosa se comparado com a que pudesse contar com a confiança e cooperação, possível a partir de um bom estoque de CS, baseado em regras de reciprocidade e de participação cívica.

Assim, o CS engloba características de organização social, confiança, normas e sistemas, que possibilitam o aumento de eficiência e ações coordenadas (PUTNAM, 2007). Nessa afirmação, pode-se relacionar a eficiência e a coordenação com a sustentabilidade de uma cidade, como tratam Davidson e Frickel (2004). O melhor entendimento das melhorias ambientais, por exemplo, advém de acumulação de conhecimento interdisciplinar, com alargamentos empíricos e metodológicos da governança ambiental e atenção às relações macroestruturais entre as forças estatais e societais e fenômenos do ambiente. Outras áreas da sustentabilidade, além da ambiental, também podem ser mais bem trabalhadas com o acúmulo de forças sociais.

Putnam (2007) afirma que o CS está essencialmente relacionado à reciprocidade generalizada, com uma relação de troca de favores presentes retribuídos no futuro. Ressalta-se a importância da participação cívica, em que ocorrem manifestações de interesse coletivas e causas públicas. Nesse cenário, destaca-se a relevância das articulações e interações com ações governamentais, de forma que a sociedade civil não aja de forma isolada (PUTNAM, 2007).

Dessa forma, deve-se buscar o desenvolvimento social, com participação social, alianças e redes em busca de objetivos comuns, com capacidade de articulação. Da mesma forma que o capital convencional, a lógica do CS está na tendência de aumento para quem já o possui; quanto mais se usa, mais se acumula; quanto mais se confia, maior será a confiança recíproca; ou se esgotam se não forem utilizados (PUTNAM, 2007).

Ao ser questionado em relação ao determinismo cultural (supervalorização da cultura para possibilitar intervenções sociais e políticas), Putnam responde que “[…] é possível mudar hábitos e dinâmicas sociais de forma a produzir Capital Social, ainda que seja tarefa para décadas. As instituições agiriam sobre a cultura, mudariam hábitos e rotinas, mas esse seria um processo longo, e não de efeitos imediatos” (D’ARAUJO, 2003, p. 22). E ainda afirma: “[…] criar capital social não será fácil, mas é fundamental para fazer a democracia funcionar” (PUTNAM, 2007, p. 194). Dessa forma, conclui-se que, na visão de Putnam, o CS depende da institucionalização sobre uma determinada cultura.

4.4 Capital no Entendimento de D'Araújo (2003)

D'Araújo (2003) traz uma breve classificação de alguns dos tipos de capital existentes, a saber: capital natural, 2) capital financeiro, 3) capital humano, e 4) capital social. O primeiro representa recursos naturais de cada região, o segundo expressa bens de capital que garantem e viabilizem produção, o terceiro liga-se às capacidades humanas (dependentes de saúde e educação) e, por último, o quarto apresenta-se na "[…] capacidade de uma sociedade estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação com vistas à produção de bens coletivos" (D'ARAUJO, 2003, p. 10). Ou seja, para a autora, CS é a reunião de normas sociais, redes de cooperação e redes de confiança, juntamente com instituições e práticas culturais, que intensificam na sociedade relações interpessoais.

Pensando nas duas palavras separadamente, define *capital* como algo passivo de reprodução, acumulação e ampliação e *social* no sentido de relações sociais, com interesses individuais subordinados aos coletivos e objetivos e benefícios compartilhados. Outras características do CS são inter-relações, processo de mutualidade, cooperação, normas e cadeias de reciprocidade.

D'Araujo (2003) trata da preocupação de como o CS é visto na academia, quando expõe que o seu conceito não deve ser superdimensionado, tratado como a salvação da humanidade, tampouco desqualificado, mas deve e pode, se bem definido e valorizado, constituir um "[…] importante instrumento conceitual e prático para a consolidação de políticas públicas, para o desenvolvimento sustentado e para a revitalização da sociedade civil e da democracia" (D'ARAUJO, 2003, p. 7). A sociedade civil participa de atividades do Estado, na medida em que o Estado se abre para sociedade civil. Para a autora, "Capital Social é a argamassa que mantém as instituições em contato entre si e as vincula ao cidadão visando à produção do bem comum" (D'ARAUJO, 2003, p. 8).

Sobre os sistemas de participação cívica, comenta:

> São participações em que cada um tem um grau de pertencimento e de importância relativamente igual e que possibilitam melhor informação, promovem regras de reciprocidade, aumentam os custos potenciais de transgressão, redimensionam a confiança e possibilitam futuras colaborações. Na comunidade cívica o contrato que mantém a cooperação é um contrato moral. A sanção para quem transgride não precisa ser penal: pode ser a exclusão da rede de sociabilidade e de cooperação (D'ARAÚJO, 2003, p. 19).

Ainda afirma que existem exemplos de iniciativas econômicas que só foram viáveis por conta da confiança, a exemplo dos casos de associações de crédito rotativo e de ajuda mútua, e que, se não houvesse confiança no empenho moral dos indivíduos em honrar seus compromissos, o capitalismo não teria sido possível.

Da mesma forma que defende Putnam (2007), CS é "[…] o único capital que cresce na medida em que é usado. Confiar e usufruir das vantagens de confiar produz mais confiança" (D'ARAUJO, 2003, p. 19). Para a autora, o CS constitui um bem público, com apropriações e resultados coletivos.

4.5 Capital Social no Entendimento de Coleman (1990)

Para Coleman (1990), o CS consiste em um aspecto de uma estrutura social de forma que facilita ações de indivíduos que estão dentro da estrutura e permite realização de certos fins que não seriam possíveis na sua ausência. O CS, definido por sua função, é criado no momento em que as relações entre as pessoas mudam de maneiras que facilitam a ação, sendo incorporado nas relações pessoais. O CS é um recurso importante para os indivíduos e pode afetar fortemente a capacidade de agir e a qualidade de vida (COLEMAN, 1990).

Ao contrário do capital tradicional (bem privado), o CS constitui normalmente um bem público. "Por ser um atributo da estrutura social em que se insere o indivíduo, o Capital Social não é propriedade particular de nenhuma das pessoas que dele se beneficiam" (COLEMAN, 1990, p. 315). E por esse motivo, muitas vezes, o CS não é merecidamente valorizado e suprido, igualmente como outros bens públicos. Em várias circunstâncias, o CS é adquirido na forma de subprodutos de outras atividades sociais (COLEMAN, 1990).

Coleman (1990) analisa o CS na perspectiva da capacidade do indivíduo de criar relações de confiança, que geram ações de reciprocidade e uma consequente rede "estável" de convivência social, que consegue amenizar conflitos e trabalhar com as diferenças. Também pode se considerar que uma rede de convivência social tem a possibilidade de ser estabilizada com o suporte das diferenças. O CS viabiliza a cooperação natural, com resultados que não seriam possíveis isoladamente. Assim, as estruturas sociais são consideradas recursos e mecanismos de empoderamento coletivo, em que o CS se manifesta a partir de ações sociais.

4.6 Capital Social no Entendimento de Franco (2001)

Para Franco (2001), o CS é visto em virtudes sociais, embasadas em coletividades humanas. Dessa forma, em sentido oposto, com a pouca incidência de relações horizontais (Redes) e com a grande presença de estruturas verticalizadas (Estados totalitários, por exemplo), menor o nível de CS.

“Tudo isso significaria dizer, em outras palavras, que pessoas conectadas com pessoas, a partir de um padrão de rede, geram normas e instituições capazes de consolidar e reproduzir, numa dimensão social, as virtudes atribuídas ao Capital Social” (FRANCO, 2001, p. 57). Franco (2001) afirma que as Redes são um modo de CS porque os indivíduos relacionam-se com normas e valores comuns.

Assim, comunidades podem ser consideradas unidades sociais com valores compartilhados, sentimento de identidade e pertencimento, cultura, atividades políticas e econômicas comuns, propósitos coletivos e algum grau de autogoverno (FRANCO, 2001). O autor assume que, nos últimos tempos, com o período pós-industrial e com a sociedade do conhecimento, não se vive mais em comunidade, mas que é possível considerar esse formato com o aparecimento de redes interdependentes e flexíveis como um novo padrão de organização social.

Franco (2001) escreve que a presença do CS facilita o desenvolvimento econômico, uma boa governança e o aprofundamento da democracia, com os seguintes fatores:

> [...] a) as sociedades, ou partes delas, exploram melhor as oportunidades ao seu alcance; b) as organizações tornam-se mais eficientes; c) os chamados "custos de transação" são reduzidos; d) as instituições funcionam melhor; e) reduz-se a necessidade do uso da violência na regulação de conflitos; f) mais bens públicos (e privados) são produzidos; g) mais atores sociais são constituídos; e h) a sociedade civil torna-se mais forte (FRANCO, 2001, p. 50).

Para o autor, o CS depende das relações sociais, estáveis e duráveis – condições para a existência da confiança. E podem ser atribuídos a ele três pontos importantes: 1) “qualidade de ser um fator ou variável do desenvolvimento”; 2) “ser algo que pode ser produzido, acumulado e reproduzido”; e 3) “origem social, ou seja, de ser algo que é produzido, acumulado e reproduzido socialmente, em função do tipo de relações sociais estabelecidas ou em função da configuração do conjunto dessas relações” (FRANCO, 2001, p. 51).

O CS refere-se à capacidade de subordinar interesses pessoais aos coletivos, de trabalho conjunto em prol de objetivos comuns e benefícios mútuos, de novas associações e de partilhamentos de valores e normas, seja para formar grupos estáveis, seja para se compartilhar uma gestão. Todavia, não é propriedade particular das pessoas envolvidas (FRANCO, 2001).

O autor afirma que, para se construir uma teoria do CS, as seguintes perguntas deveriam ser respondidas de forma sistemática:

> 1 - Em que consiste essa capacidade? 2 - O que confere às pessoas (ou às sociedades humanas) essa capacidade? 3 - Como ela pode ser produzida, acumulada e reproduzida (ou esgotada, dissipada ou destruída)? 4 - Como ela pode ser detectada (potencialmente) e como ela (ou a sua manifestação) pode ser medida (atualmente)? (FRANCO, 2001, p. 53).

Uma questão importante do CS é a sua quantificação e medição. Para fazer sentido a ideia de produção, acumulação e reprodução, é preciso pensar nele como um recurso, recursos ligados a redes, associados a relações que não são medidos facilmente, dado às suas características qualitativas, de difícil comparação.

No que se refere à formação e desenvolvimento do CS, Franco (2001) expõe a necessidade de ações de empoderamento social, com mobilizações de camadas excluídas em busca de um objetivo coletivo, que se constrói com bases horizontais e não com forças externas impostas (verticais). O CS é visto como um bem coletivo, com respeito a normas de confiança mútua e comportamento social, com associações horizontais e redes de pessoas ou organizações. Desta maneira, compreender as manifestações de CS, para Franco, implica a compreensão das ações sociais.

4.7 Capital Social no Entendimento de Lin (1999a, 2005)

Para Lin (2005), há várias definições, conceituações e medições empíricas do CS, em que se percebe uma diversificação sem integração. O tema pode ser considerado tanto um conceito científico rigoroso como uma análise de uma teoria social. Em seu artigo, o autor busca descrever uma teoria de Rede baseada no CS e apontar como essa teoria pode ajudar a resolver questões críticas (LIN, 2005).

Lin (2005) afirma que a origem conceitual do Capital Social advém da teoria de Rede. E que o CS é tanto conceito como teoria. Como conceito representa

investimento em recursos e como teoria descreve o processo em que o capital é capturado e reproduzido para retornos. Por exemplo, na teoria clássica do capital de Marx, o capital é considerado parte da mais-valia, com o excedente. Nas teorias neoclássicas, como a teoria do capital humano, o investimento em recursos humanos traz retorno econômico. Na teoria do CS, Lin (2005) considera a mais-valia gerada por meio do investimento em Redes Sociais.

Assim, a premissa de Lin (1999a) é que a noção de CS é bastante objetiva: o investimento em relações sociais por retornos esperados, em que indivíduos se envolvem em interações e redes com a finalidade de produzir lucros. Em outras palavras, CS é o investimento que os indivíduos fazem em relações sociais para obter acesso aos recursos imersos nessa rede e aumentar os retornos esperados, tanto nas ações instrumentais quanto nas ações expressivas.

O autor afirma que o CS representa recursos imersos nas Redes Sociais, que podem ser acessados ou mobilizados através dos laços sociais. Alguns exemplos são: empréstimos, captação de recursos, dinheiro, poder e reputação; e as suas principais fontes são: posições estruturais (força-posição hierárquica), locais de Rede (localização do ator – se ele se encontra no encerramento, na abertura ou na ponte da Rede), efeitos da ação instrumental (riqueza, poder ou reputação) e ação expressiva (coesão, solidariedade ou bem-estar).

A ação instrumental significa obtenção de recursos adicionais ou novos, que podem ser de retorno econômico, político e social (por exemplo, um novo emprego, uma promoção, uma construção de um imóvel, uma nova posição hierárquica e reputação) e a ação expressiva significa manutenção, consolidação e defesa de recursos já existentes, relacionada a retornos de saúde física e satisfação com a vida (preservação de uma união, de um bairro, de uma escola). Na maioria das vezes, os retornos advindos das ações instrumentais e os retornos advindos das ações expressivas reforçam-se uns aos outros (LIN, 1999a, 2005).

Algumas questões abordadas em Lin (2005) são: 1) O CS deve ser avaliado em termos de sua capacidade potencial (de acesso) ou de sua utilização efetiva (mobilização)? 2) Como as medições podem ser desenvolvidas? 3) Como o CS se distingue de Redes Sociais? 4) Como a teoria esclarece as ligações entre os efeitos da ação (instrumentais ou expressivas), funcionalidades de Rede (densidade, ligação ou ponte) e CS? 5) Como a teoria e as suas medidas podem ser utilizadas tanto para micro quanto macro nível de análise?

Expõem-se duas abordagens teóricas para o processo de como o CS pode produzir retornos: 1) CS em termos de sua capacidade - recursos imersos nas próprias Redes Sociais – expectativa: quanto maior a capacidade, melhor o retorno - articulação entre CS acessado e seu retorno esperado*;* 2) CS em termos da sua utilização efetiva na produção – expectativa: o melhor capital utilizado terá o melhor o retorno (LIN, 2005).

A abordagem do acesso estima o grau de alcance a recursos ou o grau em que um grupo potencial de recursos é capaz de gerar retornos disponível em Redes para o ator - indica a capacidade do capital. O pressuposto é que essa capacidade determina em grande parte o grau de retorno. A abordagem da mobilização reflete o uso real de um laço social e seus recursos, a seleção para uma determinada ação. Um exemplo pode ser um contato específico em um processo de procura de emprego. Para Lin (2001), o CS compõe-se de recursos imersos nas relações sociais e na sua estrutura, com a possibilidade de mobilização de um ator que busca aumentar a probabilidade de ganho em uma ação intencional.

A análise do CS pode ser feita pela quantidade ou variedade de recursos sociais, riqueza, poder e *status,* na medida que um indivíduo relaciona-se com o outro indivíduo que possui recursos tais quais esses. Identifica três processos na manifestação do CS: 1) investimento em CS; 2) acesso e mobilização de CS; 3) retornos do CS (advindos de ações instrumentais e/ou expressivas) (LIN, 1999a).

Lin (2005) afirma que a confiança é bastante empregada como um componente e indicador de CS. Todavia, para ele, sua natureza social é incerta, com a defesa de que seu conceito estaria mais próximo de um antecedente ou efeito e não um componente do CS em si. Assim, a confiança é entendida como um fator de mediação para o CS gerar efeitos.

São discutidos dois tipos de metodologia para a pesquisa do CS: a geração de nome (metodologia tradicional) e a geração de posição (nova metodologia). A primeira trabalha com, por exemplo, uma lista de nomes, com características dos nomeados, relações entre eles, dados para a densidade da Rede, quantidade ou qualidade dos recursos sociais. O autor, no entanto, aponta limitações: o universo de conteúdos de uma questão particular é geralmente indefinido ou desconhecido pelo pesquisador, o número de nomes gerado é limitado, tipicamente variando de três a cinco. Portanto, a "Rede" torna-se de alcance limitado; a falta de dados sobre essas

ligações com outros níveis de uma hierarquia social pode subestimar, por exemplo, o utilitário de CS de um indivíduo para fins instrumentais, como a mobilidade social.

A nova metodologia (geração de posição) trabalha com uma lista de posições em uma hierarquia social (ocupações). O entrevistado indica pessoas que ocupam determinadas posições, já amostradas. Estima-se o potencial de recursos (isto é, na hierarquia ocupacional) acessível a cada entrevistado. Índices (número total de posições acessados, a faixa entre o maior e o menor acesso, a posição mais acessada) podem ser construídos para representar o CS, isto é, a capacidade ou os recursos imersos nas Redes do entrevistado. Essa metodologia tem sido amplamente utilizada em estudos empíricos mundiais e demonstra ter um alto grau de confiabilidade e validade / flexível e adaptável para diferentes tipos de posições hierárquicas. Uma limitação dessa metodologia é que há poucos trabalhos que apurem a adaptação às diversas sociedades (LIN, 2005). Dessa forma, *geração de nome* é uma metodologia centrada na pessoa e *geração de posição,* focada na estrutura. Assume-se que são estratégias alternativas, adequadas para diferentes fins conceituais.

Lin (2005) afirma que parte da literatura diz que a mera utilização de quaisquer contatos pessoais não fornece nenhuma vantagem relativa no mercado de trabalho. No entanto, os recursos de contato (por exemplo, poder, riqueza ou *status*), que representam o CS mobilizado, fazem a diferença. Ou seja, aqueles que usam contatos em uma busca de trabalho com mobilização de recursos tendem a obter melhores empregos, por exemplo.

A principal hipótese da teoria do CS é o benefício de recursos mobilizados em relação ao estado inicial (força de posição). A busca, obtenção e utilização de recursos superiores de contato estão associados positivamente com a obtenção de melhores *status*. Para medir o CS mobilizado é importante medir as posições iniciais e suas novas posições, refletindo seu processo de retorno.

As principais conclusões do autor são: o CS é um investimento nos recursos imersos nas relações sociais, os indivíduos ou coletividades necessitam acessar esses recursos para atingir seus objetivos, duas formas podem ser usadas para avaliar os efeitos do Capital Social: a capacidade de acessar recursos e a mobilização com o uso desses recursos, a metodologia geração de posição seria mais completa do que a geração de nome e a confiança pode ser considerada incerteza, antecedente ou efeito (LIN, 2005).

Por fim, Lin (1999a) reflete sobre as *Cybernetworks*, Redes Sociais no ciberespaço, que formam-se diante de inovações tecnológicas, comunicacionais e de expansão da interconexão. Ao se questionar quais são as implicações do crescimento do ciberespaço para os estudos das Redes Sociais e CS, o autor traz a possibilidade de que esse crescimento propicia o CS na medida em que sua manifestação vai além das Redes interpessoais “tradicionais”, ou seja, o CS ganharia força.

Dessa forma, por meio de um novo estudo, surge a proposta da comparação entre as relações sociais em *cybernetworks* e em espaços físicos, com o intuito de analisar quanta troca é útil diante de cada situação e inferir se de fato as relações em ciberespaços são uma tendência para o CS (LIN, 1999a). Acredita-se que Lin, em 1999a, foi um vanguardista nessa questão, ao considerar o estágio de desenvolvimento da *internet*, seus recursos e suas ferramentas nos dias atuais, em especial das mídias sociais.

4.8 Categorias de Capital Social com o Marco Teórico em Lin (1999a, 2005)

Diante das discussões dos estudiosos na área, com a proposta de trazer diferentes perpectivas sobre o CS, foram encontradas 35 categorias (apêndice A) relacionadas ao conceito nas teorias referentes aos autores Tocqueville (2010), Coleman (1990), Putnam (2007), D’Araújo (2003), Fukuyama (2001), Franco (2001) e Lin (1999a, 2005), este último selecionado como marco teórico do trabalho por tratar de Redes Sociais e CS e ser uma importante referência na área, com estudos empíricos e teóricos. Além de ser um marco para a abordagem de CS na perspectiva de Redes Sociais, Lin embasa-se no campo da Nova Sociologia Econômica, que tem se destacado por estudos que questionam e tentam explicar a natureza humana frente à evolução dos sistemas econômicos. Com essa perspectiva, a sua concepção teórica permite o desafio de estudar Redes Sociais em contexto de sustentabilidade, CS e cultura de paz.

Observa-se que algumas categorias se repetem, mas foram enumeradas novamente a título de organização. Aqui, apresentam-se as categorias relacionadas ao cerne do estudo, o CS de Lin (1999a, 2005).

Quadro 3 - Categorias relacionadas ao Capital Social de Lin (1999a, 2005)

Putnam (2007)	1) Regras de reciprocidade 2) Capacidade associativa 3) Confiança
D'Araújo (2003)	4) Cooperação 5) Reciprocidade
Fukuyama (2001)	6) Cooperação mútua 7) Confiança recíproca 8) Obrigação 9) Associações 10) Mecanismo eficiente 11) Interesses de grupos sociais
Franco (2001)	12) Confiança 13) Reciprocidade 14) Cooperação 15) Relações horizontais 16) Redes e Relações Sociais
Lin (1999a, 2005)	**17) Investimento em Relações Sociais por retornos esperados** **18) Obtenção de recursos imersos por ações instrumentais ou expressivas** **19) Capacidade potencial (de acesso)** **20) Utilização efetiva (mobilização)**

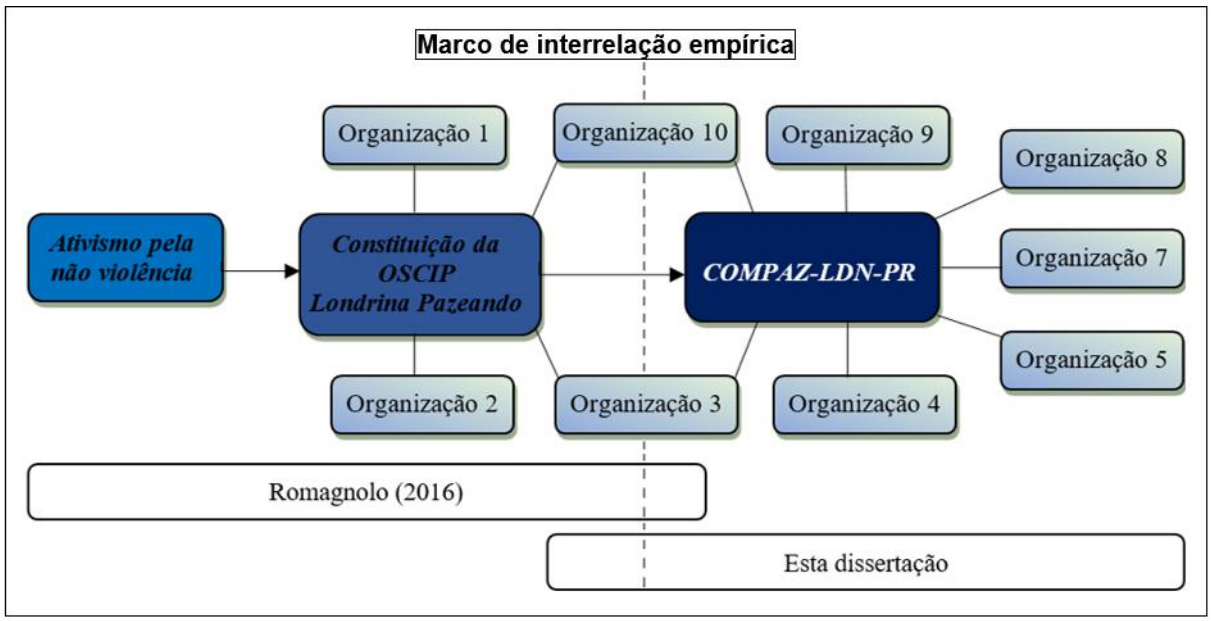
Fonte: Autora.

Os autores Putnam (2007), D'Araújo (2003), Fukuyama (2001) e Franco (2001) foram selecionados para contribuírem de maneira acessória a Lin (1999a, 2005) nas análises deste trabalho, por apresentarem categorias que se relacionam com as suas ideias (não de forma igual), ainda que não sejam todas (ocorrência esperada, dado que cada autor, mesmo com questões que se aproximam, apresentam contribuições particulares ao tema).

As categorias que se relacionam às ideias de Lin são: Reciprocidade, Associação, Confiança, Cooperação, Obrigação, Mecanismo eficiente, Interesses de grupos sociais, Relações horizontais, Relações Sociais e Redes (PUTNAM, 2007; D'ARAÚJO, 2003; FUKUYAMA, 2001; FRANCO, 2001). Além da necessidade de sua exposição para elaboração desta análise, as outras categorias (apêndice A) são trazidas como contribuições de informação para futuros trabalhos.

A seguir, apresenta-se um diagrama para a compreensão dos limites entre o trabalho de Romagnolo (2016) e a presente pesquisa (marco de interrelação empírica), como uma introdução ao percurso metodológico. Parte-se da premissa que existem relações sociais com vínculos suficientes para a formação de uma Rede Social envolvendo o COMPAZ-LD, conforme constatado no primeiro trabalho.

Diagrama 2 - Apresentação da Unidade de Análise



Fonte: Autora.

Ressalta-se que as Redes Sociais se modificam ao longo do tempo; algumas relações constatadas no primeiro estudo podem não existir mais (organização 1 e organização 2, por exemplo), outras podem continuar existindo de forma diferente e outras podem ter passado a existir. O diagrama tem um caráter ilustrativo, de modo que as relações não se limitam ao número de organizações por ele representado, há mais relações envolvidas. O diagrama aponta, principalmente, que a unidade de análise de Romagnolo (2016) e desta dissertação são diferentes.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

5.1 Classificação Geral da Pesquisa

No plano de pesquisa, em busca da compreensão do Capital Social (CS) no Conselho selecionado, foi utilizada a abordagem qualitativa, que de acordo com Strauss e Corbin (2008), esse tipo de pesquisa pode tratar da vida das pessoas, comportamentos, emoções, sentimentos, e também do funcionamento organizacional. No contexto do COMPAZ-LD, procurou-se a interação da organização entre as relações sociais, o CS e a sustentabilidade, considerando que os comportamentos estratégicos dos atores poderiam determinar os resultados ou fenômenos.

Também, Creswell (2009) expõe sobre o caráter desse tipo de pesquisa, a de explorar e entender os significados de indivíduos e grupos. “A abordagem qualitativa de um problema [...] justifica-se, sobretudo, por uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social” (RICHARDSON, 2008, p. 79). Essa abordagem permite descrições detalhadas de situações, com a compreensão dos indivíduos em seus próprios termos (GOLDENBERG, 2003).

Além disso, com a relação paradoxal entre os paradigmas *transformacionista* e *reformista* (HOPWOOD *et al*., 2005) presente no objeto de estudo, a problemática levou à necessidade da abordagem qualitativa, com a base ontológica na relação sujeito-objeto, em que:

> [...] a realidade social é produto da negociação e compartilhamento de significados entre as pessoas, isto é, ela resulta de uma construção social [...] a realidade não é considerada nem como algo totalmente externo e independente da mente humana (objetiva), nem como fruto somente da percepção individual de cada indivíduo isoladamente (idealista, subjetiva), porém, a realidade é percebida e “criada” numa instância coletiva – as percepções do mundo que compartilhamos em sociedade –, portanto, a realidade é intersubjetiva (SACCOL, 2009, p. 252).

A estratégia de pesquisa foi o estudo de caso único que, para Guest, Namey e Mitchell (2013), busca analisar um fenômeno a partir do seu contexto real, com a coleta de dados de um único indivíduo, grupo ou evento. A pesquisa ocorreu em torno da organização configurada nas relações sociais de atores a partir do núcleo

COMPAZ-LD (caso único), com a contribuição da sustentabilidade por meio de ações que poderiam gerar ou significar o CS. O objetivo principal de um estudo de caso é entender o que é único para o que se está analisando e contribuir então com um conhecimento usado para aplicar em outros casos e contextos (GUEST; NAMEY; MITCHELL, 2013).

A importância de utilizar esse tipo de estratégia está na tentativa de contemplar o olhar da realidade social, a organização de dados sociais, a descrição de forma holística da realidade e a compreensão de processos sociais, o que está de acordo com as características apresentadas por Godoy (2010) sobre o estudo de caso. Em suas palavras:

> Problemas de pesquisa que geram estudos de caso podem surgir de situações cotidianas, [...] a partir do desejo do pesquisador de explicar alguma situação a partir da prática, [...] visando acompanhar e julgar a qualidade e relevância dos resultados de projetos e/ou programas de natureza social (GODOY, 2010, p. 127).

O enfoque deste estudo de caso foi exploratório e descritivo. Descritivo porque buscou bases teóricas já estabelecidas (categorias teóricas), conforme o campo analisado; e exploratório porque permitiu novas proposições a partir dos resultados empíricos da pesquisa (descobertas).

5.2 Coleta de Dados

A coleta de dados foi feita entre os meses de julho e dezembro de 2016, porque, além de mais recentes, as atividades do COMPAZ-LD no segundo semestre do ano foram mais volumosas e tiveram mais destaque na sociedade em relação ao primeiro semestre. Dois tipos de dados foram coletados, os primários e secundários. Os secundários foram obtidos com trabalhos científicos (dissertações e artigos), *sites* do Conselho e relacionados a ele, reportagens, materiais de divulgação do Conselho e atas de reuniões, de extrema importância por apresentarem de forma escrita os acontecimentos presenciados nas reuniões. Esses dados foram essenciais, principalmente, para o conhecimento do COMPAZ-LD, suas informações gerais, suas ações, sua estrutura e seus objetivos.

Os dados primários foram levantados por meio da observação participante e do diário de campo, com anotações minusciosas e impressões subjetivas de

acontecimentos relevantes ocorridos durante as reuniões e as atividades realizadas pelo COMPAZ-LD. A observação participante foi de essencial contribuição para a pesquisa, porque, por meio delas, foi possível obter os principais dados da pesquisa, as falas dos conselheiros, de forma natural e espontânea.

O diário de campo possibilitou uma descrição aprofundada de expressões, saberes, espaços e regras de um grupo social, conforme Geertz (2008). E emprega-se na “apresentação, descrição e ordenação das vivências [...] dos sujeitos do estudo e como um esforço para compreendê-las” (ARAÚJO *et al*., 2013, p. 54). É usado como um instrumento reflexivo para o pesquisador, um modo de conhecer as experiências dos atores pesquisados, de forma que se apreenda significados das situações vividas pelos atores sociais (MACEDO, 2010).

As 10 reuniões acompanhadas pela pesquisadora ocorreram nas seguintes datas: (1ª) 06/07/16, (2ª) 20/07/16, (3ª) 03/08/16, (4ª) 17/08/16, (5ª) 31/08/16, (6ª) 05/10/16, (7ª) 26/10/16, (8ª) 09/11/16, (9ª) 23/11/16, (10ª) 07/12/16. Cada reunião durou em torno de 1h30, somando15h de diário de campo.

As reuniões aconteceram das 14h30 às 16h00 às quartas-feiras no Sindicato do Comércio Varejista de Londrina e Região (SINCOVAL). Geralmente, das 14h00 às 14h30, ocorreram momentos de reflexão sobre a paz com um vídeo ou um texto, com o objetivo de trabalhar o conceito entre os conselheiros.

Com os dados em mãos, foram feitas mais duas dinâmicas para a coleta de dados. A primeira foi com perguntas específicas a dois conselheiros, as quais consistiam em dúvidas geradas a partir da observação participante; e a segunda foi uma rodada de perguntas para os membros presentes na última reunião presenciada pela pesquisadora. Essa segunda dinâmica teve o objetivo de analisar as visões, perspectivas e conceitos de cada um, com a possibilidade de se observar os consensos, as concordâncias, as interações, os laços de confiança, as possíveis correções de respostas, as contradições e os possíveis conflitos, com a exposição de forma natural de como os conselheiros se comportam e lidam com seus parceiros, em grupo.

É importante frizar que, com essa proposta, a pesquisadora pretendeu trabalhar com o grupo focal na qualidade de um ferramental extra e não de uma metodologia de coleta de dados, posto que a principal forma de coleta desta pesquisa foi a observação participante. Segundo Krueger (1994) e Morgan (1988), alguns dos benefícios de se usar o grupo focal são oportunidades de coletar dados

por meio da interação de grupo, foco no tópico de interesse, alta validade dos dados, rapidez e maior alcance de participantes na pesquisa.

O Formulário de Consentimento da Pesquisa (apêndice B) foi assinado pela diretora do COMPAZ-LD no mês de setembro, durante uma das reuniões semanais. Esse formulário autoriza à pesquisadora o uso dos nomes das organizações, juntamente com a posição que as pessoas envolvidas ocupam nessas organizações.

5.3 Unidade de Análise

A unidade de análise define-se como um "[…] nível de abstração em que o pesquisador olha a variabilidade" (GUEST; NAMEY; MITCHELL, 2013, p. 26). Ou seja, é a delimitação do que será analisado. Segundo os autores, uma unidade pode ser um episódio, um indivíduo, um âmbito doméstico ou familiar, uma vizinhança, uma Rede, uma localidade ou cidade e uma região, por exemplo. Assim que o caso a ser estudado estiver estabelecido, torna-se importante definir as fronteiras de interesse do pesquisador (GODOY, 2010).

No caso deste estudo, a unidade de análise foi composta pela Rede de Relações Sociais a partir do núcleo COMPAZ-LD, definidas conforme o envolvimento com o objeto de estudo. Com a presença em dez reuniões e participação em oito eventos do Conselho, a partir dos *softwares* Ucinet® e Netdraw®, selecionados por serem de fácil acesso e atenderem às necessidades das informações dos grafos apresentados, foi possível mapear as relações sociais de acordo com a participação dos atores, com o intuito de delimitar as fronteiras dessas relações. Assim, a unidade de análise definiu-se por essas relações, pessoas que frequentaram as reuniões e que participaram dos eventos.

5.4 Instrumento de Coleta de Dados

Os instrumentos de coleta de dados foram embasados no método da triangulação: observação participante, entrevistas semiestruturadas (referentes aos dados primários) e análise de documentos (referente aos dados secundários). A entrevista, para Godoi e Mattos (2010, p. 302), representa um "[…] evento de intercâmbio dialógico – que pode promover reformulação metodológica capaz de enriquecer a prática da pesquisa e construir novas situações de conhecimento". A

entrevista baseada em roteiro (semiestruturada) caracteriza-se pela flexibilidade de ordenação e formulação das perguntas e respostas.

A observação participante é indutiva, flexível, usada em capacidade exploratória, ajuda a desenvolver o foco da pesquisa e propicia a análise das falas de forma próxima e natural (GUEST; NAMEY; MITCHELL, 2013). A escolha desse tipo de observação se dá porque se acredita que o maior envolvimento possível da pesquisadora com as ações e as relações sociais existentes possibilitará um acesso maior às informações buscadas.

Os documentos utilizados nesta pesquisa foram: atas de reuniões, *sites,* reportagens, leis, decretos e trabalhos científicos. Os instrumentos foram acompanhados por referências teóricas que embasaram a compreensão e a contextualização do estudo.

Guest, Namey e Mitchell (2013) afirmam que, para operacionalizar os procedimentos e instrumentos de coleta de dados, é preciso estabelecer qual dimensão da experiência humana compreenderá o elemento central do problema de pesquisa. Por exemplo, comportamentos, atitudes, opiniões, percepções, conhecimentos, emoções, valores, significados culturais, estruturas sociais, relacionamentos, entre outros. Portanto, dadas as relações sociais como foco da dimensão humana pesquisada, as entrevistas, observações e análises documentais foram úteis e coerentes para esta pesquisa.

5.5 Definição Operacional das Categorias

Conforme explica Bardin (2011), as categorias da pesquisa podem ser definidas de três formas: 1) categoria preliminar (a partir de trechos da teoria); 2) categoria emersa (trechos de falas); 3) percepção do pesquisador, conforme a sua aproximação com o tema em questão. Segue o quadro (4) com as categorias e subcategorias definidas.

Quadro 4 - Definição das Categorias e Subcategorias de Análise

Objetivos Específicos	Categorias	Subcategorias	Autores
a) Constatar eventos do COMPAZ-LD durante o segundo semestre de 2016	Eventos	1. Reuniões 2. Planejamentos 3. Decisões 4. Organizações 5. Operacionalização	
b) Demonstrar relações sociais formadas para a realização dos eventos selecionados	Relações Sociais	6. Participação nas reuniões 7. Participação dos eventos 8. Atores proeminentes 9. Fronteiras da Rede (mapeamento)	Granovetter (1973) Tish, Tushman e Fombrum (1979) Martes *et al*. (2006) Swedberg (2004) Serva e Andion (2006) Romagnolo (2016)
c) Analisar a manifestação do Capital Social em trocas de recursos dos eventos selecionados, a partir das relações sociais demonstradas	Capital Social	10. Reciprocidade 11. Capacidade associativa 12. Confiança 13. Cooperação mútua 14. Obrigação 15. Mecanismo eficiente 16. Interesses de grupos sociais 17. Relações horizontais 18. Redes e Relações Sociais 19. Investimento em Relações Sociais por retornos esperados 20. Obtenção de recursos imersos por ações instrumentais ou expressivas 21. Capacidade potencial (de acesso) 22. Utilização efetiva (mobilização)	Putnam (2007) D'Araujo (2003) Fukuyama (2001) Franco (2001) Lin (1999a, 2005)

Fonte: Autora.

5.6 Análise dos Dados

A análise dos dados tem por base Bardin (2011), com o critério "semântico" (categorias temáticas), que faz parte de uma das técnicas de análise de conteúdo mais utilizadas. A análise de conteúdo refere-se a "[…] um conjunto de técnicas de análise de comunicações" (BARDIN, 2011, p. 33).

O critério "semântico" foi selecionado porque, conforme as categorias e subcategorias propostas no item anterior, os dados obtidos por meio da observação participante e das falas foram analisados e agrupados de acordo com suas características comuns, embasadas pelo referencial teórico, adequado para as pesquisas qualitativas.

Da mesma forma, as categorias emergidas (exploratórias) foram analisadas e agrupadas de acordo com os trechos das falas, incluindo impressões da

observação advindas da pesquisa de campo. Também foram analisados momentos passados e presentes para validar a identificação de manifestações do CS.

5.7 Limitações

As limitações apresentam-se em três pontos:

a) Como já mencionado na justificativa, segundo a busca feita por trabalhos científicos na base de dados Spell® e Science Direct®, existem poucas pesquisas recentes na área da Administração sobre CS e Redes Sociais conjuntamente, o que pode prejudicar as compreensões empíricas do estudo;
b) Na observação participante, a pesquisadora pode se deixar influenciar pela proximidade e envolvimento com o objeto e sua causa. Todavia, ao considerar essa limitação, buscaram-se outras visões referentes ao COMPAZ-LD, o que permitiu maiores problematizações e um olhar mais crítico sobre as vivências advindas dessa aproximação.;
c) Falta de tempo para buscar mais informações que complementariam a análise da pesquisa, como a participação de conselheiros nas atividades do COMPAZ-LD além das reuniões.

5.8 Cronograma e Recursos

Neste item apresenta-se o planejamento mensal das atividades desta dissertação, assim como os seus custos, a fim de permitir o controle e a organização de cada atividade e calcular seus gastos.

Quadro 5 - Cronograma Executivo: 2015-2016

Meses → **Etapas-Atividades** ↓	Mar/Abr (2015)	Mai/Jun (2015)	Jul/Ago (2015)	Set/Out (2015)	Nov/Dez (2015)	Jan/Fev (2016)
Pesquisa de Dados Secundários	x					
Desenvolvimento da Fundamentação Teórica	x	X	x	x	x	x
Definição: Problema, Objetivos e Metodologia				x	x	x
Elaboração/Submissão de Ensaio Teórico					x	x

Fonte: Autora.

Quadro 6 - Cronograma Executivo: 2016-2017

Meses → / **Etapas-Atividades ↓**	Mar/Abr (2016)	Mai/Jun (2016)	Jul/Ago (2016)	Set/Out (2016)	Nov/Dez (2016)	Jan/Fev (2017)	Mar/Abr (2017)
Elaboração/Submissão de Ensaio Teórico	x	x	x				
Exame de Qualificação				x			
Coleta de Dados			x	x	x		
Análise e Tratamento dos Dados				x	x	x	
Resultados Parciais					x	x	
Relatório e Redação Parcial da Dissertação					x	x	
Discussão e Sugestões					x	x	
Redação Final e Revisão						x	x
Apresentação e Defesa em Banca							x
Publicações de Artigos	x	x	x	x			x

Fonte: Autora.

Quadro 7 - Recursos para a Pesquisa

	Unidade	Valor/Unidade	**Total**
Luz	600	R$ 0,23	R$ 138,00
Papel / Impressão	700	R$ 0,10	R$ 70,00
Encadernação	6	R$ 3,50	R$ 21,00
Computador	1	R$ 1.200,00	R$ 1.200,00
Gasolina	60	R$ 3,50	R$ 210,00
Total			**R$ 1.639,00**

Fonte: Autora.

5.9 Síntese da Estratégia Metodológica

Quadro 8 - Síntese da Estratégia Metodológica

Objetivo geral	**Objetivos específicos (a, b, c)**	**Observação participante / Entrevista** **Apêndice C**	**Análise documental**
Compreender as manifestações de Capital Social em trocas de recursos a partir de relações sociais em eventos do Conselho Municipal de Cultura de Paz de Londrina no Paraná (COMPAZ-LD) durante o segundo semestre de 2016	a) Constatar eventos do COMPAZ-LD durante o segundo semestre de 2016	Tópico a	- Atas de reuniões - *Sites* - Reportagens - Leis - Decretos - Dissertação
	b) Demonstrar relações sociais formadas para a realização dos eventos selecionados	Tópico b	
	c) Analisar a manifestação do Capital Social em trocas de recursos dos eventos selecionados, a partir das relações sociais demonstradas	Tópico c	

Fonte: Autora.

5.10 Sondagem

Para melhores definições do problema de pesquisa e dos objetivos geral e específicos, a realização da sondagem se fez essencial. Nela, pretendeu-se ter a primeira aproximação com o COMPAZ-LD e suas atividades e também a visão de um cidadão que não participa do Conselho, na busca de um olhar de fora, selecionado por conhecer e acompanhar jornalisticamente a criação e o desenvolvimento do MSLP e do COMPAZ-LD, identificado por PL (profissional londrinense).

Os nomes dos conselheiros também não foram revelados por respeito a suas privacidades; dessa forma, foram tratados por C1, C2, C3,..., C33, definidos por ordem alfabética. O 33 representa o número de pessoas que participou ao menos de 1 das 10 reuniões presenciadas pela pesquisadora. Observa-se que dos 33, apenas 25 são conselheiros de fato; essas oito pessoas a mais participaram porque tinham interesse em contribuir, independente de títulos ou formalidades. No entanto, todos serão tratados com a letra “C”.

Observa-se que a sondagem é já acompanhada por análises, devido às suas relações com os dados da pesquisa.

5.10.1 Primeiro contato com um membro do COMPAZ-LD

O primeiro contato com o COMPAZ-LD foi feito por meio telefônico. A pesquisadora se apresentou como aluna do mestrado de Administração da Universidade Estadual de Londrina (UEL), sob a orientação do Prof. Dr. Ivan de Souza Dutra, integrante do Grupo de Estudos em Redes Organizacionais, Sociais e Sustentabilidade (REOS) da UEL (já conhecido pelo COMPAZ-LD) e colega da mestra Dayane Romagnolo, também conhecida por eles pela realização de sua dissertação e artigo referente ao MSPL (ROMAGNOLO, 2016; ROMAGNOLO *et al*., 2015).

A conversa foi satisfatória porque o membro se mostrou muito solícito com o interesse da pesquisadora e começou a falar do COMPAZ-LD com entusiasmo. Informou que as reuniões aconteciam semanalmente às quartas-feiras das 14h30 às 16h00, no Sindicato do Comércio Varejista de Londrina e Região (SINCOVAL). Afirmou que o COMPAZ-LD era um Conselho de significativo êxito para a cidade

porque já estava no seu 8º ano, com a 5ª diretoria. Também convidou a pesquisadora a entrar no *site* do COMPAZ-LD e olhar a programação de atividades do ano inteiro de 2016.

A ligação se encerrou com o agradecimento de ambos e com a combinação de que pesquisadora começaria a frequentar as reuniões do COMPAZ-LD, para se inteirar sobre a sua estrutura, decisões e atividades.

5.10.2 A visão de um ator proeminente de Londrina

Na procura de uma visão de um cidadão proeminente de Londrina sobre o COMPAZ-LD, em que não houvesse influências de pessoas do Conselho, buscou-se uma conversa com um profissional da área de Comunicação (PL) que atua junto a uma importante instituição de ensino superior e acompanha o Conselho desde suas origens na década de 2000. A conversa, que trouxe percepções críticas e contribuições, foi registrada com anotações, sem o uso de gravador, dado o caráter mais informal do momento. Dessa forma, as informações apresentam-se de forma resumida, priorizando o que a pesquisadora entendeu como mais relevante nas falas.

Ao perguntar sobre como avalia a atuação do COMPAZ-LD, PL responde que conhece o movimento desde o início, quando trabalhava na Rádio UEL e na Folha de Londrina. O contexto era de grandes índices de violência e criminalidade, com debate na sociedade, governo e secretarias. Londrina apresentava complicadas situações estruturais, com rota do tráfico, CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito), narcotráfico e necessidade de policiamento. Surgiu então uma manifestação espontânea da sociedade civil, com apoio maciço da imprensa e com a primeira pessoa a falar “precisamos ter uma cultura de paz”. Assim, acompanhou algumas manifestações, como a do desarmamento.

Nessa resposta, PL traz elementos semelhantes à fala de C4 (que será apresentada) em relação à violência da cidade de Londrina e ao surgimento do COMPAZ-LD. Sobre a representatividade do Conselho, afirma que acredita ser representativo local e regionalmente. Nacionalmente não sabe avaliar. Mas, afirma, que se o número de assassinatos diminuiu entre 2001 e 2016, é provável que o Movimento tenha colaborado. Apesar de não saber se o Conselho se destaca nacionalmente, acredita ser um exemplo nacional, porque colabora com resultados

satisfatórios, com o envolvimento da sociedade civil e empresários, por exemplo. Dessa forma, considera que o Movimento foi bem recebido pela cidade, mas afirma que perdeu força atualmente porque a notícia só chama a atenção quando se lança algo novo, com a necessidade de trabalhos de manutenção, com mudanças e consequentemente, maior destaque nas mídias.

Em relação ao exemplo nacional, C21 comenta em uma das reuniões do Conselho que o Abraço no Lago (evento mais conhecido do COMPAZ-LD na cidade) foi citado em uma reunião do Congresso de Educação no nordeste do Brasil. Londrina foi reconhecida como uma referência por esse evento.

Assim como PL, C23 afirma diante de uma das ações do COMPAZ-LD, que "é bonito o reconhecimento da cidade pelo trabalho do Conselho". O contexto dessa afirmação foi a venda de cartelas da Tarde ComPaz (evento que será tratado adiante) na rua, em que as pessoas recebiam a abordagem de forma positiva por já conhecerem o trabalho do Conselho.

Sobre fatos advindos do COMPAZ-LD que PL considera importante, aponta que o mais importante é o debate aprofundado sobre a cultura de violência e paz e a tentativa de combate aos programas televisivos policiais, a relação com a segurança pública. Segundo PL, a imprensa mistura acidente com violência, cria alarde, o que vai contra a cultura de paz. Envolve banalidades com assuntos sérios, o que influencia na educação, que tem relação com a má orientação. Assim, para PL, o COMPAZ-LD colabora com o "falar o povês".

Nesse discurso, percebe-se a aproximação com falas de C21 sobre os programas policiais televisivos, em que defende que os meios de comunicação devem tratar de coisas boas, de exemplos de paz, e não mostrar sempre a violência.

Ao questionar se PL teria sugestões de melhorias para o Conselho, apresenta ideias como trabalhos de visibilidade, *marketing* do 3º setor, comunicação, "pautas" da sociedade de novas ações, novos conceitos, propostas de uma agenda de inovações, apresentação de uma pessoa de paz para um grande debate, ideias que chamem a atenção. Segundo PL, o Conselho poderia ter parcerias com entidades, como o Museu Histórico de Londrina, o Foto Clube de Londrina e a Jornada pela Paz, e ações que remetam à paz, como calendários da paz (que a pessoa olha todo dia). Afirma também que é preciso remodelar o Abraço no Lago, por ter a sua "marca" desgastada e a necessidade de se fortalecer.

Em relação a trabalhos de marketing, realmente não foi observada a existência de investimentos nessa área. O que acontece são divulgações em *sites*, notícias, mídias sociais e boca a boca. Acredita-se que ações direcionadas de marketing seriam importantes para o Conselho, porém no momento não seria possível por falta de recursos financeiros. Por essa dificuldade, ao longo do trabalho, será discutida a questão das promoções para a arrecadação de dinheiro.

Sobre as parcerias, o COMPAZ-LD tem inúmeras, mas os três exemplos que PL apresenta podem servir como uma contribuição a eles. Um dos eventos que serão mencionados nos resultados deste trabalho foi realizado no Museu Histórico, que cedeu o espaço por seu caráter cultural.

Sobre o Abraço no Lago, C21 tem uma opinião contrária a de PL, dado que em várias ocasiões exalta a importância e a representatividade do evento para a cidade, tanto para a conscientização dos londrinenses quanto de cidades do país (como já mencionado o exemplo do Nordeste). Outras críticas em relação ao Abraço foram feitas por dois conhecidos da pesquisadora. Questionados sobre a sua opinião após terem participado formalmente do evento (em um ponto do Lago – as várias instituições da cidade podem se inscrever em um ponto do Lago e se concentrarem ali no dia, com amigos, parceiros e conhecidos), afirmaram: “É muito trabalho, muita função, horas de preparação, para ter 2 minutos de “agacha, levanta, agacha levanta, pela paz!”” e “o Abraço poderia ter coisas mais diferentes, que envolvessem mais as pessoas”. A principal atividade do Abraço consiste em as pessoas darem as mãos em torno de todo o Lago e ao levantarem após agacharem, gritarem “pela paz!”.

Sobre a crítica PL, acredita-se que, apesar de o Abraço não ser mais uma novidade, ainda é bastante aceito pelos londrinenses, dado que movimenta muitas organizações, muitas pessoas contribuem para a sua realização e participam; todos que são questionados sobre conhecer o evento, respondem que sim, que já ouviram falar. E ainda sobre a reposta anterior de PL, assim como o Abraço no Lago, outras ações do COMPAZ-LD são bastante divulgadas em jornais televisivos locais.

Sobre a crítica dos conhecidos da pesquisadora, acredita-se que o evento é mais voltado para a simbologia, para a conscientização e para a mobilização das pessoas, para o que o evento representa em si e não tanto pela atividade específica que realizam durante o dia. Concorda-se, no entanto, que o Abraço poderia ser

remodelado e trazer maiores diferenciais, o que atrairia mais pessoas e alcançaria maiores conscientizações.

Ao perguntar a PL se acredita que o COMPAZ-LD existiria sem C21, primeiramente responde que sim, mas que teria de achar um líder tão entusiasmado como ele. Para PL, a cultura de paz está “colocada” na sociedade. O que faltaria é a liderança. Um exemplo de falta de liderança que PL traz é a política, com as pessoas que não querem mais saber de nada, que desdenham da política com xingamentos. “Como mudar uma sociedade se ela não acredita nela mesmo? Se não tem um prefeito, como terá um líder do Movimento?”, questiona.

A resposta de PL é contraditória porque afirma ser possível o Conselho funcionar sem C21, mas logo em seguida trata da dificuldade da existência de um outro líder. Sobre a cultura de paz já estar “colocada” na sociedade, acredita-se que ainda falta muito para isso acontecer. É possível que uma parcela da população londrinense tenha essa consciência, inclusive os envolvidos com o Conselho, que trabalham voluntariamente por acreditarem nessa ideia, porém, o que se vê nos noticiários, nas ações do dia a dia é que a cultura de paz não existe para muitos.

Alguns pontos podem ser analisados a respeito dessa conversa, considerada bastante proveitosa pela pesquisadora. Nota-se um sentimento de relevância em relação à criação do Conselho e de seu desenvolvimento ao longo dos anos, com o reconhecimento de que promove um debate importante para a cultura de paz, de forma acessível aos cidadãos. Também defende a representatividade e os resultados positivos do Conselho.

Entretanto, sua visão é pautada fortemente por críticas, que aparecem de forma construtiva. Afirma que o Conselho perdeu força e que precisa de inovações e maior visibilidade. É interessante que apresenta diversas sugestões de melhorias, o que futuramente será apontado pela pesquisadora junto ao Conselho, no intuito de contribuir com as suas ações. O Abraço no Lago, principal evento anual do Conselho, é criticado por sua perda de força desde que foi criado, por falta de inovação. Ao falar sobre C21, afirma que é possível que o Conselho exista sem ele, mas que precisaria ter alguém com o mesmo entusiasmo dele, difícil de encontrar.

O trabalho segue com a apresentação e discussão dos resultados, que a partir da sondagem realizada, obteve um melhor embasamento e direcionamento em relação às observações do surgimento, existência e desenvolvimento do COMPAZ-LD.

6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1 CONTEXTO ORGANIZACIONAL DO COMPAZ-LD

Segundo o IBGE (2015), o número de indivíduos que residem em favelas na cidade de Londrina, consideradas regiões “subnormais”, é de 7.992 pessoas. Outros problemas recorrentes na cidade, a exemplo do desemprego, da má distribuição de renda, da precariedade no sistema carcerário e das péssimas condições do ensino público, desencadeiam consequências negativas aos cidadãos londrinenses, em especial a violência. Diante de muitos casos de violência, C4 e PL expõem seus olhares sobre o início do Movimento Pela Paz a Não Violência, em 2001, que mais tarde, em 2007, levou à criação do COMPAZ-LD.

> Foi numa situação, numa época que havia muito a questão de assalto, de conflito dentro da cidade e a cidade então ficou [...] com medo, né, com problema de policiamento... então foi o início desse movimento da paz. E surgiu então a ideia de se fazer esse Abraço ao Lago, que conseguiu trazer grande parte da sociedade, de diferentes níveis sociais, a participar disso, então foi um alerta (C4).

> Conheço o movimento desde o início, quando trabalhava na Rádio UEL e na Folha de Londrina. O contexto era de grandes índices de violência e criminalidade, com debate na sociedade, governo e secretarias. Londrina apresentava complicadas situações estruturais, com rota do tráfico, CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito), narcotráfico e necessidade de policiamento. Surgiu então uma manifestação espontânea da sociedade civil, com apoio maciço da imprensa e com a primeira pessoa a falar “precisamos ter uma cultura de paz”. Assim, acompanhei algumas manifestações, como a do desarmamento (PL).

O ativismo de pessoas da sociedade civil (JORNAL DA TAROBÁ, 2002; TV COROADOS, 2002), consequente de um descontentamento com o número de casos de violência e criminalidade na cidade naquele período, foi o primeiro passo do surgimento do Movimento Pela Paz a Não Violência. O COMPAZ-LD foi criado então em 2007, com a Lei 10.388, e entrou em vigor em 2008 (há 9 anos). Essa criação veio da necessidade de se formalizar ações que a ONG Londrina Pazeando já desenvolvia há 17 anos e da abertura para que outras instituições pudessem participar e contribuir com atividades em prol da paz (C21, 2016). Segue o artigo da Lei 10.388 que cria o Conselho:

> Art. 1º Fica criado o Conselho Municipal da Cultura de Paz - COMPAZ-LD, que tem por finalidade a promoção da cultura e educação para a paz, buscando promover a paz em todas as suas dimensões, individual, coletiva, social e ambiental, sendo ele transpartidário, transreligioso e transdisciplinar (LONDRINA. Lei 10.388, 2007, art. 1).

Segundo fragmentos de falas de C21, a cultura de paz para o COMPAZ-LD significa um movimento de humanização, busca pela sustentabilidade, proteção do meio ambiente e crescimento pessoal, que envolve a família, o bairro, a cidade, a região e o país, ao promover a não violência, a tolerância, a reconciliação, a solidariedade, o diálogo e a justiça em atitudes cotidianas. Para o Conselho, a construção da cultura de paz é possível por meio da mobilização de pessoas pertencentes ao terceiro setor, empresas e Estado, com o intuito de se viver em paz e harmonia plena, de forma que os conflitos sejam resolvidos de forma pacífica.

O conceito de cultura de paz do COMPAZ-LD envolve a sustentabilidade transformacionista de Hopwood *et al*. (2005), assim como aqui é assumida pela pesquisadora, ao defender um movimento de mudanças de paradigmas e relações da sociedade, em que diversos setores devem trabalhar conjuntamente em busca da paz. Todavia, problematiza-se a questão da passividade, ao considerar que a tolerância e a busca de resolução de conflitos por diálogos, por exemplo, também podem comprometer a visão crítica que a transformação necessita.

No mês de dezembro de 2016, ocorreu a cerimônia do “Prêmio Boas Práticas com Conselhos Municipais de Londrina”, com o objetivo de “[...] identificar, valorizar e divulgar para a comunidade bons projetos que vêm sendo desenvolvidos pelos conselhos de políticas públicas de Londrina e [...] estimular a inovação e o processo de controle social da gestão pública” (BONDENEWS, 2016). Dos 25 conselhos municipais de políticas públicas da cidade, 24 tiveram a oportunidade de inscreverem seus projetos (1 dos Conselhos estava organizando o evento), que tratassem das áreas de controle social, promoção da cidadania, transparência e eficiência e participação da comunidade.

O Conselho Municipal dos Direitos do Idoso (CMDI) ficou em 1º lugar, com o projeto "Transparência e eficiência no uso dos recursos provenientes da destinação do imposto de renda ao Fundo Municipal dos Direitos do Idoso de Londrina". O COMPAZ-LD ficou em 2º lugar, com o projeto "Campanha arma não é brinquedo", que trabalha com a destruição de armas de brinquedo e a conscientização de que não sejam vendidas nem usadas para e pelas crianças. Com a premiação de troféu

e certificado, os conselheiros ficaram bastante felizes com o reconhecimento do seu trabalho e demonstraram entusiasmo na continuidade dele. Esse fato atestou a relevância do Conselho para a cidade, a importância das suas ações.

A gestão do COMPAZ-LD é alterada a cada dois anos (atualmente encontra-se na gestão 2016-2018). Observa-se que a média de idade dos conselheiros é de 40 a 60 anos e que a maioria possui boas condições de escolaridade e financeiras. Formalmente, o Conselho é composto por 25 instituições (24 titulares e 1 suplente), divididas em 8 setores da sociedade, em que se destaca o Poder Público, com o maior número de instituições envolvidas:

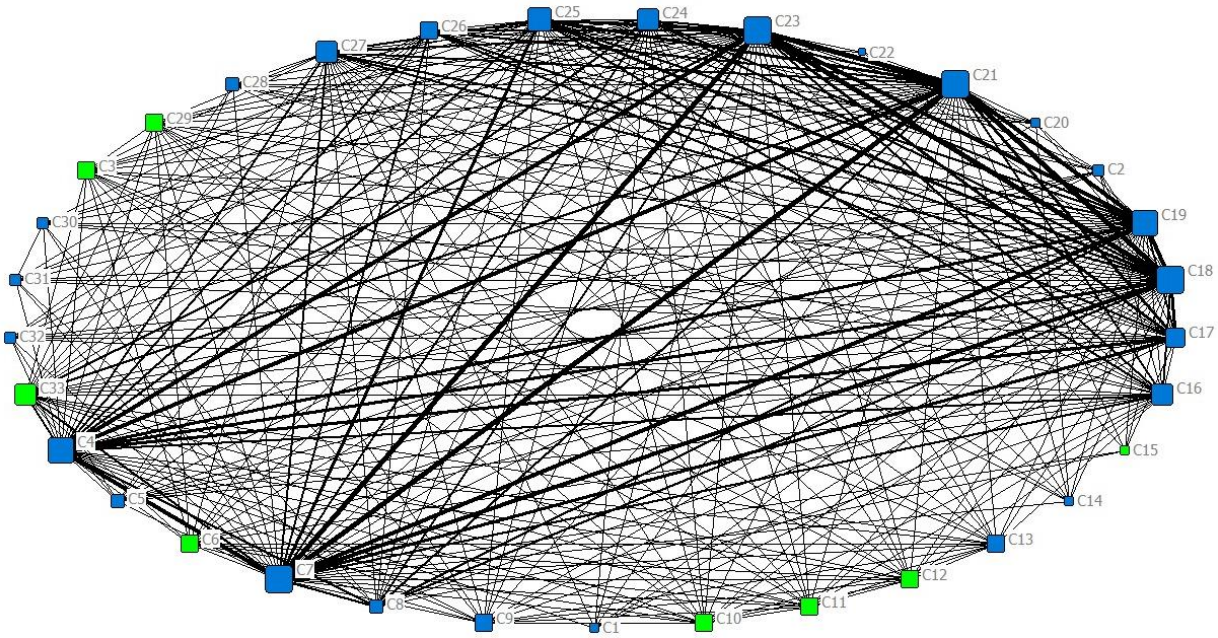
Quadro 9 - Instituições do COMPAZ-LD 2016-2018

Entidades Religiosas
1. Cáritas Arquidiocesana de Londrina
2. Conselho de Pastores Evangélicos de Londrina
3. Federação Espírita do Paraná
Organizações Não Governamentais
4. Londrina Pazeando
5. Clube Aventureiros do Amanhecer
6. Nós do Poder Rosa
7. Associação Beneficente Galvão Bueno (Associação Suplente)
8. Programa do Voluntariado Paranaense de Londrina
9. Rotary Club de Londrina
Categorias Profissionais
10. Sindicato Rural Patronal de Londrina
11. Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais - BPW Londrina
Ensino Superior Privado
12. Pontifícia Universidade Católica de Londrina
13. Centro Universitário Filadélfia
Ensino Fundamental/Médio Privado
14. Sindicato das Escolas Particulares
Ensino Superior Público
15. Universidade Estadual de Londrina
Ensino Fundamental/Médio Público
16. Núcleo Regional de Educação
Poder Público
17. Câmara Municipal
18. Fundação de Esporte de Londrina
19. Secretaria Municipal de Ambiente
20. Secretaria Municipal de Assistência Social
21. Secretaria Municipal de Cultura
22. Secretaria Municipal de Defesa Social
23. Secretaria Municipal de Educação
24. Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres
25. Secretaria Municipal de Saúde

Fonte: Adaptado *site* COMPAZ-LD, 2016.

Segundo as ligações entre atores (pessoas, grupos e organizações) por relações sociais, que se unem no relacionamento de trocas de informações, planejamentos, decisões e ações em prol da paz, e com referência à teoria de Redes Sociais de Granovetter (1973) e Tichy, Tushman e Fombrum (1979), foram definidas as seguintes estruturas sociais, com o auxílio dos *softwares* Ucinet® e Netdraw®, ao longo das 10 reuniões presenciadas:

Grafo 1 - Rede de Pessoas que Participaram de Reuniões



Fonte: Autora.

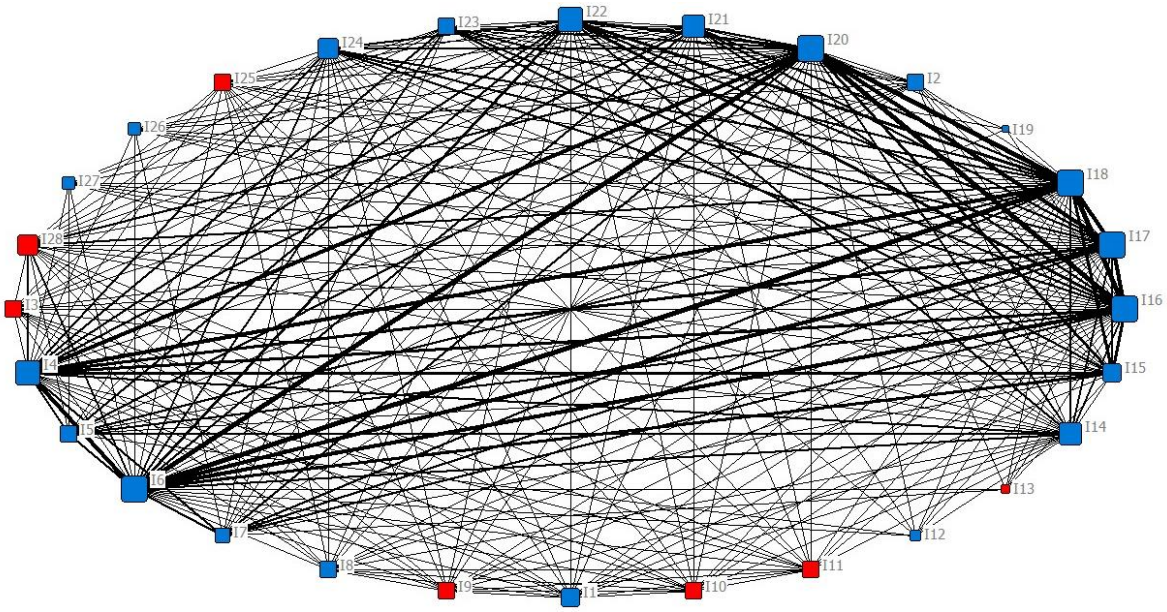
Cada instituição que compõem o COMPAZ-LD é representada por duas pessoas, um titular e um suplente; logo, 50 pessoas fazem parte formalmente do Conselho. Todavia, a partir desse grafo, que apresenta a relação das pessoas que participaram em pelo menos uma das 10 reuniões, foi observado que apenas 25 conselheiros (quadrados azuis) estavam presentes, metade do total. Os oito quadrados verdes representam “não conselheiros”, pessoas que não fazem parte do Conselho, mas que participaram no intuito de contribuir, independente de formalidades.

Uma fala de um(a) dos(as) conselheiros(as) assíduo(a) representa bem a situação analisada, que demonstra seu sentimento de desconstentamento: “A gente sabe que a pessoa tá ali só no papel, só pra dizer que está no Conselho”. Infelizmente, nem todos que se propõem a participar do COMPAZ-LD realmente participam, o que tende a contribuir para a diminuição do número de relações sociais e, consequentemente, a manifestação do CS (LIN, 1999a, 2005).

Entretanto, salienta-se que essa Rede de Relações representa apenas os participantes das reuniões. Há casos de conselheiros que participam das atividades do COMPAZ-LD e contribuem externamente e/ou indiretamente, mas não foi possível de levantá-los durante a pesquisa pela quantidade de informação e pelo tempo, como exposto nas limitações do percurso metodológico.

Observa-se que o grafo destaca o tamanho de cada conselheiro de acordo com o número de relações existentes entre eles, ou seja, quanto mais um conselheiro se encontrou com outros nas reuniões, maior o seu tamanho. A espeçura da linha indica o número de relações a cada duas pessoas; quanto mais forte a linha, maior o número de relações.

Grafo 2 - Rede de Instituições que Participaram de Reuniões



Fonte: Autora.

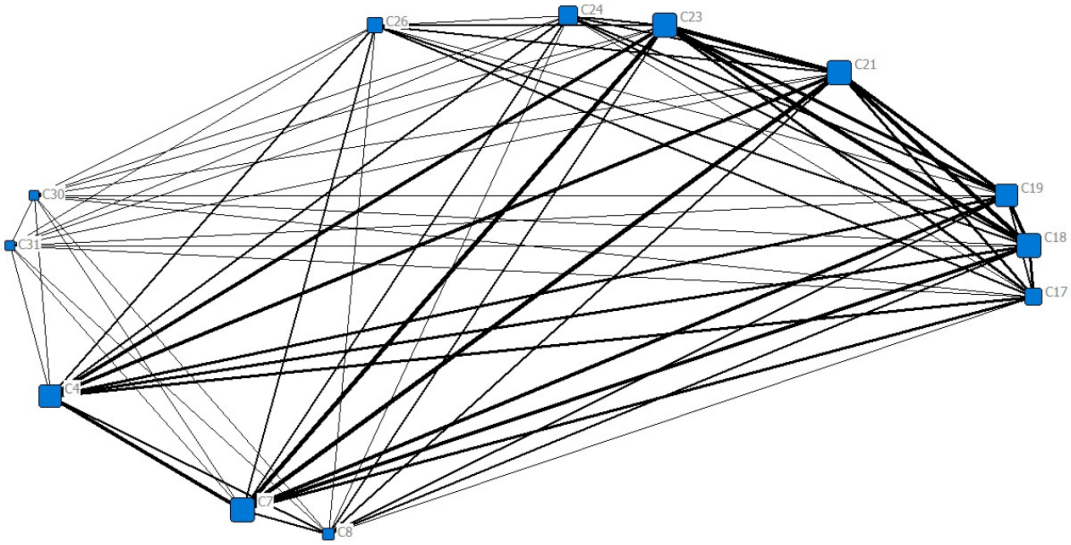
O segundo grafo apresenta a Rede de Instituições que compõem o COMPAZ-LD, representada pelas pessoas do grafo anterior. Observa-se que o número diminui (de 33 pessoas para 28 instituições) porque 5 instituições são representadas por seus titulares e suplentes (10 pessoas) enquanto as outras 23 instituições são representadas apenas por seus titulares, o que evidenciou a baixa participação dos suplentes nas reuniões do Conselho.

Os quadrados vermelhos demonstram as instituições que não fazem parte do Conselho, mas que estavam presentes em algumas das 10 reuniões. Então, das 28 instituições no total, 21 são do COMPAZ-LD e 7 não. As quatro organizações que não participaram de nenhuma das 10 reuniões foram o Centro Universitário Filadélfia, o Sindicato das Escolas Particulares, a Universidade Estadual de Londrina e a Fundação de Esporte de Londrina, sendo três delas da área da educação, o que demonstra um ponto desfavorável ao Conselho, que visa o trabalho em prol da cultura de paz por meio da conscientização e educação, principalmente.

6.2 Reuniões do COMPAZ-LD

Nos grafos a seguir, apresentam-se as relações em cada uma das dez reuniões, demonstradas com o intuito de ilustrar separadamente o conteúdo das reuniões, a participação dos conselheiros, o número de frequências e apresentar como a configuração de Rede muda conforme cada reunião.

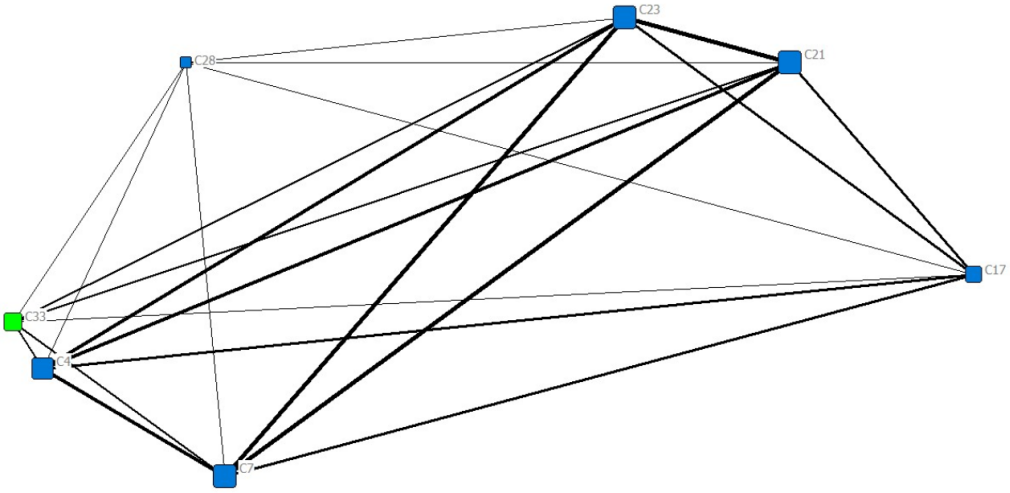
Grafo 3 - 1ª Reunião - 06/07/16



Fonte: Autora.

Participação de 12 conselheiros. Pauta: 1) Estudo (vídeo sobre paz), 2) Organização sobre a participação em uma reunião do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA), 3) Organização da Reunião para Formação de uma Rede de Instituições em prol da Cultura de Paz de Londrina, 4) Organização do 2º Ato pela Paz, 5) Organização da 1ª Festa das Nações Lusófonas, 6) Avaliação de uma das reuniões sobre o 8º Abraço no Lago, 7) Organização do 1º encontro da Família do Lago Norte, 8) Informações sobre a assinatura do Programa Cidades Sustentáveis por Londrina.

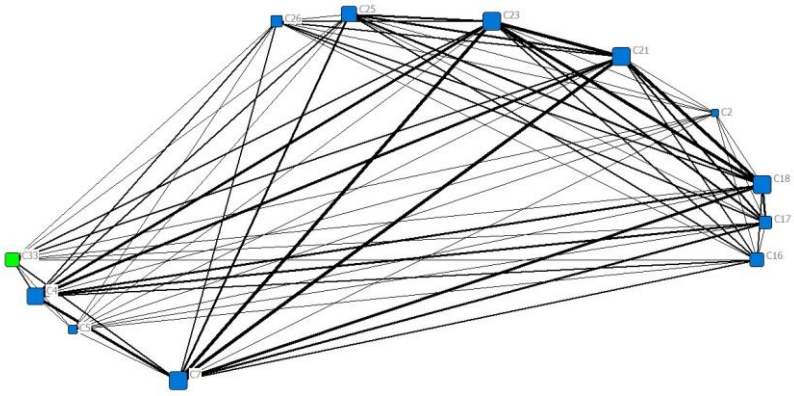
Grafo 4 - 2ª Reunião - 20/07/16



Fonte: Autora.

Participação de 6 conselheiros e 1 “não conselheiro”. Pauta: 1) Estudo (texto Oásis da Paz), 2) Reunião com o CMDCA, 3) 8º Abraço no Lago, 4) Reunião para Formação de uma Rede de Instituições em prol da Cultura de Paz de Londrina, 5) 2º Ato pela Paz, 6) 1ª Festa das Nações Lusófonas.

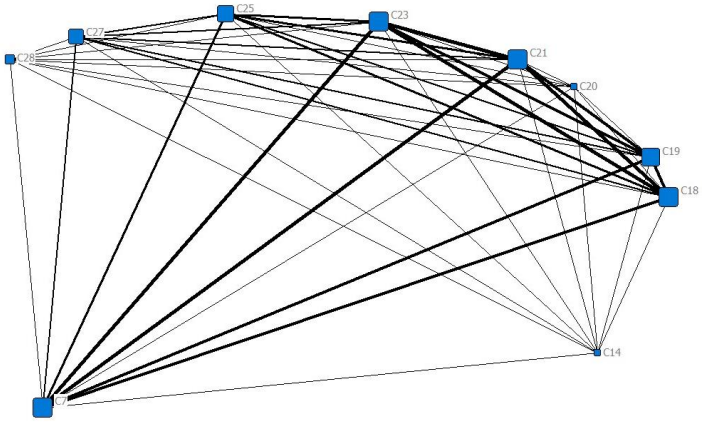
Grafo 5 - 3ª Reunião - 03/08/16



Fonte: Autora.

Participação de 11 conselheiros e 1 “não conselheiro”. Pauta: 1) Estudo (vídeo de Dulce Magalhães), 2) 2º Ato pela Paz, 3) Reunião para Formação de uma Rede de Instituições em prol da Cultura de Paz de Londrina, 4) 1ª Festa das Nações Lusófonas, 5) 16ª Semana Municipal da Paz.

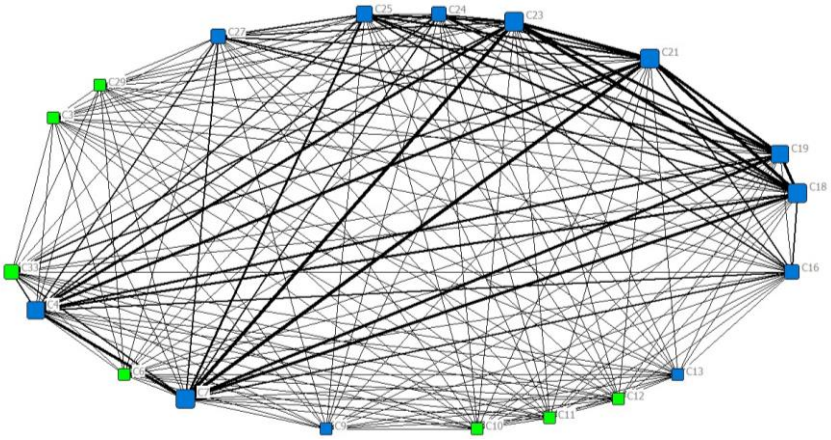
Grafo 6 - 4ª Reunião - 17/08/16



Fonte: Autora.

Participação de 10 conselheiros. Pauta: 1) 16ª Semana Municipal da Paz, 2) 1ª Festa das Nações Lusófonas, 3) Planejamento para conseguir recursos financeiros para o Conselho (cortes da prefeitura).

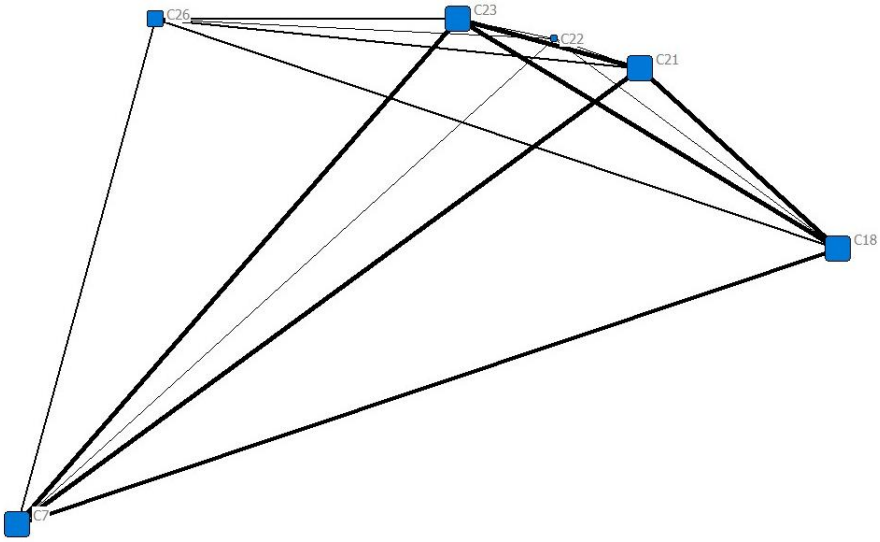
Grafo 7 - 5ª Reunião - 31/08/16



Fonte: Autora.

Participação de 12 conselheiros e 7 “não conselheiros”. O número acima da média de participação de “não conselheiros” foi devido a reunião ter sido específica para a organização do Abraço no Lago, evento que movimenta várias instituições da cidade, inclusive as que não compõem o COMPAZ-LD. Pauta: 8º Abraço no Lago.

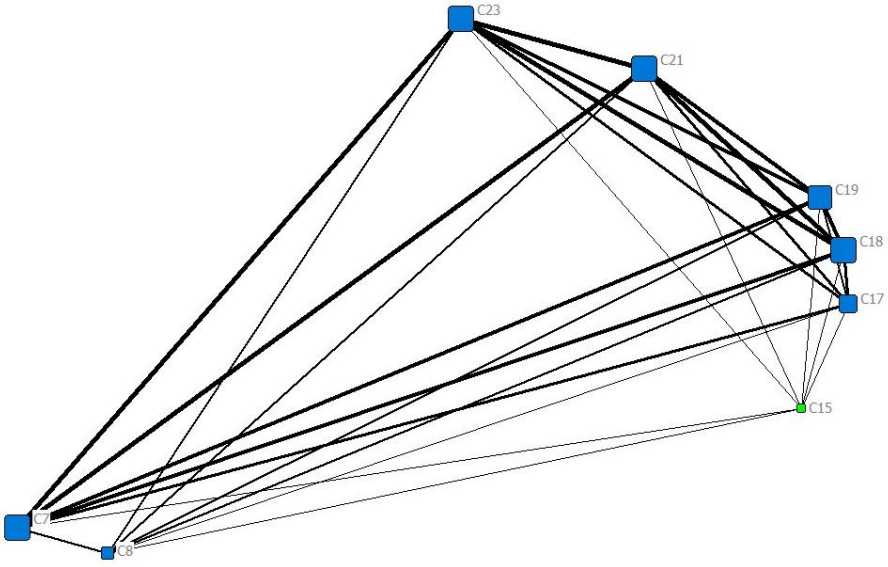
Grafo 8 - 6ª Reunião - 05/10/16



Fonte: Autora.

Participação de 6 conselheiros. Pauta: 1) Avaliação da 16ª Semana Municipal da Paz, 2) Organização da Tarde ComPaz.

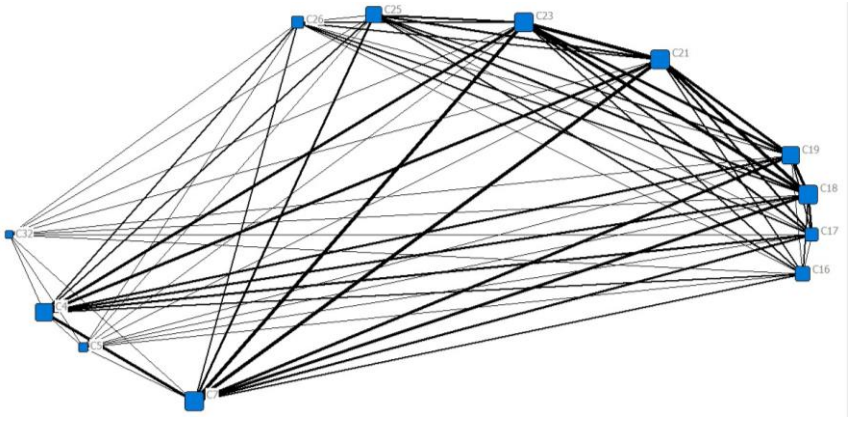
Grafo 9 - 7ª Reunião - 26/10/16



Fonte: Autora.

Participação de 7 conselheiros e 1 “não conselheiro”. Pauta: 1) Tarde ComPaz, 2) Dado da Cultura de Paz, 3) Agendas próximas.

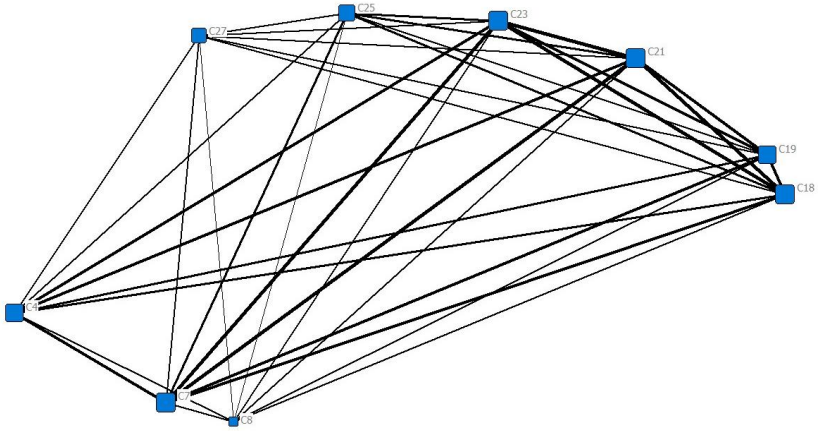
Grafo 10 - 8ª Reunião - 09/11/16



Fonte: Autora.

Participação de 12 conselheiros. Pauta: 1) Tarde ComPaz, 2) Agenda do COMPAZ-LD.

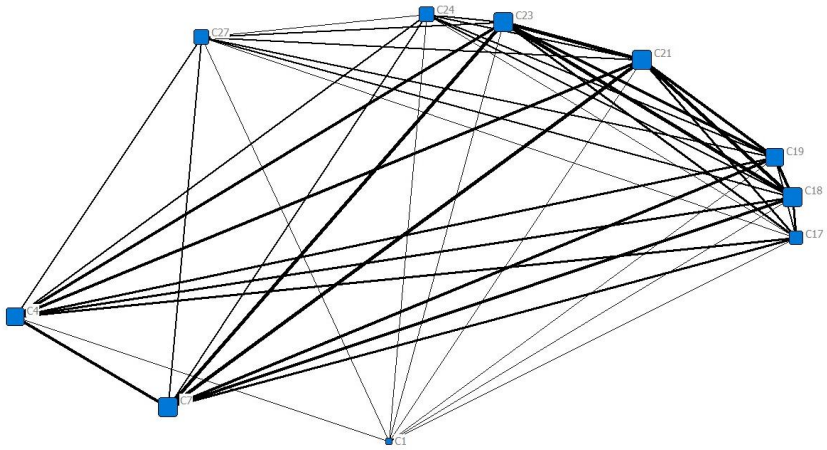
Grafo 11 - 9ª Reunião - 23/11/16



Fonte: Autora.

Participação de 9 conselheiros. Pauta: 1) Tarde ComPaz, 2) Entrega do 6º Selo, 3) Lei de Pacificação Restaurativa.

Grafo 12 - 10ª Reunião - 07/12/16

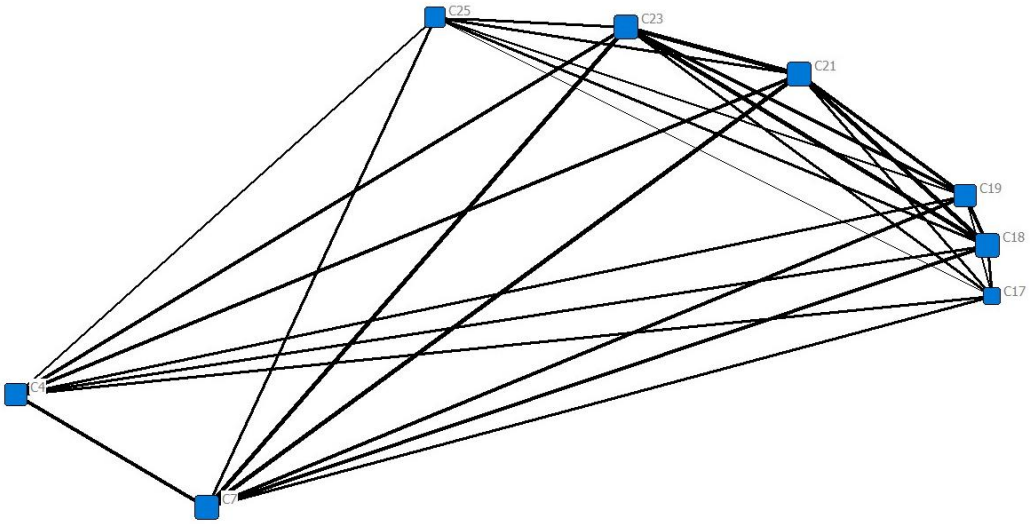


Fonte: Autora.

Participação de 10 conselheiros. Pauta: 1) Apresentação de uma entrevista realizada por conselheiros no programa Pauta em Debate, 2) Avaliação e prestação de contas da Tarde ComPaz, 3) Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, 4) Foto dos conselheiros presentes com o troféu do “Prêmio Boas Práticas com Conselhos Municipais de Londrina”.

Ao considerar o total de 50 conselheiros, observou-se que em nenhuma reunião o número passou de 12 (24%) e que a média de participação foi de 10 pessoas (20%), o que aponta mais uma vez para a baixa frequência de conselheiros nas reuniões. Sobre a média de 10 pessoas, verifica-se que oito delas participam mais assiduamente e que dois são esporádicas, o que demonstra a concentração de atividades em um grupo pequeno. Segue a Rede dos oito conselheiros mais participativos, selecionados por frequentarem de cinco a 10 das reuniões.

Grafo 13 - Conselheiros que mais Participaram das Reuniões



Fonte: Autora.

As instituições representadas por essas 8 pessoas são a Federação Espírita do Paraná, a BPW Londrina - Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais, o Sindicato Rural Patronal de Londrina, a Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres, a Secretaria Municipal de Cultura, o Clube Aventureiros do Amanhecer, o Londrina Pazeando e o Nós do Poder Rosa, respectivamente, uma instituição de segmento religioso, duas de categorias profissionais, duas de poder público e três organizações não governamentais.

Ou seja, não há concentração em uma área da sociedade representada pelos conselheiros ativos, mas uma mistura entre várias delas, o que pode contribuir para um maior número de informações e maior alcance de outras pessoas e instituições, a partir da rede de contatos dos 8 atores. Observa-se mais uma vez que a área da educação tem uma pequena parcela de representação.

Ainda, a frequência de participação mais assídua das 8 pessoas leva tanto a um número maior de relações de confiança, o que implica maiores possibilidades de manifestação do CS quanto ao fortalecimento dos laços entre elas (as oito pessoas), o que também propicia o CS (GRANOVETTER; LIN, 1999a, 2005).

6.3 Eventos do COMPAZ-LD

As atividades anuais do COMPAZ-LD são agendadas previamente no mês de janeiro e publicadas em seu *site*. A seguir, apresenta-se a agenda de 2016. Observa-se que os meses de janeiro e dezembro foram os mais tranquilos e o mês

de setembro o mais agitado, devido à Semana da Paz, que ocorreu entre os dias 17 e 25.

Quadro 10 - Agenda de Atividades COMPAZ-LD 2016

AGENDA 2016 COMPAZ-LD - Conselho Municipal de Cultura de Paz de Londrina Integração de Redes para Sustentabilidade	
Janeiro	**05** - Enviar regulamento da 14° coletânea de textos e desenhos para as escolas públicas e particulares de Londrina e região. Tema do Livro Londrina Pazeando 2016: "Justiça Restaurativa e a Construção da Cultura de Paz" e "Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - Paz e Justiça" **27 -** Círculo de Construção de Paz - Justiça Restaurativa para planejamento
Fevereiro	**03** - Reunião de trabalho ampliada **15** - Reunião do Nós do Poder Rosa - preparar evento com Mulheres pela Paz **16** - Associação Médica de Londrina - Diálogo Inter-Religioso **16** - Fórum dos Conselhos Municipais **17** - Reunião de trabalho ampliada **19** - Programa Cidades Sustentáveis - conexão Rede Cidades da Paz **24 -** Reunião de trabalho ampliada
Março	**01 -** 1º Círculo de Diálogo para Planejamento de Ações das Mulheres em Prol da Paz **02** - Reunião de trabalho ampliada **05** - Seminário de controle de armas em João Pessoa na Paraíba **09** - Reunião de trabalho ampliada **15 -** Dia Sul-Americano Pelo Controle de Armas em Montevidéu - Uruguai no dia no Mercosul - Londrina Entrega de Armas **16** - Reunião de trabalho ampliada **16 -** 5º Programa Embaixadores da Paz **30 -** Pré-Conferência da 5ª Conferência Municipal da Cultura de Paz
Abril	**01 a 15 –** Campanha QUEM SE IMPORTA? "Está provado por A+B arma não é brinquedo – mídia para TV, Rádio e Jornais **06 -** Reunião do COMPAZ-LD **13** - Reunião do COMPAZ-LD **20** - Convidar as Lojas a renovarem SELO "arma não é brinquedo" **19 -** Associação Média de Londrina - Diálogo Inter Religioso **27 -** 2ª Pré-Conferência da 5ª Conferência Municipal da Cultura de Paz
Maio	**04 -** Reunião de trabalho ampliada **11 -** Reunião de trabalho ampliada **18 -** Reunião de trabalho ampliada **18** - Dia Nacional de Combate a Violência Sexual a Crianças e Adolescentes **25** - 5ª Conferência Municipal da Cultura de Paz *****Entrega dos textos e desenhos para Livro Londrina Pazeando
Junho	**01** - Reunião de trabalho ampliada **02** - Dulce Magalhães em Londrina pela CBN **08** - Reunião de trabalho ampliada **15** - Reunião de trabalho ampliada **21** - Associação Média de Londrina - Diálogo Inter Religioso **22** - Reunião de trabalho ampliada **29** - 1ª Reunião de trabalho ampliada **(8°abraço no lago)**
Julho	**06 -** Reunião de trabalho ampliada **13** - Reunião de trabalho ampliada **20** - Reunião de trabalho ampliada **27** - 2ª Reunião de trabalho ampliada **(8°abraço no lago)**
Agosto	**03** - Reunião de trabalho ampliada **06** - 2º Ato pela Paz Mundial Lembrando Hiroshima e Nagasaki **07** - 1º Encontro da Família no Lago Norte **08** - Rede de Instituições em Prol da Cultura de Paz de Londrina **10** - Reunião de trabalho ampliada **16** - Associação Média de Londrina - Diálogo Inter Religioso **17** - Reunião de trabalho ampliada **21** - Festa das Nações Lusófonas com Abraço pela Paz **24** - Reunião de trabalho ampliada

	31 - 3ª Reunião de trabalho ampliada **(8°abraço no lago)**
Setembro	**07** - Desfile do COMPAZ-LD **14** - 4ª Reunião de trabalho ampliada **(8°abraço no lago)** **17** - *Abertura da 16ª Semana da Paz (17 a 25)* **18** - Abraço no Lago **(8° abraço no lago)** **19 a 23** - Caminhadas das Escolas e Exposições de trabalhos na Biblioteca, Prefeitura e Shopping Quintino - Embaixadores **19** - Ato cívico - Prefeitura - Entrega do 14° Livro Londrina Pazeando 2016 **20** - 9º Fórum de Educação para Paz **-** MÍDIA DE PAZ **21** - 14° Noite de Autógrafos Livraria Curitiba **21** - 10º Festival Mundial da Paz e dia Internacional da Paz oficial da ONU **22 -** 13° Noite de Cultura de Paz **24** - 6º ACAMPAZ (Acampamento pela Paz) **25** - 6º ACAMPAZ
Outubro	**05** - Reunião de trabalho ampliada **08** - 3º Manifesto Pela Paz e Pelo Desarmamento Infantil **18 -** Associação Média de Londrina - Diálogo Inter-Religioso **19** - Reunião de trabalho ampliada **26** - Reunião de trabalho ampliada
Novembro	**09** - Reunião de trabalho ampliada **16** - Reunião de trabalho ampliada **24 e 26** - Dia Internacional do Protesto contra os Brinquedos de Guerra - 6ª Entrega do Selo aos Lojistas **25** - Tarde Festiva ComPaz **30** - Reunião de trabalho ampliada
Dezembro	**07** - Reunião do COMPAZ-LD - confraternização **20** - Associação Média de Londrina - Diálogo Inter-Religioso

Fonte: Adaptado do *Site* COMPAZ-LD, 2016.

Avalia-se, diante desse calendário, que o COMPAZ-LD realizou muitas atividades durante o ano. Ainda que seja o evento mais famoso e que dispenda de muito tempo de organização (cerca de quatro meses) e de investimento, diferentemente do que muitos cidadãos londrinenses acreditam (observável à pesquisadora), o Conselho não se limita apenas ao Abraço no Lago, mas trabalha com diversos setores da sociedade que contemplam a ideia de sustentabilidade, como educação, cultura, saúde, família e civilidade. Todas as ações são divulgadas no *site* do COMPAZ-LD, por meio de reportagens e atas, e em páginas do COMPAZ-LD no Facebook®. No quadro 11, apresenta-se um resumo dos 8 eventos selecionados para a análise deste trabalho.

Quadro 11 - Eventos COMPAZ-LD acompanhados pela pesquisadora

Eventos	Datas	Principais Objetivos
1) Segundo Ato Pela Paz Mundial	06/08/16	Em memória da tragédia da bomba de Hiroshima e Nagasaki, manifestar-se pela paz
2) Reunião para formação de uma rede de instituições em prol da Cultura de Paz de Londrina	08/08/16	Criar uma “rede de instituições” londrinenses em favor da paz
3) Plataforma Retornar	Meses 07 a 09	Arrecadar dinheiro para ações do Conselho
4) Grupos no WhatsApp®: Rede de Paz em Londrina --- Ação ComPaz	09/08/16 --- 31/10/16	Divulgar eventos, vídeos, reportagens e propor ideias de trabalhos relacionados à paz; comunicar-se --- Organizar o evento Tarde ComPaz
5) 1ª Festa das Nações Lusófonas	21/08/16	Celebrar e homenagear países que falam a língua portuguesa e promover a paz
6) 8º Abraço no Lago	18/09/16	Conscientização da população londrinense
7) 3º Manifesto pela Paz e Pelo Desarmamento Infantil	08/10/16	Destruir armas de brinquedo, conscientizar pessoas e arrecadar brinquedos para lugares carentes
8) Tarde ComPaz	25/11/16	Arrecadar dinheiro para ações do Conselho

Fonte: Autora.

Ressalta-se que os objetivos principais foram elaborados conforme a observação da pesquisadora na participação das atividades. Nos próximos tópicos, relata-se informações mais detalhadas sobre esses 8 eventos, juntamente com as suas análises.

6.3.1 Segundo Ato pela Paz Mundial

O 2º Ato pela Paz Mundial em Londrina teve o objetivo de manifestar-se pelo fim da violência e do terrorismo no mundo e em favor da cultura de paz, em memória às vítimas japonesas do desastre da Bomba em Hiroshima e Nagasaki. O primeiro Ato pela Paz Mundial em Londrina foi feito há dez anos, em 2006. Em 2016, o desastre da Bomba de Hiroshima e Nagasaki completou 71 anos e teve o evento realizado no centro da cidade, das 9:00 às 11:00.

Em parceria com a ONG Londrina Pazeando, o COMPAZ-LD contou com a participação da professora Kazuko Watanabe Harano com uma oficina de dobraduras de Tsurus (conhecido popularmente como símbolo da paz, esperança e saúde), da Guarda Mirim com apresentações de músicas, da pesquisadora com a leitura da história “Oásis da Paz”, dos grupos Ryukyu Koku Matsuri Daiko e Ishindaiko com apresentações de Taiko (tambores do Japão) e de Lideranças Japonesas com manifestos pela paz. Além disso, a ação contou com o apoio da

Associação Cultural e Esportiva de Londrina (ACEL), Associação Brasil Soka Gakkai Internacional (BSGI), Aliança Brasil-Japão, Jornal Nippo, Instituto Atsushi e Kimiko Yoshii (PREFEITURA DE LONDRINA, 2016).

Ou seja, todos esses grupos contribuíram com algum tipo de recurso para a realização deste evento, materiais, tempo e/ou de conhecimento, **1ª manifestação de CS** percebida, porque três categorias podem ser relacionadas: 1) Investimento em Relações Sociais por retornos esperados, 2) Obtenção de recursos imersos por ações instrumentais, 3) Utilização efetiva (mobilização) (LIN, 1999a, 2005). Os momentos passado e presente foram constatados no planejamento do evento durante as reuniões e a sua própria realização, com os recursos conseguidos. Vários conselheiros se empenharam na doação de materiais e na participação presencial no dia, o que movimentou relações já existentes entre eles e trouxe novas relações, com a busca de pessoas da cidade e seus recursos.

Em uma entrevista ao *site* da Prefeitura de Londrina (2016), C23 retrata bem o sentimento do Conselho em relação ao evento, ao mencionar a necessidade de que os londrinenses reflitam sobre suas atitudes do dia a dia:

> Existe uma cultura da violência no comportamento das pessoas, e isso é assimilado de geração em geração. Mas se podemos aprender a violência, também podemos aprender a paz, e a cultura da paz, que é muito mais simples. O mundo precisa repensar isso, e compreender que a coisa mais importante para ensinar às novas gerações é o respeito, com palavras e atitudes de paz (C23, 2016).

O evento também contou com a entrega de um *tablet* rifado pelo COMPAZ-LD para a arrecadação de recursos financeiros e com um abraço pela paz composto pelas pessoas que realizaram o evento, que assistiram e que passavam pelo local no momento, cerca de cem pessoas, um número significativo.

6.3.2 Formação de uma Rede de Instituições em Prol da Cultura de Paz de Londrina

A proposta para a formação de uma “rede de instituições” em prol da cultura de paz de Londrina teve o objetivo de criar um grupo informal, sem burocracias (eleições, pré-conferências, posses), que se relacionasse com o COMPAZ-LD e que pudesse sugerir e participar de ações, subsidiadas pelas ideias e experiências de

cada um (COMPAZ-LD, 2016). Ou seja, em conjunto com o Conselho, as novas instituições poderiam contribuir com seus conhecimentos e práticas, somando recursos. De fato, com o acompanhamento dos resultados da proposta de formação da “rede”, as contribuições desejadas têm ocorrido.

A reunião de formação foi realizada no dia 08 de agosto de 2016 com dezoito pessoas, que representavam as seguintes instituições:

Quadro 12 - Instituições na Primeira Reunião

1. ONG Londrina Pazeando
2. Terapia Comunitária
3. Constelação Sistêmicas Familiares
4. COMPAZ-LD
5. Instituto Dialogue
6. Justiça Restaurativa
7. Rotary Club de Londrina
8. Voluntário Autônomo
9. Guarda Municipal
10. Portal da Luz
11. Danças Circulares
12. Nós do Poder Rosa
13. Secretaria Municipal da Mulher
14. Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais - BPW - Londrina
15. REOS/ UEL
16. Clube Aventureiro Amanhecer

Fonte: COMPAZ-LD, 2016.

Observa-se que a pesquisadora participou da reunião representando o grupo de pesquisa REOS da UEL. C21 conduziu o evento e, no início, perguntou aos presentes qual era o sentimento de estarem ali, o que sentiam com a sua participação naquele momento.

As principais respostas foram: expectativa, tranquilidade, felicidade, importância do abraço, **colaboração**, disposição, doação de qualquer tipo, acolhimento, vivência, cuidar do próximo, **multiplicadores**, “tudo pela paz”, construção da paz, diálogo, **relacionamento com todo o tipo de pessoas e grupos, sociedade de pessoas prontas para a colaboração**.

A partir da pergunta “devemos criar uma Rede? Se sim, por quê? Se não, por quê?”, as respostas foram unânimes em “sim” e os motivos respondidos em frases por cada um. As principais palavras-chave das frases e as próprias frases foram: **ampliação, expansão, conexão**, “**informação** é tudo”, **fortalecimento**, **união**, **interligação**, apolítica e arreligiosa, “a Rede me parece algo mais livre, mais

acolhedor", **contribuição**, "autêntica e menos pesada" (por ser informal), "sem rituais", "a Rede em tudo funciona melhor, inclusive em empresa, **engloba mais gente**", "**cria vínculo"**, **laço**, "quando se constrói a Rede, se **ganha** muito na logística", "Rede é Rede, é **difícil de delimitar**, se é uma Rede, tem que estar **aberto**", "tem que ter alguma coisa que **liga** essa Rede, a paz, o cerne da Rede", "**fortalece** o grupo", "é um meio de **serviços afins** para que se consiga **ampliar**", "todos trabalham **juntos**", "se concentram forças", "**fortalecimento de vínculos, de pessoas, de ideias**", "a ideia dessa Rede é ter menos formalidade, mas com regras", "deve-se tomar cuidado com o ativismo, com a continuidade das atividades, sem sair do seu papel principal".

Ainda que não se tenha se mencionado o conceito de CS durante a reunião, foi possível verificá-lo nos discursos dos participantes, juntamente com Redes Sociais. As palavras em negrito podem ser relacionadas com as duas áreas: a partir de Tish, Tushman e Fombrum (1979), com a perspectiva de que Redes de Relações Sociais ligam abordagens micro, e Granovetter (1973), com interações de pequena escala que geram grandes padrões e formação de laços, e com as categorias de CS de Lin (1999a, 2005), Putnam (2007), D'Araújo (2003), Fukuyama (2001) e Franco (2001).

Na **2ª manifestação de CS** observada, as onze categorias constatadas foram: 1) Regras de reciprocidade, 2) Capacidade associativa, 3) Cooperação mútua, 4) Obrigação, 5) Mecanismo eficiente, 6) Interesses de grupos sociais, 7) Redes e Relações Sociais, 8) Investimento em Relações Sociais por retornos esperados, 9) Obtenção de recursos imersos por ações instrumentais ou expressivas, 10) Capacidade potencial (de acesso) e 11) Utilização efetiva (mobilização).

Posições de momentos passados e momentos presentes podem ser observadas sobre as instituições que participam da Rede, que, antes de sua formação, não se relacionavam especificamente para esse determinado fim e, logo, não produziam trocas de recursos também para esse determinado fim.

A reunião foi conduzida de uma maneira entusiasmada, de forma que um dos participantes sugeriu que essa "rede" deveria ser "uma semente" e que, após estabelecer seu funcionamento, deveria ser propagada em outras cidades, com a criação de um Conselho Estadual de Cultura de Paz no Paraná, em que as cidades

seriam núcleos. Nesse momento percebe-se a animação e a perspectiva positiva da primeira reunião.

Foi utilizada a “metodologia da palavra” durante a reunião, simbolicamente com um microfone desligado, para que as falas não se concentrassem apenas em uma pessoa ou em um grupo, mas que todos tivessem espaço para se manisfestar. A fala “Rede não tem dono” foi expressa durante a explicação do uso dessa metodologia. O uso dessa prática foi bastante efetivo a partir do seu propósito (que todos tivessem a oportunidade do mesmo tempo de falar), o que seria útil se usado em todas as reuniões do COMPAZ-LD (durante as 10 reuniões, foi usado apenas uma vez). A questão da importância de a Rede não ter dono pode ser verificada segundo Franco (2001), ao defender que a presença de estruturas totalitárias e verticalizadas prejudicam o nível de CS, enquanto relações horizontais (categoria de CS) beneficiam, porque trabalham com normas e valores comuns, que geram uma maior reprodução de virtudes.

Foi decidido entre os participantes que a periodicidade das reuniões seria de uma vez por mês (com exceção de dezembro por ser período de recesso). Logo, até o mês de janeiro de 2017 foram feitas cinco. Segue o número de participantes em cada mês.

Quadro 13 - Média de Pessoas Presentes nas Reuniões

Agosto 2016	18 pessoas
Setembro 2016	7 pessoas
Outubro 2016	4 pessoas
Novembro 2016	9 pessoas
Janeiro 2017	10 pessoas
Média dos 5 meses	**10 pessoas**

Fonte: Atas das Reuniões, COMPAZ-LD, 2016/2017.

Comparativamente, a primeira reunião foi realizada com um grande número de pessoas, seguida de diminuições, porém, em novembro, o número aumentou e praticamente se manteve em janeiro. Conforme as divulgações de suas atividades e dos convites para mais participações, o grupo demonstra continuar animado.

6.3.3 Plataforma Retornar

A Plataforma Retornar é uma instituição que, por meio da *internet*, proporciona o anúncio de produtos ou serviços, com a reversão das vendas em

fundos para ações (RETORNAR, 2016). Conforme consta em seu *site*, as instituições participantes são sem fins lucrativos.

O uso da Plataforma representou uma experiência nova para o Conselho. “Vamos ver se é boa, aí a gente pode continuar usando” (C21). A Plataforma Retornar é interessante para o COMPAZ-LD porque cobra 10% do valor arrecadado por ação, ou seja, caso não haja arrecadação, não há prejuízo financeiro para ele.

O COMPAZ-LD utilizou a Plataforma em três situações. A primeira, na venda da rifa do *tablet*, no valor de R$ 500,00 (entregue no dia do 2º Ato pela Paz Mundial em Londrina). O *tablet* foi doado pela própria Plataforma, com o intuito de demonstrá-la. Ou seja, em troca da Plataforma doar o recurso, o Conselho a utilizou, divulgando-a e retornando-a com ativos financeiros (**3ª manifestação de CS**). O momento passado foi verificado no dia em que um dos responsáveis pela Plataforma foi à reunião do COMPAZ-LD apresentar a proposta da utilização (C21), e o momento presente quando ocorreram as utilizações efetivas. A segunda situação foi na promoção de venda de pizzas, com a arrecadação de R$ 1.500,00 de lucro líquido. E a terceira, no pedido de doação em caráter voluntário de valores em prol do Conselho.

A 3ª manifestação pode ser compreendida segundo oito categorias, 1) Obrigação, 2) Mecanismo eficiente, 3) Interesses de grupos sociais, 4) Redes e Relações Sociais, 5) Investimento em Relações Sociais por retornos esperados, 6) Obtenção de recursos imersos por ações instrumentais, 7) Capacidade potencial (de acesso) e 8) Utilização efetiva (mobilização) (LIN, 1999a, 2005; FUKUYAMA, 2001; FRANCO, 2001).

As principais necessidades financeiras do COMPAZ-LD nesse período de utilização da Plataforma Retornar (julho a setembro) foram para o pagamento da edição do livro anual “Londrina Pazeando 2016” e para a compra de uma caixa de som para a realização de Abraços pela cidade.

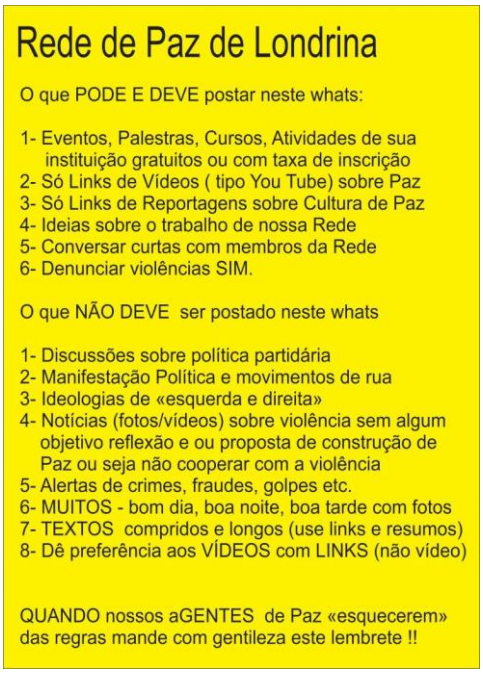
6.3.4 Grupos no WhatsApp®: Rede de Paz de Londrina e Ação COMPAZ

Os dois grupos do aplicativo WhatsApp® foram uma forma prática de interação e de recebimento de notícias sobre as atividades realizadas entre seus membros. O grupo “Rede de Paz de Londrina”, referente à Rede de Instituições em Prol da Cultura de Paz de Londrina, foi criado no dia 15 de agosto de 2016 e

continua funcionando até o momento. O grupo “Ação ComPaz” foi criado no dia 31 de outubro de 2016 e encerrado no dia 12 de dezembro de 2016, dias após a realização do evento para o qual foi criado (Tarde ComPaz, que será apresentado mais adiante). A pesquisadora foi adicionada aos dois.

O objetivo principal do primeiro grupo é a comunição e a informação de acontecimentos relacionados à paz, planejamentos e organizações. A figura abaixo apresenta uma postagem feita no grupo por C21, em que explica o que deve ser compartilhado e o que não deve, na tentativa de mantê-lo com o seu real objetivo.

Figura 1 - Regras para o Grupo do aplicativo WhatsApp®



Fonte: Grupo no WhatsApp®, 2016.

De acordo com os itens da figura, observa-se os seguintes pontos: 1) valorização do aprendizado, com o incentivo da divulgação de eventos, palestras, cursos e atividades, 2) ênfase no assunto “paz” nas mensagens enviadas, 3) estímulo a novas ideias de trabalho e a denún;cias de violência com reflexões e propostas de ações de paz e 4) restrição a questões políticas, ideológicas, alardes, e amenidades.

Apesar de o aviso ter sido enviado três vezes até o momento porque nem todos os membros seguirem as solicitações corretamente, o grupo funciona bem, isto é, está ativo, facilita a comunicação e traz resultados esperados, informações de

acontecimentos relacionados à paz. O segundo grupo também funcionou bem e cumpriu seu propósito: a organização do evento Tarde ComPaz.

Em 1999a, Lin refletiu, à frente de sua época, sobre o ciberespaço, sua tendência e sua influência nas Redes Sociais. De fato, o uso da Plataforma Retornar, dos grupos no WhatsApp® e também dos *sites* e Facebook®, mencionados anteriormente, traz força para o CS na medida em que as relações sociais são alcançadas de maneira mais abrangente e mais rápida. A divulgação e informação em tempo real da *internet* provavelmente possibilitam um número maior de trocas se comparado às Redes Sociais tradicionais em espaços físicos.

6.3.5 Primeira Festa das Nações Lusófonas

A festa, com entrada gratuita, ocorreu em um domingo, das 10:00 às 16:00 e contou com a participação de barracas temáticas, apresentações culturais e exposições de onze países: Brasil, Portugal, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Guiné Equatorial, Angola, Moçambique, Timor-Leste e Macau, países que falam a língua portuguesa.

Uma troca de recurso presente nesse evento foi articulada pela própria pesquisadora. Em uma das reuniões em que se tratava da organização da festa, foi passado o objeto da palavra (simbolicamente o microfone desligado) em que cada um se manifestou no que podia contribuir. Além de falar, cada membro registrou em uma lista com o que contribuiria.

Quando a pesquisadora ouviu de C7 que seria interessante ter apresentações de danças brasileiras (dado que o COMPAZ-LD estava responsável por representar o Brasil), ela se ofereceu para apresentar um samba de gafieira, juntamente com a equipe da escola de dança da qual faz parte.

A Escola de Dança Rodrigo Rocha apresentou três gêneros musicais (forró, bolero e samba de gafieira). Para o COMPAZ-LD, o recurso obtido foi mais uma atração em sua festa e, para a escola de dança, a divulgação do seu nome e trabalho por meio da televisão (jornal local), vídeos pelo WhatsApp®, convites impressos distribuídos para muitos convidados da festa e pela *internet*, com a propaganda do evento.

Além disso, a pesquisadora se comprometeu a ajudar durante 4h para o que fosse preciso durante a realização do evento e participou de três dias de ensaios de

uma coreografia com as crianças do grupo Aventureiros do Amanhecer. O fato da pesquisadora contribuir em diversas atividades do COMPAZ-LD tem dois motivos, o maior envolvimento e consequentemente o alcance de maiores dados e a retribuição pela abertura do Conselho para a realização da pesquisa de campo.

Assim, percebe-se a **4ª manifestação de CS**, com sete categorias presentes, 1) Regras de reciprocidade, 2) Cooperação, 3) Mecanismo eficiente, 4) Interesses de grupos sociais, 5) Redes e Relações Sociais, 6) Obtenção de recursos imersos por ações instrumentais e 7) Utilização efetiva (mobilização) (LIN, 1999a, 2005; PUTNAM, 2007; D'ARAÚJO, 2003; FUKUYAMA, 2001; FRANCO, 2001).

A seguir, a figura do convite da festa.

Figura 2 - Convite da Festa das Nações Lusófonas

Fonte: Grupo no WhatsApp®

Como consta no convite, a festa foi coordenada por duas insituições, Elos Clube e Grupo Escoteiro Verde Vale, e realizada por 14 instituições: COMPAZ-LD, Londrina Pazeando, 17 jeitos de mudar o mundo, Renovação, Museu Histórico de Londrina, Escola de Dança Rodrigo Rocha, Lions, Universidade Estadual de Londrina, Afro, Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB), Federação de

Bandeirantes do Brasil, Rotary Club Nordeste, Rota do Café, Aventureiros do Amanhecer e apoio da Rede Paranaense de Comunicação (RPC).

Como o próprio nome do evento informa, a festa foi a primeira edição, a primeira experiência de organização e realização. Além de outras doações, o Museu Histórico de Londrina (que cedeu o local gratuitamente por o evento ser de caráter cultural) contribuiu com a limpeza e segurança do dia e a RPC disponibilizou o som, pipoca e algodão doce.

6.3.6 Oitavo Abraço no Lago

O Abraço no Lago pode ser considerado o evento do COMPAZ-LD mais famoso pela cidade, ao considerar que, quando se pergunta para os londrinenses se conhecem esse Conselho, a maioria responde que não, mas quando se pergunta se conhecem o Abraço no Lago, todos respondem que sim.

O Abraço no Lago tem o intuito de "[…] abraçar Londrina e região desejando muita paz para todos [...] todos podem manifestar a sua paz livremente, todos que estiverem sentindo a necessidade de um planeta com mais paz, harmonia e sustentabilidade" (LONDRINA PAZEANDO, 2017).

Em reuniões para a organização do evento, alguns pontos importantes das decisões foram observados:

Devido ao não repasse da verba acordada pela prefeitura, faltou dinheiro para o COMPAZ-LD pagar os gastos com a edição do livro anual "Londrina Pazeando 2016" e para a instalação dos aparelhos de som no dia do Abraço no Lago. Durante a tentativa de resolução do problema com outra alternativa, foi discutida a real necessidade do gasto com esses aparelhos. Enquanto C24 afirmou: "Talvez seja uma oportunidade de vermos que não precisa gastar tanto dinheiro com isso, que poderia ser investido em outra coisa", C21 contra-argumentou: "Não concordo com isso, porque o Abraço é uma conquista, algo muito importante e representativo da cidade, que traz repercussão, a prefeitura gasta muito mais com outras coisas".

Nessa situação foi interessante perceber que C21 não concordou com a opinião de outro(a) conselheiro(a) e argumentou por algum tempo sobre isso. Outros conselheiros concordaram com C24 e o assunto ficou em discussão por algum

tempo. Semelhantemente a essa situação, observa-se que, em vários momentos, C21 domina as discussões e suas opiniões prevalecem às demais.

Comumente C21 faz as perguntas na reuniões: “Vocês querem acrescentar algo? Têm alguma sugestão?” Porém, na maior parte das vezes, as decisões parecem já vir prontas e planejadas. Quando há ideias novas, algumas vezes são aceitas, algumas vezes são contestadas por C21 e mantidas da forma que já estavam. Ou seja, cerca de 80% das decisões são tomadas por C21. O que pode ter alguns motivos: o poder simbólico que C21 possui, seu *know-how* e experiência, a confiança que os membros depositam no seu trabalho, o comodismo das coisas já estarem prontas ou a força de C21 de estabelecer suas ideias.

Dado que a formação das relações sociais criadas nas reuniões do COMPAZ-LD foram consideradas Redes Sociais, a concentração de decisões em uma pessoa só contraria a afirmação de que Rede não tem dono e a categoria de CS de Relações horizontais, como já apontado anteriormente (FRANCO, 2001). Há reuniões que são mais acaloradas, em que todos querem falar ao mesmo tempo. Em outros momentos, e na maioria das vezes, a fala se concentra em um grupo menor (cerca de 8 pessoas) ou até mesmo apenas em C21.

Essa concentração pode ser avaliada tanto de forma positiva quanto negativa. Positiva porque a capacidade, disposição, conhecimento, dedicação e trabalho de C21 são essenciais para a existência do Conselho, com a sua articulação em todas as atividades. Após acompanhar o COMPAZ-LD por 6 meses, percebe-se que dificilmente este teria continuidade sem a presença de C21, além de considerar que C21 foi peça fundamental para a sua criação.

Negativa porque, na medida em que as decisões e ações não são horizontais, concentram-se em apenas uma pessoa ou em um grupo e o Conselho fica absolutamente dependente dela, além de suprimir opiniões que poderiam trazer grandes contribuições e a participação de novas pessoas às atividades do COMPAZ-LD. Diante da premissa de Lin (1999a, 2005), na qual o CS ocorre em uma Rede de Relações Sociais, a ocorrência da concentração de decisões estratégicas e ações em uma única pessoa compromete o processo.

Apesar da crise econômica atual, Londrina conseguiu realizar o Abraço no Lago e C21 afirmou em reunião que isso foi “uma grande vitória do trabalho do Conselho”. Em vários momentos, os conselheiros enfatizam palavras de reconhecimento do bom trabalho do grupo, em especial C21, o que pode contribuir

com a participação das pessoas, que, satisfeitas com a sua atividade, continuam doando o seu tempo voluntariamente. Além do maior e principal Abraço (no Lago), ao longo do ano foram realizados quinze abraços na cidade de Londrina promovidos pelo COMPAZ-LD, um número significativo.

Quanto às críticas realizadas ao Abraço no Lago por PL ao afirmar que o evento estaria um pouco desgastado com o tempo, analisa-se que ele pode ser considerado em duas faces, a simbólica e a práxis. Simbólica porque representa uma conscientização, uma ideia, uma identidade para o COMPAZ-LD. Práxis porque envolve atividades práticas, com muitas pessoas envolvidas no trabalho da organização e realização do evento. Todavia, percebe-se a necessidade de mais práticas durante o evento. Algumas sugestões são dinâmicas criativas sobre a paz e outros temas como a questão da mulher, uso de palco, músicas, discursos e dança, como a circular.

6.3.7 Terceiro Manifesto pela Paz e pelo Desarmamento Infantil

O evento consistiu em duas ações: a destruição de armas de brinquedo no centro da cidade para a conscientização das pessoas, tanto para as crianças quanto para familiares e educadores, e a arrecadação de brinquedos “de verdade” para a construção de uma brinquedoteca em um hospital de uma região carente de Londrina, um projeto social.

Nesse contexto, observa-se a relação de ações do COMPAZ-LD com a sustentabilidade. Além do tema paz, o Conselho, por meio de suas atividades, impulsiona benefícios à sociedade de diversas maneiras: trabalho com crianças carentes, promoção de saúde (parcerias com a dança circular, por exemplo), educação (palestras, escolas, presídios), conscientização, tolerância religiosa e meio ambiente.

Foladori (2001) afirma que a sustentabilidade está embasada no repensar da relação dos homens com a natureza e na reflexão das contradições das relações sociais e Leff (2010) complementa, ao defender que a sustentabilidade é o repensar da produção e do processo econômico. O COMPAZ-LD, ainda que não trabalhe com as questões das contradições econômicas especificamente, preza por preocupações da sociedade, que visam ao cuidado com a vida humana, com o ambiente em que

se estabelece e com suas relações sociais, dimensões que vão além da racionalidade puramente econômica.

6.3.8 Tarde ComPaz

A primeira experiência da Tarde ComPaz também foi realizada para arrecadação de recursos financeiros para o pagamento da edição do livro “Londrina Pazeando 2016”. A tarde foi promovida por meio de um bingo, com a doação do espaço, brindes, lanches, bebidas e a venda de cartelas.

A doação de brindes envolveu várias pessoas, tanto para quem pediu quanto para quem doou. Os conselheiros conseguiram inúmeros brindes durante cerca de dois meses antes do evento em sua rede de contatos pessoais e profissionais, com pessoas físicas e jurídicas, chegando a ultrapassar o valor de R$ 6.000,00. Como mencionado anteriormente, em uma das reuniões antes da realização do evento, C23, ao se referir à boa aceitação da divulgação do evento e venda das cartelas, expressou: “é bonito o reconhecimento da cidade pelo trabalho do Conselho”.

Com o objetivo de que todos os conselheiros ajudassem nas vendas independentemente de suas frequências nas reuniões, os que sempre participam ficaram responsáveis por entregar as cartelas para os que não participam assiduamente e algumas respostas foram: “Ele disse que não tem condições de vender”; “Ele não me atende, não responde, não vai nas reuniões”. Essa situação confirma que muitos dos conselheiros estão apenas no papel, mas não desempenham de fato ações que contribuem para o COMPAZ-LD.

A figura 3 a seguir é a cartela principal do bingo, que também serviu de ingresso no local.

Figura 3 - Convite Tarde ComPaz

Fonte: Grupo no WhatsApp®, 2016.

Como apresentadas no convite, as instituições Nós do Poder Rosa, Móveis Brasília, Sindicato Rural Pratonal, Depósito Maringá, SS Plásticos, Rondopar, Velluc, Rede 3º Setor Londrina, Fazenda Cachoeira 2C, Computec, Farmácias Vale Verde, Rivoli Massas, Malie, Editora Mecenas, E-lixo, Auto Posto Maranatha, Colégio Universitário e Carisma Contabilidade foram as patrocinadoras do evento. Em troca do aporte de uma quantia em dinheiro para a realização do evento, suas marcas foram divulgadas, **5ª manifestação de CS** percebida. Posições passadas e presentes podem ser verificadas ao considerar o aceite das instituições a patrocinar o evento, que, por meio de uma relação social, foram convencidas por um conselheiro que haveria um retorno para a sua marca. As categorias de CS presentes nessa manifestação foram sete, 1) Obrigação, 2) Mecanismo eficiente, 3) Interesses de grupos sociais, 4) Redes e Relações Sociais, 5) Investimento em Relações Sociais por retornos esperados, 6) Obtenção de recursos imersos por ações instrumentais, 7) Utilização efetiva (mobilização) (LIN, 1999a, 2005; FUKUYAMA, 2001; FRANCO, 2001).

Apresentados os oito eventos acompanhados de forma participativa pela pesquisadora, seguem análises específicas dos temas Redes e Capital Social a

partir das falas dos conselheiros e das situações presenciadas na observação das reuniões.

6.4 Concepção de Redes Junto aos Membros do COMPAZ-LD

As concepções de Redes para os membros do COMPAZ-LD foram observadas tanto explicitamente quando responderam à pergunta da pesquisadora “o que vocês entendem por Redes?” quanto espontaneamente durante as conversas em reuniões. Nesse tópico seguem as principais definições, conceituações, percepções e também avaliações sobre Redes advindas dos conselheiros.

“Acho a questão de Rede importantíssima em todo e qualquer serviço”. “Há muitas possibilidades de **somar**” - C24.

“Aqui nós sempre tivemos envolvidos com visão de Rede. Eu vejo que a Rede é um aprendizado onde todos pensam **juntos**, **não tem dono**. A Rede é um **coletivo** de saberes, que em **conjunto** buscam soluções e **interagem uns com os outros** e **com outros contatos externos**. Então eu vejo que a Rede utiliza e oportuniza diálogos, experiências, projetos, **trocas**, é... que dentro de uma visão muito comercial você não teria, né, institucionalmente, porque existe uma característica que as Redes quebram, é que as instituições não se conversam, né? E a Rede permite as instituições dialogarem uns com os outros.” - C17.

“A Rede são **diferentes olhares** sobre um mesmo problema, uma mesma situação, diferentes serviços, muitas **colaborações**.” - C1.

“Acho que falta uma cultura de trabalhar em Rede. Eu, na minha visão política, seria em forma de Rede, ou seja, não precisaria ser essa loucura de eleição. Trabalharíamos em forma de **comunidades**, juntando para discutir prioridades e resolver essas situações.” - C18. Nessa fala, observa-se a relação do conceito de Redes e CS a partir de Franco (2001), ao tratar de comunidades, consideradas unidades sociais com valores compartilhados, que contemplam objetivos coletivos, um certo nível de autogoverno, sentimentos comuns de pertencimento e identidade, economia e atividades políticas partilhadas, na concepção de que a Rede seria formada por uma comunidade.

“Se a gente for ver, o conceito de Rede tá muito intrínseco dentro do COMPAZ e nós temos discutido muito a visão de Redes mesmo, “C21” foi um

pioneiro na linha de Redes também aqui na nossa região, com o mapa do terceiro setor.” - C17.

“O COMPAZ tem uma coisa de Rede que é muito legal, “C21” deixa isso muito bem claro. Por exemplo, nós já temos a comissão organizadora do festival, mas quem quiser entrar e botar a mão na massa, nós estamos abertos.” - C1.

Nas duas falas anteriores, observa-se o sentimento de referência de dois conselheiros sobre C21, que claramente o reconhecem como “líder” do COMPAZ-LD, questão já tratada anteriormente. Ainda que a maioria das ideias sobre Redes seja de uma imagem boa, como presente nas falas expostas, alguns conselheiros também trouxeram seus lados negativos.

“Eu acho que o trabalho de Rede é um trabalho **conjunto**, mas que nem sempre tudo dá certo, [...] a gente vê muito isso na escola, o trabalho embora esteja apresentando alguns resultados, “ah, vamos juntar Conselho Tutelar com ONG não sei do quê, com a escola propriamente dita, mas deixa a desejar em alguns passos, mas que no fundo no fundo o resultado é mais positivo do que se ela não existisse, né, mas é... falta muito, né? - C24. “É que falta esse diálogo, né?” - C17.

Muitas vezes o trabalho de Redes escolhe “ah, esse, esse, esse serviço” é mais direcionado”. - C1. “É, é o egoísmo, egocêntrismo.” - C18. “É a ganância.” - C17. “É chamar atenção do seu espaço e não do espaço coletivo.” - C18.

“A nossa Rede ainda é cada um na sua casinha e há dificuldade de fazer que elas se casem” - C1. É, falta cultura de trabalharmos **juntos** - C18.

“Mas também não vamos nos enganar com Redes, né? Se você quiser entrar na *Al-Qaeda*, você entra lá, faz todos os procedimentos terroristas e você pode começar a praticar. (Risos) Mas é sim, a gente tá falando de um lado da Rede que a gente acha positivo.” - C21.

“Tudo o que existe tem o lado positivo e o negativo. É igual uma faca, uma faca você pode usar ela pra cortar um pão ou pra matar uma pessoa, entendeu? Então tudo é uma ferramenta que você pode usar do jeito que você quiser. A Rede é a mesma coisa.” - C19.

A exposição dessas falas apontam para a ideia trazida na fundamentação teórica de que Redes Sociais apresentam diferentes visões, influências e linhas, o que, de forma empírica, foi possível observar diante das diversas opiniões. Aqui, o conceito de Redes Sociais defendido é o que se relaciona ao CS, relações sociais

formadas por laços na busca de retornos esperados, por meio de investimentos nessas mesmas relações (GRANOVETTER, 1973; LIN, 1999a, 2005).

6.5 Concepção de Capital Social para os Membros do COMPAZ-LD

Da mesma forma que no tópico anterior, as concepções de CS foram observadas explicitamente (“O que vocês entendem por Capital Social?”) e espontaneamente durante as conversas nas reuniões.

“Rede é uma coisa, Capital Social é outra. (...) Capital Social, já digo que é um conceito meio *merchandising* que surgiu agora. Não tem muita conotação dentro do nosso Conselho. O pessoal de Rede não fala de Capital Social.”- C17.

“O Capital Social é essa moda, como ele falou mesmo, é bonita a palavra, né? Capital Social, é um retorno, um pleonasmo” - C1.

“Sobre Capital Social, não tem uma Lei do balanço social de obrigatoriedade de uma instituição?” - C23. “É, mas isso aí é da responsabilidade social de empresas.” - C17. “É uma balança, eu faço uma benfeitoria pensando que vai abater no meu imposto de renda” - C1.

“É *marketing*, é mais *marketing* do que ação. Infelizmente, às vezes, alguns projetos de Redes de responsabilidade social empresarial é puro departamento de *marketing*, não é responsabilidade (risos)” - C17. “E isso não é muito novo, a gente pega o Criança Esperança, por exemplo, gente, aquilo ali abate um imposto lascado no Imposto de Renda”. - C1. “Não, gente, o hospital Einstein, o Sírio Libanês, todos eles têm um outro hospital para a isenção de impostos, mas, dá um retorno.” - C17. “Impostos de alguém sobre eles. Dá um retorno, mas poderia ser melhor. Mas como é o sistema capitalista, ele precisa ter um outro lado (risos)”. - C1.

“Então, eu acho que assim, já que você perguntou de Redes e Capital Social. [...] em vez de cada um sair desesperado, pegar a nota para você, vou colocar no lugar do Pazeando, [...] você dá a nota pra mim, eu quero. Nós estamos **juntos** aqui, porque nós achamos assim: nós não somos uma empresa para disputar mercado (risos), [...] a gente tá todos **juntos** e a gente acha que **cada um vai ajudar o outro**”. - C21.

“É um **associativismo**.” - C18.

“Nós estamos no planeta Terra, tem 7 bilhões de pessoas morando aqui, nós somos concorrentes um do outro? Por **recursos**, por alimentos? (risos) Se a gente continuar com essa ideia, só de capitalismo, o negócio é demais, então a ideia de Rede, quando você fala de cultura, é isso, a gente tem que construir uma cultura nova de Rede, aonde a gente entende que, se a gente tiver **junto**, a gente se ajuda mais que tiver separado. Um monte de gente falando da Nota **é melhor do que eu sozinho**.” - C21.

Nessas falas, observa-se alguns pontos. Primeiramente, um(a) conselheiro(a) afirma que não há relação entre Redes e CS, o que está em desacordo em parte com a visão de Lin (1999a, 2005). Essa afirmação é defendida porque o conselheiro liga o CS mais às questões de *marketing* e interesses econômicos sob uma perspectiva pejorativa. Contudo, esse ponto não está em total desacordo com Lin, já que este assume que o CS se manifesta por investimentos e retornos esperados.

Sobre a ação dos hospitais Albert Einstein e Sírio-Libanês há uma leve discordância de opiniões, mas que não geram conflitos, apenas uma discussão respeitosa, o que aponta para uma relação agradável entre os conselheiros e a existência de laços sociais entre eles.

Na última fala, a ideia de sustentabilidade é observada sob a crítica dos problemas gerados pelo sistema capitalista (recursos), na qual o conselheiro defende que o formato organizacional em Redes (modelo alternativo ao tradicional) pode contribuir com e para a coletividade.

6.6 Indícios de Possíveis Manifestações de Capital Social nas Relações Sociais do COMPAZ-LD

Ao longo da pesquisa até aqui, foram encontradas **5 manifestações de CS** explícitas nas ações referentes aos eventos do Conselho, embasadas nas categorias encontradas a partir da fundamentação teórica. Outros **21 indícios de possíveis futuras manifestações,** também embasadas nas categorias, foram observadas durante as falas dos conselheiros nas reuniões com os seus respectivos contextos.

1) “Agregou coisas para nós.” - C21 ao se referir à parceria com a Econorte (Empresa Concessionária de Rodovias do Norte). Enquanto

C21 ministrou palestras sobre a paz para os seus funcionários, a empresa trouxe benefícios ao Conselho.

2) “Vamos fazer as parcerias.” - C23 ao falar sobre a necessidade de um espaço físico para apresentações da Noite de Cultura de Paz, em que cogitava a hipótese do Teatro Ouro Verde ou do Colégio Mãe de Deus.
3) “Nós somos parceiros deles, unha e carne já.” - C7 ao mencionar a relação com o Carrefour, que libera o seu espaço para ações de paz durante o expediente.
4) “Eu te ajudo a comprar a rifa do Conselho pela *internet*, compramos juntas com o meu cartão de crédito.” - C18 ao ajudar outra conselheira que não usava cartão de crédito.
5) “Temos que conversar com mais grupos para conseguir mais coisas para o evento.” - C23 ao tratar da Tarde ComPaz.
6) “O músico “tal” quer muito dinheiro, as Black Divas é de graça.” - C25 ao planejar quem convidariam para apresentação de abertura da Noite de Cultura de Paz.
7) “O “fulano” vai nos ajudar com o Abraço, ele vai instalar o som dele de graça” - C21.
8) “E o suporte financeiro da onde vem? A gente corre atrás do patrocínio.” - C7 ao falar sobre a organização e necessidade dos recursos para a realização do ACAMPAZ (Acampamento pela Paz).
9) “Você não quer ir pra Florianópolis no Fórum Mundial da Paz? Aproveita que você é jovem, vão muitos jovens.” - C19 ao convidar a pesquisadora para participar de um dos grandes eventos relacionados à paz, em que poderia representar o Conselho.
10) “A UniFil foi maravilhosa, a estrutura é enorme, os funcionários… já visualizamos o próximo evento em 2017.” - C7 ao dar o feedback do ACAMPAZ, realizado na UniFil (Centro Universitário Filadélfia), que cedeu seu espaço, colaboradores e recursos materiais.
11) “A coisa mais importante é nos unirmos em torno do bingo.” - C23 ao falar sobre a necessidade da colaboração de todos os conselheiros para a realização do evento.
12) “A primeira coisa que as pessoas devem entender é a visão coletiva, e não se beneficiar individualmente.” - C21 ao tratar da Campanha

Nota Paraná. A visão coletiva refere-se a apenas uma ou várias instituições receberem.

13) “Nesse caso, um é concorrente do outro. Todos estão disputando recursos, temos que disputar de forma coletiva, de forma solidária. Vivemos numa sociedade capitalista, precisamos de recurso.” - C21 ainda sobre o caso da Campanha Nota Paraná.
14) “Podíamos fazer um curso de formação para os conselheiros, para agregar conhecimento. A ideia é essa, de mão dupla, vai e volta.” - C8 ao se referir ao grupo de Constelação Familiar, que participa da Rede de Instituições em Prol da Cultura de Paz de Londrina, juntamente com o Conselho.
15) “Estamos articulando outros vereadores para participar do Conselho.” - C21 ao se referir à participação da prefeitura, que possa contribuir com os interesses do Conselho, tanto na forma de recursos quanto no apoio a projetos.
16) “Vou falar direto com o prefeito” - C25, que trabalha em uma Secretaria Municipal da cidade, na busca de conseguir a verba anual para o Conselho prevista na Lei 8.437 da Semana Municipal da Paz.
17) “Não sei se você vai participar, mas você está sempre com a prefeitura” - C23 ao sugerir que C25, que trabalha diretamente com a prefeitura, solicite recursos para a Noite de Cultura de Paz.
18) “Nós do COMPAZ-LD não trabalhamos com política, porém ela influencia muito nas nossas atividades. Precisaríamos não depender do governo.” - C23 ao manifestar seu descontentamento com o discurso político de que “todos são pela sustentabilidade”, mas que na prática faltam assinaturas e recursos para a execução de projetos.
19) “Estamos numa situação difícil econômica e financeira, todas as instituições estão fazendo promoções. Se cada instituição fizer um evento e repartir o produto do esforço, todos saem ganhando.” - C21 ao falar da dificuldade da venda de convites para a Tarde ComPaz, devido à concorrência de outras instituições que também promovem ações para a arrecadação de recursos financeiros.
20) “Precisa ver se, através de vocês, a gente chega nos outros conselheiros. Como eles estão no Conselho, eles têm que contribuir.

Diz respeito a todo mundo, e todo mundo pode ajudar.” - C23 ao solicitar que os conselheiros presentes na reunião falassem com os outros, que não participaram das últimas atividades do Conselho, com o intuito de conseguir mais pessoas para ajudar na venda dos convites e na organização da Tarde ComPaz. Foi feita uma divisão das pessoas que seriam contactadas pelos conselheiros presentes, conforme afinidades, disponibilidade de tempo e localização.

21) “A reunião de preparação pro Abraço Maratona foi bastante produtiva, muitas coisas vieram a somar com a nossa Rede” - C25 ao contar sobre a ajuda de recursos que as pessoas trouxeram na última reunião de organização do evento.

A partir do exposto neste capítulo, verificou-se que as relações sociais entre as pessoas, grupos e/ou organizações mudaram para facilitar ações, observadas entre um momento passado e um momento presente, principalmente na criação de parcerias e trocas de recursos. A confiança não foi um foi uma categoria encontrada explicitamente, mas está implícita em ações mencionadas, o que corrobora com Lin (1999a) de que sua natureza social é incerta e que o seu conceito não é necessariamente um componente de CS em si.

Os conflitos entre os conselheiros foram mínimos, de ordem rotineira e de fácil resolução, o que aponta para a existência de laços entre eles, boa lida com as diferenças e contribui para o CS e a sua cooperação natural, quando geram relações sociais estáveis e amigáveis. Entretanto, a existência de poucos conflitos também pode comprometer mudanças e possíveis avanços gerados por ela. Conclui-se que houve investimentos em relações sociais e que a criação de laços sociais intencionais também contribuíram para as manifestações de CS.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscou-se a compreensão de como o Capital Social (CS) se manifesta em trocas de recursos a partir de relações sociais em eventos do COMPAZ-LD. Das contribuições da pesquisa, a primeira está nas vivências encontradas pela pesquisadora, com experiências rotineiras e ocasionais, desde as dez reuniões regulares semanais, até os oito eventos realizados durante o segundo semestre de 2016, que enriqueceram o seu conhecimento em relação à pesquisa científica.

A partir das reuniões semanais, foi possível chegar a uma estrutura preliminar das relações sociais dos atores, que se formaram para a realização dos eventos, e que foram demonstradas em grafos por meio dos *softwares* Ucinet® e Netdraw®. Essas relações constituíram um evidente princípio de Redes Sociais, devido aos vínculos dos atores mais ativos nos momentos de importantes decisões em cada reunião e do período completo estudado. Por meio dessas pessoas (os atores), foi possível analisar a manifestação do CS em trocas de recursos dos eventos selecionados.

Constatou-se que 25 instituições e 50 conselheiros tinham condições para compor um conjunto de atores e formar uma Rede de Relações Sociais do COMPAZ-LD; contudo, o número de conselheiros ativos foi, em média, 10, oito dos quais tendo participado da maioria das reuniões. Então, é possível inferir que esses oito conselheiros são os principais responsáveis pelos eventos realizados nos últimos 6 meses. Ao todo, foram 33 pessoas que participaram ao menos de uma das 10 reuniões, sendo oito não conselheiros, ou seja, apenas 25 conselheiros, metade do total.

Algumas das instituições identificadas parceiras do Conselho, que não participam dele, mas que contribuíram com recursos para a realização de suas atividades foram: Plataforma Retornar, Móveis Brasília, Depósito Maringá, SS Plásticos, Rondopar, Velluc, Rede 3º Setor, Fazenda Cachoeira 2C, Computec, Vale Verde, Rivoli Massas, Malie, Editora Mecenas, E-lixo, Auto Posto Maranatha, Colégio Universitário, Carisma Contabilidade, Escola de Dança Rodrigo Rocha, Sindicato do Comércio Varejista de Londrina e Região, Sicredi e Sena Construções.

Observou-se que a tecnologia é muito importante para a realização das atividades do Conselho, pelo uso de *sites* e mídias sociais (Facebook® e WhatsApp®), que serviram para a divulgação e organização de eventos, e pelo uso da Plataforma Retornar®, para campanhas e promoções de arrecadação de recursos.

O COMPAZ-LD realizou um número de atividades bastante expressivo ao longo do ano, conforme apresentado no seu calendário (*SITE* COMPAZ-LD, 2016). Durante os seis meses (julho a dezembro) de acompanhamento da pesquisadora, todos os eventos listados no calendário aconteceram no dia proposto, com exceção da 13° Noite de Cultura de Paz, por motivos externos ao Conselho, o que demonstra a sua boa organização.

Como proposto no percurso metodológico, foram feitas rodadas de perguntas com o grupo presente na reunião do dia 07/12/16. O clima foi bastante amigável entre os conselheiros, com muitos risos e brincadeiras, várias referências a C21 com mostra de respeito e admiração pelo seu trabalho, leve discordância sobre opiniões e respostas curtas ao se tratar do CS, enquanto que a ideia de Redes trazia respostas longas, o que demonstra maior contato com o tema.

Dado que foram feitas duas perguntas simples que demandavam respostas rápidas e concisas, e enfatizado pela pesquisadora que as respostas deveriam ser curtas, percebeu-se um sentimento de valorização pessoal; quando cada um tratava de si mesmo, uma necessidade de ser ouvido. À medida que as falas tornavam-se longas, traziam outros elementos da pergunta em si, lembranças do surgimento do COMPAZ-LD, das relações entre os conselheiros e das funções que cada um desempenhava na cidade. Dessa forma, observa-se a importância de as pessoas terem um espaço maior durante as reuniões, para que possam, além de expor suas ideias, também se sentirem incluídas e participativas dentro do grupo.

Encontrou-se a sustentabilidade tanto explicitamente quando implicitamente nas ações do Conselho, por meio do evento Terceiro Manifesto pela Paz e Pelo Desarmamento Infantil, pelas falas relacionadas ao capitalismo e a necessidade de se trabalhar juntos e pela própria proposta do COMPAZ-LD, a promoção da paz na cidade de Londrina, que envolve tantas esferas interligadas da sociedade (FOLADORI, 2001; LEFF, 2010; HOPWOOD *et al*., 2005).

Conclui-se que o CS é um dos fomentadores do Conselho, conforme constatado em suas 5 manifestações e em seus 21 indícios apontados, e que ele se

manifestou por meio de 11 categorias, 1) Regras de reciprocidade, 2) Capacidade associativa, 3) Cooperação, 4) Obrigação, 5) Mecanismo eficiente, 6) Interesses de grupos sociais, 7) Redes e Relações Sociais, 8) Investimento em Relações Sociais por retornos esperados, 9) Obtenção de recursos imersos por ações instrumentais, 10) Capacidade potencial (de acesso) e 11) Utilização efetiva (mobilização).

Não foram observadas novas categorias de CS além das encontradas na teoria e uma das encontradas na teoria não foi observada nas manifestações do COMPAZ-LD: relações horizontais. Inclusive, foram observadas relações verticais na formação das Redes de Relações Sociais do Conselho, o que demonstra diferença do que consta na teoria e do que foi percebido na unidade de análise. A principal relação encontrada entre Redes Sociais e CS é a de que o CS realmente só se manifestou por meio da Rede Social, o que está de acordo com a teoria de Lin (1999a, 2005).

Com a vivência do processo investigativo e de interação organizacional, a pesquisadora deixa algumas contribuições (sugestões) ao COMPAZ-LD por acreditar em seus ideais e torcer por suas conquistas: 1) inovar o formato do Abraço no Lago, com atividades mais práticas durante o evento, 2) investir em ações de *marketing* para a divulgação de suas atividades e propostas, 3) abrir um espaço maior para a discussão conjunta das decisões administrativas, 4) periodicamente, abrir um espaço para os conselheiros exporem questões pessoais, na busca da fortificação dos laços de amizade e confiança entre eles, além do sentimento de valorização ao ser ouvido, e 5) investir em um curso de informática para que alguns conselheiros que demonstraram menos facilidade com o uso de ferramentas tecnológicas aprendam mais sobre isso, dado que são muito necessárias para o Conselho.

A principal limitação para o processo da pesquisa de campo foi o estreito tempo de cronograma, devido aos prazos da Universidade Estadual de Londrina (UEL), que não possibilitou a participação presencial em outros eventos importantes do Conselho, a exemplo do 8º Abraço no Lago, da 16ª Semana Municipal da Paz e do 6º Acampamento pela Paz, nos quais a pesquisadora poderia ter coletado maiores detalhes, além de não permitir explorar mais temas e mais análises que o objeto do estudo ofereceu.

Por isso, sugestões de questões para futuros trabalhos são: como pode ser compreendida a relação do COMPAZ-LD com a Prefeitura Municipal de Londrina?

(A unidade de análise apresentou problemas de acordos financeiros com a Prefeitura). O que faz com que algumas pessoas se envolvam mais do que as outras no COMPAZ-LD? Idade, gênero, maior nível de instrução e classe econômica influenciam na participação de pessoas no COMPAZ-LD? Como a *internet* tem influenciado nas Redes Sociais? (Observou-se que a *internet* é uma ferramenta de grande utilidade para a operacionalização das atividades do Conselho). Como podem ser comparadas as Redes Sociais virtuais e as tradicionais? Como os laços fortes e fracos se relacionam com o CS? E com a sustentabilidade? As decisões concentradas em uma pessoa ou em um grupo pequeno facilitam ou prejudicam a manifestação do CS?

Foi incentivador observar a credibilidade que os conselheiros depositaram na pesquisa científica, na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na UEL, com a valorização, receptividade e disposição em participar e contribuir com esta dissertação. Deixo aqui o meu agradecimento final e admiração aos conselheiros ativos do COMPAZ-LD, que, com exaustivo e dedicado trabalho, buscam a cultura de paz, tão desejada para a nossa cidade.

REFERÊNCIAS

ADLER, P. S. The future of critical management studies: a paleo-marxist critique of labour process theory. **Organization Studies**, v. 28, n. 9, p. 1313-1345, 2007.

AMÂNCIO, L. B. O. J. R. **Algumas observações sobre "A democracia na América" e os primórdios do conceito de capital social**. 2007. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

ARAÚJO, L. F. S.; DOLINA, J. V.; PETEAN, E.; MUSQUIM, C. A.; BELLATO, R.; LUCIETTO, G. C. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. **Revista Brasileira Pesquisa Saúde**, Vitória, Espírito Santo, p. 53-61, jul/set, 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BECKERT, J. The great transformation of embeddedness: Karl Polanyi and the new economic sociology. **MPIfG Discussion Paper**, n. 1, v. 07, 2007.

BECK, U. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34, 2010.

BONDENEWS. Conselho Municipal do Idoso conquista o 1° lugar do Prêmio de Boas Práticas. Disponível em: <http://www.bonde.com.br/bondenews/londrina/conselho-municipal-do-idoso-conquista-o-1-lugar-do-premio-de-boas-praticas-429329.html>. Acesso em 08 jan. 2017.

BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**: elements of the sociology of corporate life. Hants: Ashgate, 1979.

BURT, R. S. **Structural holes**: the social structure of competition. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

_____. A note on social capital and network content. **Social Networks**, v. 19, n. 4, p. 355-373, 1997.

_____. The gender of social capital. **Rationality and Society**, v. 10, n. 1, p. 5-46, 1998.

_____. The network structure of social capital. **Research in Organizational Behaviour**, v. 22, p. 345-423, 2000.

_____. Structural holes versus network closure as social capital. In: Lin, N; Cook, K; Burt, S. R. (Eds). **Social capital**: theory and research. New York: Aldine de Gruyter, 2001.

BROIETTI, C. **Gastos públicos ambientais dos municípios do consórcio intermunicipal CORIPA**: estudo das influências de ações originados em laços

sociais. 2015. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

COLEMAN, J. S. Social capital in the creation of human capital. **The American Journal of Sociology,** v. 94, p. 95-120, 1988.

_____. **Foundations of social theory**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1990.

CRESWELL, J. W. **Research design**: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Thousand Oaks, California: Sage, 2009.

D'ARAUJO, M. C. **Capital social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

DATASUS. Relatório consolidado do Bolsa Família. Disponível em: <http://bolsafamilia.datasus.gov.br/w3c/consol_estado_consol_bfa.asp?gru=2T&vigencia=30&vigatual=S&uf=PR&regional=4117&regiaosaude=00&cob=1&brsm=1>. Acesso em 28 jan. 2016.

DAVIDSON, D. J.; FRICKEL, S. Understanding environmental governance. A critical review. **Organization & Environment**, v. 17, n. 4, p. 471-492, 2004.

DOBBIN, F. Comparative and historical perspectives in economic sociology. In SMELSER, N.; SWEDBERG, R. (Eds.). **The handbook of economic sociology**, 2 ed. Princeton, NJ: Princeton University Press and Russell Sage Foundation, 2005, p. 26-48.

DUCCI, N. P. C.; TEIXEIRA, R. M. As redes sociais dos empreendedores na formação do capital social: um estudo de casos múltiplos em municípios do norte pioneiro no estado do paraná. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 9, n. 4, p. 967-997, 2011.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUERREIRO RAMOS, A. **A nova ciência das organizações**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989.

GODOI, C. K.; MATTOS, P. L. C. L. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 301-323.

GODOY, A. S. O estudo de caso qualitativo. p. 115-144. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GONÇALVES, D. M. **As relações sociais pela gênese de uma cooperativa de catadores de resíduos sólidos urbano do norte paranaense sob a perspectiva**

da Imersão Social de granovetter (2007, 1992, 1993). 2012. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

GRANOVETTER, M. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. **RAE**, v. 6, n. 1, jan/jun, 2007.

_____. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. **American Journal of Sociology**, v. 91, n. 3, p. 481-510, 1985.

_____. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973.

FARIA, J. H. Teoria crítica em estudos organizacionais no Brasil: o estado da arte. **Cadernos EBAPE**, v. 7, n. 3, p. 1-7, 2009.

FERNANDES, E. A. **O ativismo digital do anonymous na #OpVenezuela**: processos de intervenção e interação na sociedade sustentável. 2015. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

FOLADORI, G. **Limites do desenvolvimento sustentável.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.

FÓRUM DESENVOLVE LONDRINA. Disponível em: <http://www.forumdesenvolvelondrina.org/>. Acesso em: 08 set. 2016.

FUKUYAMA, F. Capital social. In: HARRISON, L. E.; HUNTINGTON, S. P. **A cultura importa**. São Paulo: Record, 2001.

IBGE. Cidades. 2015. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=411370search=parana>. Acesso em 28 abr. 2016.

IPARDES. **Caderno estatístico município de Londrina**. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=86000>. Acesso em 05 jan. 2017.

_____. **Paraná em números**. 2016. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/index.php?pg_conteudo=1&cod_conteudo=1>. Acesso em 28 abr. 2016.

JORNAL DA TAROBÁ. Manifestações pela paz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MKs9hPpR5VA>. Acesso em: 15 fev. 2017.

TV COROADOS. Estudantes pedem o fim da violência. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TxS5nVa7Zlc>. Acesso em: 15 fev. 2017.

KILDUFF, M.; TSAI, W. **Social networks and organizations**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2003.

KRUEGER, R. A. **Focus group**: a pratical guide for applied research. 2nd. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.

LEFF, E. **Discursos sustentáveis**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

LIN, N. **A network theory of capital social. 2005**. Disponível em: <http://pro-classic.com/ethnicgv/SN/SC/paper-final-041605.pdf>. Acesso em 7 mai. 2016.

_____. Building a network theory of social capital. **Connections**, v. 22, n. 1, p. 28-51, 1999a.

_____. **Social capital**: A theory of social structure and action. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

LONDRINA. Lei nº 10.388, de 19 de dezembro de 2007. Cria o Conselho da Cultura de Paz – COMPAZ-LD-LD e dá outras providências. **Câmara Municipal de Londrina,** Londrina, 19 dez. 2007.

LONDRINA PAZEANDO. Disponível em: < http://www.londrinapazeando.org.br/>. Acesso em: 08 set. 2016.

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa crítica / etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro 2010.

MARTES, A. C. B.; ABRAMOVAY, R.; LOUREIRO, M. R.; SERVA, M.; SERAFIM, Mauricio C. Apresentação do Fórum de Sociologia Econômica. Revista de Administração de Empresas, v. 47, n. 2, p. 10-14, 2007.

MARTES, A. C. B.; BULGACOV, S.; NASCIMENTO, M. R. do; GONÇALVES, S. A.; AUGUSTO, P. M. Fórum – Redes sociais e interorganizacionais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 46, n. 3, p. 10-15, 2006.

MASSARO, M. L. **A inserção socioeconômica de catadores de recicláveis em Londrina, Paraná**: a influência de ações econômicas em Imersão Social de Redes Sociais. 2015. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

MITCHELL, J. C. (Ed.). **Social networks in urban situations**. Manchester: University of Manchester Press, 1969.

MORGAN, D. L. **Focus groups as qualitative research**. Beverly Hills: Sage Publications, 1988.

PAES DE PAULA, A. Maurício Tragtenberg: contribuições de um marxista anarquizante para os estudos organizacionais críticos. **RAP**, v. 42, n. 5, p. 949-968, 2008.

POLANYI, K. **The great transformation**: the political and economics origins of our time. New York: Rinehart, 1944.

_____. **A grande transformação**: as origens de nossa época. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2000.

PREFEITURA DE LONDRINA. Conselho promove ato pela paz mundial neste sábado (6). Disponível em:

<http://www1.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_acymailing&ctrl=archive&task=view&listid=10-imprensa&mailid=10639-conselho-promove-ato-pela-paz-mundial-neste-sabado-6&tmpl=component>. Acesso em: 05 jan. 2017.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia**: a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

REDE NOSSA SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.nossasaopaulo.org.br/>. Acesso em: 08 set. 2016.

RETORNAR. Doe produtos e serviços. Disponível em: < https://retornar.com.br/Publico/Home/ComoFunciona>. Acesso em: 12 jan. 2017.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ROMAGNOLO, D. F. **A imersão de redes sociais em ações de participação cidadã no Movimento Social pela Paz em Londrina - Paraná.** 2016. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

ROMAGNOLO, D. F.; FERNANDES, E. A.; DE LIMA, C. E.; DUTRA, I. S. Movimento Pela Paz e Não-Violência - Londrina Pazeando: atores proeminentes como possíveis facilitadores de mobilizações na rede social. In: II Encontro Latino Americano de Universidades Sustentáveis. **II Encontro Latino Americano de Universidades Sustentáveis**. Porto Alegre, p. 1-14, 2015.

SANTOS, L. M. L. **Socioeconomia**: solidariedade, economia social e as organizações em debate. São Paulo: Salta Atlas, 2014.

SERVA, M.; ANDION, C. Teoria das organizações e a nova sociologia econômica: um diálogo interdisciplinar. **RAE**, Rio de Janeiro: FGV, v. 46, n. 2, p. 10-21, abr./jun. 2006.

STORINO DOS SANTOS, F. F. **Capital social**: vários conceitos, um só problema. 2003. Dissertação (Mestrado em Administração Pública e Governo) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo, 2003.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SWEDBERG, R. Sociologia econômica: hoje e amanhã. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, v. 16, n. 2, p. 7-34, 2004.

TICHY, N. M.; TUSHMAN, M. L.; FOMBRUN, C. Social network analysis for organizations. **Academy of Management. The Academy of Management Review**, Briarcliff Manor, v. 4, n. 4, p. 507-519, Oct. 1979.

TOCQUEVILLE, A. **A democracia na América**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

WCED. **Our common future**. Oxford: Oxford University Press, 1987.

APÊNDICES

APÊNDICE A - CATEGORIAS DE CAPITAL SOCIAL

Quadro 14 - Categorias relacionadas ao Capital Social

Fonte	Categorias
Tocqueville (2010)	1) Democracia 2) Associativismo 3) Menor participação do Estado 4) Comunidade cívica
Coleman (1990)	5) Empoderamento coletivo 6) Estrutura social
Putnam (2007)	7) Regras de reciprocidade 8) Sistemas de participação cívica 9) Engajamento cívico 10) Capacidade associativa 11) Confiança 12) Redes
D'Araújo (2003)	13) Confiança 14) Cooperação 15) Bens coletivos 16) Mutualidade 17) Reciprocidade
Fukuyama (2001)	18) Cooperação mútua 19) Confiança recíproca 20) Obrigação 21) Honestidade 22) Associações 23) Menor participação do Estado 24) Mecanismo eficiente 25) Interesses de grupos sociais
Franco (2001)	26) Confiança 27) Reciprocidade 28) Solidariedade 29) Cooperação 30) Relações horizontais 31) Redes e Relações Sociais
Lin (2005)	**32) Investimento em Relações Sociais por retornos esperados** **33) Obtenção de recursos imersos por ações instrumentais ou expressivas** **34) Capacidade potencial (de acesso)** **35) Utilização efetiva (mobilização)**

Fonte: Autora.

APÊNDICE B - FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO DA PESQUISA

Prezado(a) senhor(a), agradecemos desde já sua disposição em nos encontrar. Gostaríamos de convidá-lo(a) a colaborar na realização da pesquisa descrita neste formulário. Antes de tomar a decisão final sobre sua colaboração, não hesite em fazer à equipe de pesquisa todas as perguntas que julgar necessárias. Se o(a) senhor(a) aceitar participar da pesquisa, o seu nome e de outras pessoas que possam aparecer serão preservados com nomes fictícios. A equipe de pesquisa conservará consigo o original deste formulário assinado e lhe enviará uma cópia.

Tema da pesquisa:

CAPITAL SOCIAL NAS TROCAS DE RECURSOS POR AÇÕES DE CONFIANÇA DA REDE SOCIAL DO CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA DE PAZ (COMPAZ-LD) EM LONDRINA-PR

Composição da equipe de pesquisa:

Jessica Takano, discente do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina. Telefone (43) 9657-8554. Correio eletrônico: jessica.takano@hotmail.com

Sob orientação: Prof. Dr. Ivan de Souza Dutra, professor da Universidade Estadual de Londrina. Telefone (43) 3371-4092/3371-4275.

Fomento: CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

Descrição da pesquisa:

Esta pesquisa tem a seguinte finalidade: compreender o Capital Social nas trocas de recursos mobilizados por ações em confiança, imersas nas relações sociais de atores do Conselho Municipal de Cultura de Paz (COMPAZ-LD) de Londrina-PR. Entendemos por “Capital Social” recursos incorporados em Redes Sociais por meio de laços e relações sociais.

A participação do COMPAZ-LD será de muito valor, por apresentar grande relevância em suas atividades e por possuir princípios que se apoiam em contextos de sustentabilidade.

Na publicação dos resultados os nomes serão mantidos em segredo, apenas solicitamos o consentimento para que as posições nas organizações que representam sejam reveladas na dissertação finalizada e nos artigos realizados.

Não hesite em entrar em contato diretamente conosco sobre toda e qualquer questão a respeito desta pesquisa.

Muito obrigada!
Jessica Takano

Consentimento a assinar:

Participação na pesquisa

Após ter lido e entendido o texto precedente e ter tido a oportunidade de receber informações complementares sobre o estudo, eu autorizo, de livre e espontânea vontade, que o COMPAZ-LD participe da coleta de dados para esta pesquisa na temática de “Capital Social em resultados da Rede Social do Conselho Municipal de Cultura de Paz (COMPAZ-LD) em Londrina-Pr”.

Entendo que posso pedir o cancelamento da participação na pesquisa em até duas semanas da assinatura desse formulário, o que anulará o meu aceite e proibirá a pesquisadora de utilizar as informações obtidas até então. Por outro lado, o meu aceite significa que essas informações podem ser utilizadas para a academia e para a ciência.

Eu autorizo à **Jessica Takano** e ao **Grupo de Estudos de Redes Sociais, Organizacionais e Sustentabilidade (REOS)** a revelar e divulgar posições ocupadas e os nomes das organizações participantes do COMPAZ-LD, bem como suas características relativas, nos artigos, trabalhos acadêmicos, textos e dissertação que redigirão a partir da pesquisa da qual trata este formulário de consentimento.

Data: _____

Local: _____

Nome do(a) presidente do COMPAZ-LD: _____

Assinatura do(a) presidente do COMPAZ-LD:_____

Nome do(a) pesquisador(a): _____

Assinatura do(a) pesquisador(a):_____

Este texto tem por finalidade assegurar os direitos dos colaboradores na pesquisa quanto a questões éticas. Qualquer sugestão ou solicitação pode ser diretamente encaminhada à equipe de pesquisa. Para contato com o PPGA-UEL: (43) 33714275.

APÊNDICE C - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

a) Eventos

1. Como funcionam as reuniões?
2. Como surgem as ideias dos eventos?
3. Como as decisões são tomadas?
4. Quem são os responsáveis?
5. Como se delegam as funções?
6. Como funciona a operacionalização?

b) Relações Sociais

1. Composição da Rede
    a. Concepção de Rede para os atores
    b. Os atores se percebem em uma Rede?
    c. Concepção da Rede para a pesquisadora
2. Atores proeminentes
3. Fronteiras da Rede

c) Capital Social

1. Reciprocidade
2. Capacidade associativa
3. Confiança
4. Cooperação mútua
5. Obrigação
6. Mecanismo eficiente
7. Interesses de grupos sociais
8. Relações horizontais
9. Redes e Relações Sociais
10. Investimento em Relações Sociais por retornos esperados
11. Obtenção de recursos imersos por ações instrumentais ou expressivas
12. Capacidade potencial (de acesso)
13. Utilização efetiva (mobilização)

*(Quais categorias mais se manifestam nas reuniões e eventos do COMPAZ-LD? Como são observadas pela pesquisadora? Como isso influencia ou é influenciado na Rede de Relações Socias formada? Há p*ontos da teoria que não se aplicam? Há lacunas na teoria encontradas na prática?)

* Sustentabilidade

(Como é observada pela pesquisadora? Qual abordagem mais se aproxima (HOPWOOD et al., 2005)?)